



SILAS DANIEL



HABACUQUE

*A vitória da fé
em meio ao caos*



SILAS DANIEL

HABACUQUE

*A vitória da fé
em meio ao caos*



Todos os direitos reservados. Copyright © 2005 para a língua portuguesa da Casa Publicadora das Assembléias de Deus. Aprovado pelo Conselho de Doutrina.

Preparação dos originais: Gleyce Duque

Revisão: Ciro Sanches Zibordi

Capa e projeto gráfico: Eduardo Souza

Editoração: Wagner de Almeida

CDD: 220.7 - Comentários

ISBN: 85-263-0759-2

As citações bíblicas foram extraídas da versão Almeida Revista e Corrigida, edição de 1995, da Sociedade Bíblica do Brasil, salvo indicação em contrário.

Para maiores informações sobre livros, revistas, periódicos e os últimos lançamentos da CPAD, visite nosso site: <http://www.cpad.com.br>

SAC — Serviço de Atendimento ao Cliente: 0800-701-7373

Casa Publicadora das Assembléias de Deus

Caixa Postal 331

20001-970, Rio de Janeiro, RJ, Brasil

2ª impressão 2010

Aos meus pais, o pastor Josué Daniel e Ediva, que ensinaram-me desde cedo as Sagradas Letras; a meus irmãos, Josué e Paulo, com quem sempre compartilhei as minhas primeiras descobertas acerca do Livro Santo; e à minha amada esposa, Lília, presente de Deus para minha vida. Você é melhor que o melhor dos meus sonhos!
Eu a amo de todo coração.

Sumário

Primeira parte: O diário do profeta-filósofo

CAPÍTULO 1 – Quem era Habacuque?.....	16
CAPÍTULO 2 – O profeta-filósofo, sua época e seu diário.....	24

Segunda parte: O primeiro enigma (1.1-11)

CAPÍTULO 3 – O enigma da oração não respondida (1.1-4).....	36
CAPÍTULO 4 – A resposta de Deus (1.5-11).....	46

Terceira parte: O segundo enigma (1.12-2.20)

CAPÍTULO 5 – O enigma do instrumento (1.12-17).....	58
CAPÍTULO 6 – Esperando a resposta (2.1).....	70
CAPÍTULO 7 – Decifrando o enigma (2.2-4).....	78
CAPÍTULO 8 – O justo viverá pela sua fé (2.4) – 1ª parte.....	86
CAPÍTULO 9 – O justo viverá pela sua fé (2.4) – 2ª parte.....	98
CAPÍTULO 10 – Os cinco “Ais” (2.5-20) – 1ª parte.....	106
CAPÍTULO 11 – Os cinco “Ais” (2.5-20) – 2ª parte.....	114

Quarta parte: Fé e adoração apesar do caos (3.1-19)

CAPÍTULO 12 – O profeta-intercessor (3.1).....	124
CAPÍTULO 13 – Orando por avivamento (3.2) – 1ª parte.....	132
CAPÍTULO 14 – Orando por avivamento (3.2) – 2ª parte.....	146
CAPÍTULO 15 – A Teofania – 1ª parte (3.3-15).....	156
CAPÍTULO 16 – A Teofania – 2ª parte (3.3-15).....	168
CAPÍTULO 17 – “Todavia, eu me alegrarei” – Da queixa ao louvor (3.16-18).....	178
CAPÍTULO 18 – Pés como os da corça (3.19).....	190

Apresentação

Sinto-me ufanoso em apresentar esta obra, a qual vem enriquecer a nossa bibliografia evangélica. Parodiando o Senhor Jesus, que disse que “o homem bom tira boas coisas do seu bom tesouro” (Mt 12.35), o irmão Silas Daniel faz o mesmo para a posteridade, com sua obra *Habacuque – a vitória da fé em meio ao caos*. Por sua nímia lhaneza, o preclaro autor desta meritória obra quis que emitisse meu modesto parecer sobre ela.

O excelente comentário que o leitor tem em mãos, sobre o “profeta da fé”, vem a lume em um tempo assaz oportuno, posto que há poucas obras circulando no vernáculo sobre o principal assunto do livro: a imprescindível fé em Deus (Hc 2.4). Fé na santidade de Deus e na sua justiça (1.12). E também fé perseverante, demonstrada e galardoada (2.1-3).

É possível que o profeta Habacuque, um dos doze profetas chamados Menores devido ao reduzido volume de seus livros, tenha sido coetâneo de Jeremias durante o reinado de Joaquim, rei de Judá, conclusão essa derivada da natureza dos pecados arrolados em seu livro – isso pouco tempo antes do desterro do povo de Judá pelos babilônios (1.6). Habacuque possivelmente conheceu os profetas Daniel e Ezequiel.

Em seu livro, o profeta deixa ver que era um levita e cantor sacro no Templo de Deus em Jerusalém, na época que precedeu o exílio babilônico do povo de Israel. Os profetas, pela singularidade de seu

ministério, falavam ao homem concernente a Deus, entretanto Habacuque primeiramente fala a Deus concernente ao homem.

A mensagem de Habacuque é muito oportuna para os dias de hoje, porque revela que Deus ainda está no controle do mundo como Senhor da História, fato evidente no segundo capítulo de seu livro, uma resposta às indagações do profeta.

Que muitos sejam instruídos e edificados para o louvor de Deus pela leitura desta obra, que foi escrita para enaltecer o Senhor.

*Pastor Antonio Gilberto
Consultor doutrinário e teológico da CPAD*

Prefácio

Há livros que vêm ao lume depois de acalentá-los durante meses ou anos em nosso coração, como um filho que vem à luz depois de nove meses de gestação. Tais livros, concebidos em nosso íntimo, já vêm com seus começos e perorações traçados desde a concepção. Só esperávamos a oportunidade de levá-los à existência. Claro que, com o passar do tempo, antes de surgirem para o mundo, eles foram sendo refinados interiormente, mas a sua essência, mesmo depois de materializados, permaneceu a mesma. Tão somente, porque não tínhamos tempo para dar-lhes vida, seu surgimento foi adiado.

Há outros, no entanto, que nos vêm como certas chuvas de verão, repentinamente, sem esperarmos, mas com resultados igualmente agradáveis. Este livro que você tem em mãos é um deles. Não planejava escrevê-lo. Havia outros projetos em gestação, mas ele acabou vindo primeiro. Foi fruto de uma grata sugestão do pastor Claudionor Corrêa de Andrade, gerente de Publicações da CPAD; e do incentivo do irmão Ronaldo Rodrigues de Souza, diretor-executivo da Casa, e do pastor Antonio Gilberto.

Escrever *Habacuque – A vitória da fé em meio ao caos* foi um desafio, porque o fiz envolto em muitas atividades como superintendente de Escola Bíblica Dominical, editor do jornal *Mensageiro da Paz*, pregando em eventos pelo Brasil e cursando mais uma faculdade. Mas posso dizer também que foi uma experiência muito edificante.

Tanto foi que posso afirmar, sem dúvida, que em meio a tantas ocupações fui edificado de cinco formas: orando, fazendo minha leitura devocional das Escrituras, cultuando na comunhão com meus irmãos em Cristo, conversando sobre as coisas de Deus e, também, debruçando-me no estudo de Habacuque.

Em outras palavras, em vez de se tornar apenas mais uma atividade, escrever esta obra foi um exercício devocional.

Habacuque é um dos meus livros prediletos do Antigo Testamento. Não que os outros não sejam-me especiais. Amo toda a Bíblia, do primeiro ao último verso. Porém, é fato que determinados livros ou textos bíblicos, em alguns momentos da nossa vida, ganham um realce ainda maior.

Já preguei em Habacuque inúmeras vezes e sempre amei seu conteúdo. Sua mensagem é extraordinária, extremamente pertinente, confortadora, exortativa e contundente. Por isso, escrever esse comentário foi uma experiência rica. A cada reflexão, uma nova mensagem; a cada frase, um novo tesouro.

Tal experiência levou-me a um dilema: Deveria tornar esta obra um comentário bíblico massudo ou um devocional?

Sou apaixonado pelo estudo das Sagradas Escrituras, mas também tenho dedicado-me a pregá-la fervorosamente, com toda a devoção do meu ser. Como reflexo disso, não consigo escrever uma obra que não traga, de alguma forma, além do estudo sistemático, aplicações práticas para a vida cristã. Resolvi, portanto, optar por um meio termo.

Tentei escrever *Habacuque – A vitória da fé em meio ao caos* como um comentário que não fosse nem superficial (pois é enriquecido com subsídios hermenêuticos e exegéticos), nem massudo. A idéia é a de um comentário bíblico incrementado com abordagens devocionais. Ou seja, há uma quantidade razoável de subsídios que se completam com abordagens voltadas ao coração.

Na minha abordagem exegética e hermenêutica, recorri a dicionários teológicos e obras de referência. Nesse ponto, foi-me de grande valia o comentário de Calvino sobre Habacuque em inglês, talvez o mais excelente já escrito sobre esse profeta. Todavia, auxiliaram-me também os escritos de Agostinho, Lloyd-Jones, James Packer, Clive

Staples Lewis, Charles Spurgeon, David Wilkerson, Dietrich Bonhoeffer, Aiden Tozer, Orland Spencer Boyer, Warren Wiersbe, entre outros. Suas reflexões enriqueceram e abalizaram as minhas.

Em suma, meu desejo é que eu tenha conseguido traduzir para o seu coração a importância da mensagem de Habacuque para os nossos dias. Assim, ao ler esta obra, espero que seja tão edificado quanto fui.

A Deus seja a glória!

Rio de Janeiro, 6 de outubro de 2003

O autor

O DIÁRIO DO
PROFETA-FILÓSOFO

1

QUEM ERA HABACUQUE?

Um dia o financista Oto Kahn foi com o cineasta Cecil B. de Mille assistir ao filme deste, intitulado “Os Dez Mandamentos”. Uma das cenas grandiosas do filme é a da dança ao redor do bezerro de ouro. Ao ver aquele mar humano movendo-se em toda a tela, Kahn não demonstrou entusiasmo, embora tenha ficado com seus olhos fixos no filme o tempo todo, bem acomodado em seu cantinho no escuro. De Mille, querendo impressionar seu convidado, lhe perguntou:

– Sabe quantas pessoas figuram nesta cena?

– Não tenho idéia – respondeu Kahn.

– Duas mil e quinhentas – falou o cineasta em tom sobranceiro, completando: – Que achas disto?

– Nada! – disse o financista sem olhar para De Mille, levando-o à indignação.

– Pedante! – explodiu o cineasta.

Kahn, inalterado, virou-se para o grande diretor e perguntou:

– O senhor já viu o quadro *A Rendição de Breda*, de Velásquez?

– Não.

– Olhando esse quadro – prosseguiu Kahn calmamente – tem-se a impressão de que, no fundo dele, há uma verdadeira floresta de lanças. Porém, se você contá-las, uma por uma, vai verificar que há exatamente vinte e oito!

“Deus, o maior artista de todos, usa os obscuros tanto quanto o que está em evidência. Do nada, Ele cria tudo. Do pouco, Ele produz a abundância”

No escuro, o financista sorriu para De Mille e acrescentou em tom cortês:

– Velásquez era artista!

Às vezes, coisas pequenas ou obscuras podem promover grandes resultados. Por isso os detalhes são tão importantes quanto o conjunto. No Reino de Deus, isso é bastante comum.

Paulo, escrevendo a sua primeira epístola aos crentes em Corinto, observa que Deus, não poucas vezes, costuma usar o obscuro, o ignorado e o desconhecido para a concretização de seus grandes propósitos (1Co 1.27-28). Esse ensino do apóstolo aos gentios lembra a célebre frase do pensador Walter Savage Landor: “Quando homens pequenos projetam longas sombras, é sinal de que o sol está entrando”.

Há muitos homens de Deus que aparecem nas Sagradas Escrituras desempenhando funções importantes em situações de extrema tensão e, no entanto, têm suas histórias relatadas fugazmente. Alguns sequer têm seus nomes registrados. O que se pode dizer deles dá no máximo para ser escrito na palma de uma mão ou numa unha, mas eles funcionam como peças fundamentais na transformação de cenários e conjunturas através do poder de Deus.

É assim que ocorre, por exemplo, com alguns profetas anônimos, como os de 1 Reis 20; com a menina que servia na casa de Naamã, general do exército sírio; com Jabez, em 1 Crônicas 4.9-10; e com alguns discípulos de Jesus. No entanto, é preciso dizer que tudo o que Deus nos deixou saber sobre eles já é o suficiente para a nossa edificação. Serve-nos de sombra para a caminhada.

Deus, o maior artista de todos, usa os obscuros tanto quanto o que está em evidência. Do nada, Ele cria tudo. Do pouco, Ele produz a abundância. De um pequeno livro, Ele traz uma das maiores lições de fé de todos os tempos.

É o caso de Habacuque. Nada se sabe desse profeta menor, a não ser o que se pode deduzir pelo seu livro. As pistas são escassas. No entanto, o conteúdo de sua obra é absolutamente singular.

PROFETA MENOR

É importante dizer que a designação “profeta menor” não diz respeito, é óbvio, à qualidade do livro em relação aos demais do Velho Testamento. Os Profetas Maiores, como Jeremias e Isaías, ganharam essa nomenclatura devido à profusão do que colocaram a lume. Os Profetas Menores (Oséias, Joel, Amós, Obadias, Jonas, Miquéias, Naum, Habacuque, Sofonias, Ageu, Zacarias e Malaquias) são assim chamados devido à quantidade proporcionalmente pequena do material por eles produzidos. Justamente por isso, seus livros foram aglutinados em um único rolo pelos eruditos judeus.

Entre os famosos Rolos do Mar Morto, descobertos na primeira caverna de Qumram em meados do século passado, encontra-se um manuscrito de Habacuque, contendo os capítulos 1 e 2 de sua profecia. Trata-se de um texto hebraico pré-massorético, isto é, escrito em hebraico antigo, um pouco diferente do falado hoje.

Massorético diz respeito à Massorá, do hebraico *massorat*, que significa tradição. É o conjunto de comentários críticos e gramaticais acerca do Velho Testamento, compostos por doutores judeus.

Nesse manuscrito de Habacuque encontrado no Mar Morto, enquanto o nome de Deus aparece sempre com caracteres do hebraico antigo, no seu respectivo comentário ele é evitado. Em lugar dele, usa-se uma palavra hebraica mais simples – *El*, que quer dizer Deus. Os especialistas afirmam que o manuscrito teria sido escrito perto do fim do primeiro século a.C. Isso o torna o manuscrito hebraico mais antigo do livro de Habacuque de que se tem notícia.

“O ABRAÇADO”

Bem, o que podemos saber de concreto sobre a pessoa de Habacuque? Pelo menos quatro coisas.

Em primeiro lugar, só ele, em todas as Sagradas Escrituras, recebe esse nome, que pode significar “abraçado”, “abraço” ou “abraço amoroso”. Segundo especialistas, seu nome deriva provavelmente de um vocábulo assírio usado para designar uma planta (*Hambakuku*) e cujo significado pode ser também e simplesmente “vegetal”.

Na Septuaginta, seu nome é *Ambakoum*. Jerônimo, no quinto século d.C., afirmou que o nome do profeta derivava de uma raiz hebraica cujo significado era “segurar”, e que recebera esse nome ou por causa do seu amor a Deus ou porque lutara com Ele.

Uma tradição dos rabinos liga o nome do profeta a 2 Reis 4.16, fazendo-o filho da sunamita (“Disse-lhe o profeta: Por este tempo, daqui a um ano, *abraçarás um filho...*”). Outros escritores rabínicos o identificam como o atalaia de Isaías 21.6 e asseguram ser ele da tribo de Levi. Já algumas obras apócrifas dizem que Habacuque pertencia à tribo de Simeão e que nascera em Baitzocar, de onde fugiu para Ostrarine, na Arábia, durante o ataque de Nabucodonosor a Jerusalém.

Eusébio de Cesaréia declara, em seu relato sobre a história da Igreja, que existia em Ceila, na Palestina, um suposto túmulo do profeta ¹. Há ainda a lenda apócrifa de Bel e o Dragão, onde Habacuque aparece sendo levado pelos cabelos até Daniel, salvando-o pela segunda vez da cova dos leões (sic)!

Apesar de tudo isso ser nitidamente fantasioso ou no mínimo duvidoso, há uma coisa concreta que podemos extrair daí, e que é a segunda informação sólida que temos sobre Habacuque. Todas essas lendas apontam para o mesmo período histórico, corroborando o que se pode discernir do contexto de seu livro: ele ministrou no sétimo século antes de Cristo.

PROFETA E LEVITA

A terceira informação que podemos inferir sobre a vida desse homem de Deus é que, por se apresentar diretamente como profeta (Hc 1.1), ele era possivelmente membro de alguma Casa ou Escola de Profetas. Essa instituição funcionava como seminário e, além de ensinar, arquivava fatos importantes da vida da nação israelita.

Em outras palavras, além de ter o dom da profecia nos moldes veterotestamentários, tudo indica que Habacuque era um profeta profissional, isto é, uma pessoa preparada para exercer a função profética, diferentemente de boa parte dos profetas canônicos.

Os profetas canônicos são aqueles cujos livros entraram no cânone bíblico. Provavelmente poucos eram discípulos da Escola de Profetas, ou seja, profetas profissionais. Ao que parece, a maioria era de casos parecidos com o de Amós (Am 7.14,15). Habacuque seria uma das exceções.

No entanto, a quarta informação cimentada que temos sobre esse homem de Deus nos leva mais além: Habacuque era muito mais que um profeta profissional. O final de seu livro deixa claro que, de alguma forma, ele era também habilitado oficialmente a participar da liturgia do Templo: "...Ao mestre de música. Para instrumento de corda", Hc 3.19.

O termo traduzido no texto citado como "instrumento de corda" é *neginoth*, que tem em si a idéia de tanger um instrumento. Ora, os salmos não eram apenas cantados, também eram entoados. Por isso seus compositores costumavam fornecer, juntamente com suas composições, algumas informações, tais como o instrumento adequado ao cântico, o tom em que ele deveria ser tocado e, às vezes, até a voz mais apropriada. Podemos ver isso nas epígrafes dos salmos 4, 5, 6, 8, 9, 12, 22, 45, 46, 53-62, 67, 69, 75, 76, 80, 81, 84, 88 etc. O salmo 46, por exemplo, de autoria dos filhos de Coré, deveria ser cantado em voz de soprano; e o 6, de Davi, com instrumentos de corda em tom de oitava.

Esse final do livro de Habacuque mostra que o capítulo 3 de seu livro é um arranjo musical feito por ele mesmo. Logo, acredita-se que ele também era um levita. Talvez fosse membro de um grupo profissional de profetas que estavam ligados ao Templo em Jerusalém, como pode ser visto em 1 Crônicas 25.1: "Davi, juntamente com os chefes do serviço, separou para o ministério os filhos de Asafe, de Hemã e de Jedutum, para profetizarem com harpas, alaúdes e címbalos".

"A capacidade literária de Habacuque é vigorosa. Suas descrições são vívidas, e suas idéias e a forma como as expressa são tremendamente poéticas. Isso é reflexo de seu ofício, que reflete claramente seu caráter"

O texto de 1 Crônicas fala claramente que os cânticos a Deus compostos por aqueles homens separados por Davi eram considerados profecias. Isso é comprovado marcadamente em muitas passagens das Sagradas Escrituras, visto que muitos dos cânticos bíblicos são de natureza profética ou de autoria de profetas, como os salmos de Moisés e Davi.

Sem sombra de dúvida, Habacuque é um dos mais singulares profetas de toda a Bíblia. Como profeta discípulo da Casa dos Profetas, compositor e adorador, distinguiu-se dos demais Profetas Menores. E sua distinção se sobressai nas páginas de seu livro.

UM ESTILO MARCANTE

Apesar de Habacuque ser um livro diminuto, o que nos apresenta é suficiente para podermos debuxar um pouco da personalidade e conjuntura existencial desse homem de Deus, e aprendermos lições imprescindíveis à nossa caminhada. A luz de Deus projetada sobre esse profeta “menor” traz à tona ensinamentos indispensáveis à fé que deseja amadurecer, e que são expressos em um estilo marcante.

O livro de Habacuque é tanto vigoroso como comovente. O autor usa ilustrações e comparações cheias de vida (Hc 1.8,11,14,15; 2.5,11,14,16,17; 3.6,8-11).

Podemos identificar na obra pelo menos três estilos literários distintos: o diálogo entre o homem e Deus, como vemos em algumas porções do livro de Jó, o que faz lembrar uma espécie de diário (Hc 1.1-2.5); um conteúdo semelhante ao dos demais livros proféticos do Velho Testamento, na passagem dos cinco “ais” (Hc 2.6-20); e uma parte poética, semelhante aos salmos (Hc 3).

De forma geral, podemos definir esse livro salientando apenas qualquer um dos seus três estilos. Assim, podemos dizer tanto que ele é um diálogo quanto uma profecia ou um poema.

Conquanto o livro de Habacuque seja breve, é repleto de vivacidade. Essa qualidade, naturalmente, se deve, em primeiro lugar, à inspiração divina. O livro destaca a grandeza e a excelência de Deus

sobre todas as nações (Hc 2.20; 3.6,12), enfatizando a soberania divina na existência. E destaca com mesma intensidade a fé (2.4) e a exultação ao Senhor (3.18-19).

Mas, em segundo lugar, a beleza de estilo da obra se deve também à qualidade do instrumento usado por Deus para produzi-la. Se o estilo é marcante, isso também pode ser compreendido a partir do caráter de Habacuque.

UM CARÁTER MARCANTE

A capacidade literária de Habacuque é vigorosa. Suas descrições são vívidas e cheias de viço; suas idéias e a forma como as expressa são tremendamente poéticas. Isso é reflexo de seu ofício, que, por sua vez, reflete claramente seu caráter.

A vocação de Habacuque para o ofício profético e o exercício litúrgico, manifestada em sua obra, revelam sua personalidade.

Antes de tudo, ele era profeta, pois é assim que se apresenta (1.1). Como profeta, era sensível às situações espirituais e materiais vivenciadas pelo seu povo (Hc 3.2,16). Ele não suportava a injustiça, denunciando seu avanço (1.1-4). Como profeta, também era sensível à voz de Deus (1.3 e 2.1).

Mas ele também era levita e, como adorador, expressava de forma apaixonada e poética seu amor a Deus. Ele mantinha íntima comunhão com o Senhor, reconhecendo-o como o fundamento-mor de sua frágil existência (3.17-19).

A fusão dessas duas vertentes de sua vocação – a profética e a levítica – nos levam a duas facetas de Habacuque que nos fazem compreendê-lo melhor e, conseqüentemente, empatizarmos com suas angústias, questionamentos e perspectivas. São elas o profeta-filósofo e o profeta-poeta.

São sobre essas características do profeta, mais notadamente as que se referem ao profeta-filósofo, que nos debruçaremos nos próximos capítulos.

2

O profeta-filósofo, sua
época e seu diário

Habacuque é um profeta que começa seu livro com oração. Ao contrário de Sofonias (Sf 1.1), Ageu (Ag 1.1), Zacarias (Zc 1.1) e outros, que receberam a Palavra do Senhor e começaram seus livros destacando justamente seu chamado e sua vocação, Habacuque inicia sua obra na contramão. É a palavra do homem que vai ao Senhor. Não há um início relatando a chamada ao ministério profético, seguido por uma mensagem divina direta para o povo, mas uma ida do profeta a Deus. E esta ida é descrita de uma forma extremamente poética.

Um grande poema – é assim que poderíamos definir, em uma primeira tentativa, o livro de Habacuque. Rico em metáforas e expressões poéticas, ele é uma explosão de indignação, dúvidas angustiantes, fé, amor e adoração. Ao lermos sua profecia, sentimo-lo abrir seu coração a cada instante. Mas o que o levou a precipitar suas emoções tão caudalosamente? Quais foram os estopins de sua alma?

Eventos históricos de grande impacto haviam mexido com o mundo naquela época, e acredito que entendê-los é extremamente significativo se quisermos discernir as motivações, paixões e frustrações do profeta-levita.

À guisa de introdução, evocaremos primeiro o contexto político.

“Eventos históricos de grande impacto haviam mexido com o mundo naquela época, e entendê-los é extremamente significativo se quisermos discernir as motivações, paixões e frustrações do profeta-levita”

UMA CONJUNTURA ENGANOSA

Indubitavelmente, os tempos de Habacuque eram críticos. As suas apreensões se justificam plenamente pelo contexto político e espiritual de seu tempo. Se não, vejamos.

Conquanto as datas sugeridas para a profecia de Habacuque vão desde 650 a 330 a.C., a maioria dos estudiosos bíblicos está convencida de que a mais provável é a que se situa entre 609 a.C., no fim do reina-

do de Josias, e 605 a.C. Por quê?

Há apenas três referências históricas em todo o livro de Habacuque. A primeira se encontra na declaração “Deus está no seu santo templo” (2.20) e a segunda, na nota ao final do livro – “Ao mestre de música. Para instrumento de corda” (3.19). Esses dois textos indicam que o autor profetizou antes de o Templo construído por Salomão em Jerusalém ser destruído em 607a.C.

Em Habacuque 1.6 temos a outra referência histórica. O texto fala da iminência de uma ataque dos caldeus, uma tribo semita que ocupara a região entre a Babilônia e o Golfo Pérsico, sendo por isso denominados babilônios. Há quem diga que essa passagem se refere aos gregos, e não aos caldeus, mas essa teoria não se sustenta. Ela foi defendida pelos teólogos Duhm e C. C. Torrey. Segundo eles, *kasdim* deveria ser lido como *kittim*, no sentido de “gregos”. Essa hipótese tenta se apoiar na passagem de Habacuque 1.9: “A ânsia de suas faces é para o oeste” (tradução literal do hebraico). Entretanto, “o texto em 1.9 é extremamente difícil e não há evidência textual para que se leia *kittim* em 1.6”¹. Por fim, para fechar a questão, o manuscrito de Habacuque mais antigo, encontrado entre os Rolos do Mar Morto, traz “caldeus” (*kasdim*) na passagem citada, confirmando que Deus suscitaria os babilônios como seus agentes.

Posto isso, para chegarmos à data considerada a mais provável, basta considerarmos três fatos.

Em primeiro lugar, uma possível ameaça babilônica só se tornaria evidente após a destruição de Nínive em 612 a.C.

Em segundo lugar, devemos considerar que Josias, que reinou de 639 a 609 a.C., havia sido um bom rei e simpatizava politicamente com os babilônios, tanto que se levantou contra Faraó Neco para estorvá-lo na batalha contra o exército babilônico.

A Bíblia diz que Josias insistiu em pelejar contra Neco quando este saía para guerrear “contra Carquemis, junto ao Eufrates” (2Cr 35.20-22). Esse texto hebraico pode ser interpretado como “para a direção de Carquemis”. Assim, Neco estava indo ao encontro dos assírios para socorrê-los, pois estavam resistindo heroicamente em seu último refúgio depois da queda de Nínive. Os ataques dos medos e babilônios eram organizados e persistentes, e os assírios não resistiriam por muito tempo.

A permanência da Assíria era importante para o Egito, porque era o último obstáculo entre os babilônios e a Palestina. Era uma espécie de tampão. Josias, por sua vez, odiava os assírios pela sua hostilidade histórica, em especial em relação aos judeus, e pela sujeição que era-lhe imposta por eles.

A Assíria destruíra o Reino de Israel e tinha por costume deportar os povos conquistados com o objetivo de arrefecer-lhes o sentimento nacionalista. Era mais fácil subjugar seus inimigos dessa forma. Os assírios eram também conhecidos pela pilhagem. Foi pilhando outros povos que eles construíram sua nação. Como se não bastasse, para provocar medo nas outras nações, faziam montes de caveiras de seus prisioneiros, que eram mortos pelas formas mais diabólicas possíveis. Quando não os esfolavam, os assírios vazavam seus olhos e cortavam suas mãos, pés, orelhas e narizes.

Por tudo isso, podemos entender porque Josias os odiava tanto. Seu sentimento era o mesmo do profeta Jonas (Jn 1.1-2 e 4.1-3).

Infelizmente, em vez de esperar em Deus, de quem viria a vitória (os assírios seriam derrotados de qualquer jeito mesmo, cumprindo-se as profecias), Josias preferiu lutar para antecipar a destruição do inimigo. Perdeu o prélio e a vida (2Cr 35.23-24). Os egípcios tomaram Carquemis e utilizaram-na como base militar de resistência aos

“Os tempos de Habacuque eram críticos. As suas apreensões se justificam plenamente pelo contexto político e espiritual de seu tempo”

caldeus. Em 605 a.C., finalmente os babilônios expulsam os egípcios.

Ora, se Habacuque se mostrou surpreso ao saber que Deus escolheira os caldeus para castigarem a desobediente Judá, temos um sinal de que o profeta escreveu seu livro no fim do reinado de Josias. Judá, nos tempos de Josias, simpatizava com os

caldeus. Eles eram vistos, de certa forma, como aliados.

Nos tempos de Josias, havia uma conjuntura sedutora e enganosa no horizonte, pois se tinha a impressão de que, com a vitória babilônica, tudo ficaria em paz. Na verdade, o final seria o infortúnio e danação do Reino de Judá. Como diz um célebre provérbio turco, “Quando o machado entrou na floresta, as árvores disseram: o cabo é dos nossos.”

O último detalhe histórico que reforça a possível data é que os primeiros prisioneiros dos babilônios (inclusive Daniel e seus amigos) só foram levados depois da batalha de Carquemis, em 605a.C. Nabucodonosor vai até o Egito e, retornando, invade Judá. A segunda invasão de Judá só se deu em 597 a.C. O chamado cativeiro babilônico inicia oficialmente em 587 a.C.

Ora, Habacuque só admitiu plenamente os caldeus como uma ameaça a Judá depois da réplica de Deus (Hc 1.5-2.1). Logo, a data mais provável é entre 609 e 605 a.C., pois os caldeus já eram vistos como um exército muito poderoso, mas ainda não haviam ameaçado Judá.

Em síntese, esse é o contexto político dos tempos de Habacuque: A Assíria havia derrotado o Reino do Norte e estabelecido o cativeiro. A conquista de Judá parecia uma questão de tempo. No entanto, surge uma nova potência mundial, que move-se arrasando o que há em seu caminho, como correnteza impossível de ser represada. São os caldeus. Em pouco tempo, eles sublevaram-se contra os assírios e os esmagaram em confrontos sistemáticos e sucessivos. Em um primeiro momento, Judá se alegra, mas o tiro sai pela culatra.

O CONTEXTO MORAL E ESPIRITUAL DOS TEMPOS DE HABACUQUE

Agora que já estamos inseridos no contexto político do profeta, vejamos o contexto espiritual e moral, posto que, como afirmamos, é impossível compreender suas angústias sem antes analisarmos também o cosmos moral e espiritual em que vivia seu povo.

Como já vimos, Habacuque foi contemporâneo de Josias. Este rei, que governou o Reino do Sul de 639 a 609 a.C., era neto de Manassés, possivelmente o rei mais ímpio de toda a história de Judá.

Há quem sustente, concordando com a tradição rabínica, que Habacuque já profetizara mais cedo, durante o reinado de Manassés. Segundo a tradição judaica, ele teria sido um dos profetas aludidos em 2 Reis 21.10 e 2 Crônicas 33.10. De qualquer forma, Josias e Manassés são, sem dúvida, os reis cujas atividades mais marcaram o contexto espiritual e moral da geração do profeta. Portanto, vejamos detidamente esses dois reis.

A) MANASSÉS — UMA QUEDA PROFUNDA E PAULATINA

Manassés foi co-regente com seu pai, Ezequias, desde 696 a.C. Isso era um costume implantado pelo rei Asa (872-870 a.C.), que colocou seu filho Josafá como co-regente nos três últimos anos de seu reinado. O costume durou dois séculos e era uma forma de o pai preparar seu sucessor para as lidas reais.

Com a morte de seu genitor em 687 a.C., Manassés assumiu de forma exclusiva o trono e, diferentemente de seu pai, promoveu a impiedade. Sua história está relatada em 2 Reis 21.1-18 e 2 Crônicas 33.1-20. Manassés simplesmente paganizou Judá, que havia sido abençoada pelo reinado de Ezequias. Este fora um rei justo, apesar de algumas falhas e da resistência de focos da religião pagã.

Muitos têm se perguntado até hoje: “O que levou Manassés, filho de um rei justo, a se perverter tanto?” Alguns suspeitam de uma possível influência de sua mãe Hefzibá, que é citada em 2 Reis 21.1. Mas os registros arqueológicos nos dão uma explicação mais contundente.

A Assíria costumava subjugar Judá, mas, no reinado de Ezequias, não conseguiu tomar Jerusalém, graças ao auxílio divino, como podemos ver no relato de 2 Reis 19, 2 Crônicas 32 e Isaías 36 e 37. Aliás, o próprio Senaqueribe registrou, em um prisma de barro, que não conseguira invadir Jerusalém. Ele só não confessou o motivo, pois é sabido que os reis assírios, como a maioria dos reis dos tempos antigos, não costumavam registrar suas derrotas. Simplesmente as omitiam. O prisma de barro pode ser visto ainda hoje no Museu do Instituto Oriental, nos Estados Unidos, na cidade de Chicago.

No reinado de Manassés, Jerusalém voltou a ser subjugada pela Assíria. Um registro do rei assírio Esar-Hadom, que sucedeu Senaqueribe, afirma que “22 reis da Terra Ocidental” foram compelidos a fornecer material de construção para seu palácio, e é citado entre eles “Manassés, rei de Judá”. Acredita-se que Manassés, para agradar a Assíria, liberou em suas terras a religião e os costumes do povo dominante, e, para fortalecer seu intento, se tornou ele mesmo um dos seus adeptos. Isso era um costume dos reis conquistados.

Apesar de ter visto o Reino do Norte ser destruído pelos assírios devido à desobediência ao Senhor, e presenciado Jerusalém ser preservada nos dias de seu pai devido à confiança em Deus, Manassés, que não tinha firmeza, temeu o inimigo e se submeteu a ele. Para impressionar o novo senhor, tornou a edificar os altos que seu pai derribara e levantou altares aos baalins. E mais: ele mesmo se prostrou diante deles, mandou (segundo a tradição judaica) matar o profeta Isaías, que era conselheiro de seu pai, e passou a se consultar com feiticeiros (2Cr 33.6).

Sua queda foi um processo. Primeiro, a condescendência; depois, a entrega. Não é assim que ocorre ainda hoje?

Manassés começou expandindo o paganismo em sua nação, depois ele mesmo se entregou ao culto pagão, abraçando a magia negra do Oriente, tendo até queimado seus filhos como sacrifício. Era agoureiro e tratava com médiuns e feiticeiros. Apesar de ser considerado o mais ímpio rei de toda a história de Judá, no fim da vida se arrependeu (2Cr 33.11-20).

Amom, filho de Manassés, seguiu bem os passos maus do pai (2Rs 21.19-26 e 2Cr 33.21-25). Seu filho Josias, no entanto, voltou-se para Deus. E é aqui que se situa a origem das angústias de Habacuque.

“A degradação do rei Manassés foi um processo. Primeiro, a condescendência; depois, a entrega. Não é assim que ocorre ainda hoje?”

B) O REINADO DE JOSIAS – OS BONS TEMPOS DO BOM REI

Por ser Habacuque contemporâneo de Josias, também o é do profeta Jeremias. Ora, sendo coetâneo de Josias, a melhor maneira de descobrirmos o contexto político de seu tempo é analisando os tempos deste rei, o que já fizemos ao falarmos da conjuntura utópica; e sendo de Jeremias, a melhor maneira de conhecermos o contexto moral e espiritual de sua época é analisando o contexto de Jeremias.

O profeta Jeremias começou seu ministério no 13^o ano do reinado de Josias (Jr 1.2), que estava com 21 anos. Aos 16, o rei começara a buscar ao Senhor (2Cr 34.1,3a).

Quando Jeremias começou seu ministério, perduravam ainda os péssimos efeitos do reinado de Manassés. A apostasia saturava e a assolação pelo inimigo era iminente, devido à permanência da impiedade. Por isso, em nome do Senhor, começou a bradar contra as infiltrações idolátricas na prática religiosa da nação, tema dos seis primeiros capítulos de seu livro.

Aos 20 anos, Josias começou a fazer suas primeiras reformas (2Cr 34.3b), ganhando o apoio de Jeremias. Aos 26 anos (2Cr 34.8), com a descoberta do Livro da Lei, o rei impulsionou suas reformas, as maiores que o Reino do Sul já experimentara.

É interessante notar que, a partir desse tempo até a morte de Josias, Jeremias parece conservar-se nos bastidores. Simplesmente emudece, provavelmente satisfeito com o impulso que as mudanças ganharam. Nenhum discurso seu desse período nos foi deixado. O profeta só entra em cena novamente após a morte do rei, que se dá em 609 a.C.

O TRAUMA: A ANGÚSTIA EXISTENCIAL DO PROFETA

Como coetâneo de Josias, Habacuque certamente se deixou levar pelo fervor que as reformas inspiravam. Ele acreditou que finalmente a justiça e a confiança no Deus vivo e verdadeiro haveriam de prevalecer em Judá. Um bom sinal disso era que a Assíria, diante dos ataques caldeus, começava a perder a sua força. “As reformas estão acontecendo e os assírios estão enfraquecendo. É Deus que está ouvindo nossas orações! O jugo assírio será quebrado e seremos uma nação justa!”, pensava o profeta.

De repente, morre Josias. Joacaz, seu filho, assume o trono, mas só reina por três meses. Faraó Neco vem da campanha em Carquemis, depõe Joacaz e coloca seu irmão, Jeoaquim (ou Eliaquim), em seu lugar. Judá começa agora a pagar tributo ao Egito. E pior: a impiedade volta a reinar.

Jeremias torna a alçar sua voz, mas o povo parece surdo. As reformas haviam tido um resultado superficial. Não atingiram em cheio o coração do povo que, mal enterrara seu bom rei, já se entregava de novo ao paganismo.

Habacuque fica indignado. O impacto é muito forte. Os fatos desiludem o profeta, traumatizam-no, fragilizam sua esperança.

Habacuque está abalado. Se desmancha em lamentos. Resolve, então, clamar ao Senhor e o faz desesperadamente. Mas o céu parece de bronze.

O profeta-levita está perturbado por causa da impiedade de Judá. Entretanto, enquanto o coevo Jeremias preocupa-se mais com a falta de arrependimento do povo, Habacuque, desiludido, preocupa-se com a aparente relutância de Deus em julgar. Violência e desconsideração para com a lei de Deus campeiam incontinentemente (Hc 1.2-4), apesar de seu clamor ardente pela intervenção divina. Deus parece mudo, surdo, paralítico, distante, insensível.

É quando entra em cena o profeta-filósofo.

O DIÁRIO

“Os mais belos hinos e poesias foram escritos em tribulação”, escreveu Frida Vingren².

Enquanto clama, Habacuque começa a filosofar, a pensar sobre a existência. Ele está em profunda dor existencial e usa de seu veio poético para externar sua angústia. Escreve um diário, seu livro.

Como dissemos a princípio, em uma primeira tentativa, o livro do profeta-levita poderia ser definido como um grande poema. Agora, eis mais uma definição: seu livro é um diário. Ou melhor: um diálogo registrado em um diário.

O livro de Habacuque não se trata de uma profecia dirigida a alguém, mas de uma obra pessoal, íntima. É o diálogo entre um homem profundamente perturbado, engolfado por questões angustiantes, imerso no caos; e o Criador do Universo, o Deus do cosmos, o Senhor da Vida.

Até quando a impiedade prosperará?

Quando virá a Tua intervenção?

Por que o justo sofre e por que sofre como sofre?

O profeta pergunta, Deus responde. Porém, em lugar de aliviar a carga do profeta, a resposta a aumenta. Habacuque torna a perguntar e aguarda a respectiva resposta em silêncio, em um lugar solitário. Deus responde de novo. À medida que a conversa se desenrola, o profeta vai registrando tudo, ponto a ponto.

No final, já atendido e consolado, sua expressão muda. Ele começa a louvar. Desperta o levita mais uma vez, e sua voz é como um cântico de paz a acalantar o desesperançado mergulhado nas trevas do caos. O que começou como um lamento termina com um cântico de vitória.

“O livro de Habacuque não se trata de uma profecia dirigida a alguém, mas de uma obra pessoal, íntima. É o diálogo entre um homem profundamente perturbado, engolfado por questões angustiantes, imerso no caos; e o Criador do Universo”

CONVITE À FÉ

Talvez você esteja se sentindo um Habacuque. Há alguns dias

você era um profeta da esperança, um grávido de fé, um “levita” – louvando a Deus a cada mudança de cenário no seu percurso. Você via as coisas acontecerem, realidades belíssimas se formando à sua volta. Porém, hoje, os bons sinais cessaram, a represa que continha o mal veio abaixo e você se encontra encurralado pela tragédia, clamando no escuro sem resposta, sem forças para louvar de novo, perturbado por questões angustiantes, frustrado, tentado fortemente a descrever.

Se esse é o seu caso, eu convido-o a acreditar mais uma vez, a crer apesar de tudo e todos, a ressurgir como homem de Deus dessa caverna de desespero, a confiar a despeito do caos. Convido-o a ter a fé de Habacuque, a ouvir o que Deus disse ao profeta. Convido-o a mergulhar junto comigo, nas próximas páginas, nos questionamentos desse profeta-filósofo, nos seus enigmas e nas respostas de Deus. Convido-o a caminharmos de mãos dadas por suas páginas até desaguardarmos, como ele, em um cântico de vitória, em uma das maiores confissões de fé de todos os tempos.

Não estacione no vale. Saia do raso. Deixe Deus dar a você pés como os das corças. Suba às grandes alturas da fé (Hc 3.19).

O PRIMEIRO ENIGMA (Hc 1.1-11)

3

O enigma da oração
não respondida (1.1-4)

Você já tentou levar alguma coisa muito pesada mesmo sabendo que não iria conseguir? Se já tentou, sabe que tamanha loucura é.

Lembro-me de ter cometido tal temeridade quando era criança. Era um dia de mudança. Nossa família estava saindo de um apartamento para outro. O caminhão que iria levar nossos móveis já havia chegado e eu e meus irmãos acompanhávamos cada peça retirada com a máxima atenção. Foi quando, em um arroubo infantil, resolvi pegar sozinho um móvel menor. Sabia que não iria conseguir levá-lo por muito tempo, mas tentei, mais para exibir alguma resistência do que para ajudar os carregadores.

Não demorei vinte segundos para abandonar a idéia. Minha mão queimava e meus músculos imploravam por alívio. Soltei o móvel com o maior cuidado, para não causar problemas. A mão ficou marcada e os músculos doíam. Aprendi a lição: nunca mais brinquei de pegar pesos que não pudesse suportar.

O PESO INSUPORTÁVEL DE HABACUQUE (1.1)

A abertura do livro de Habacuque lembrou-me esse fato de minha infância. Ele se inicia com o autor confessando estar sob um peso acachapante. O profeta-levita começa seu livro assim: “O peso que viu o profeta Habacuque”, Hc 1.1. A palavra traduzida por “peso” aqui é,

***“Ao abrir seu livro
descrevendo sua
profecia como
massã, Habacuque
estava querendo
dizer que Deus lhe
mostrara algo
pesadíssimo,
esmagador, muito
difícil de suportar”***

no original hebraico, *massã*. O *Dicionário Vine* (CPAD) traduz o termo como “carga”, “aquilo que é carregado por homem, jumento, mula ou camelo”; “fardo”, no sentido de “algo penoso”, “um sofrimento”; e “tributo”.

Algumas versões preferem trazer a tradução “profecia”, “oráculo” ou “pronunciamento”. O *Vine* também adere a esse uso dado a *massã*, mas se

preocupando em citá-lo apenas no fim do texto do verbete, apresentando-o portanto só como uma extensão do significado do vocábulo. É que tal tradução é forçada, pois os que a aderem se baseiam na verdade na sugestão que alguns especialistas fazem de uma raiz hipotética *nāsã*, que significa proferir ou receber. Porém, a maioria dos mestres estão plenamente convencidos do equívoco dessa suposição. Isso porque os usos do vocábulo *massã* não sugerem tal coisa.

Os que sustentam que *massã* pode significar alguma espécie de enunciação evocam as passagens de 1 Crônicas 15.22 e 27, Lamentações 2.14, Zacarias 12.1, Jeremias 23.33 e Provérbios 30.1 e 31.1. No entanto, o que ocorre nessas passagens é uma má interpretação.

Segundo Walter Kaiser, deão e professor titular de Antigo Testamento e Línguas Semíticas do Trinity Evangelical Divinity School, nos EUA, nas traduções do texto de 1 Crônicas ocorreu a perpetuação de um erro¹. A Septuaginta, a Vulgata e Lutero forçaram um outro significado dessa expressão, traduzindo-a erroneamente como canto. Kaiser afirma que a tradução de *sar hamassã* não seria “chefe dos cantores”, como vemos na maioria das versões, pois o contexto fala de carregar a Arca da Aliança.

No texto de Lamentações, segundo Kaiser, o sentido correto não é “tiveram visões de sentenças falsas”, como se vê em algumas poucas traduções, mas, sim, “viram pesos e cativéis vãos para ti” ou “viram para ti cargas vãs e motivos de expulsão”, como aparece na versão Revista e Corrigida de Almeida. Em Zacarias 12, apesar de se falar de bênçãos decorrentes do arrependimento, existe um certo “fardo” em

determinadas declarações. Em Jeremias 23.33, está claro que o profeta se refere à zombaria do povo, que não dava ouvidos às suas palavras, que eram extremamente sérias e fortes. Por isso, perguntavam ironicamente: “Qual é o peso do Senhor?”

Em Provérbios 30.1, lembra Kaiser que “as palavras de Agur são um fardo pesado lançado sobre a razão, que rapidamente se volta à auto-exaltação”. Já em Provérbios 31.1, a palavra de Lemuel é o “peso com que sua mãe o corrigiu”.

Assim, ao abrir seu livro descrevendo sua profecia como *massã*, Habacuque estava querendo dizer que o que Deus lhe mostrara era algo pesadíssimo, esmagador, muito difícil de suportar.

O termo traduzido por “viu” no primeiro verso do livro é *hazâ*, que é um ver literal. É ver mesmo. Mas ver o quê?

Em primeiro lugar, ver o caos que se tornara Judá, e que é descrito nos primeiros versículos (1.2-4). E em segundo lugar, e principalmente, o fim trágico que sua nação teria, e que é revelado ao profeta em seguida (1.5-11). Mas você deve estar se perguntando: “Como pode Habacuque dizer que viu a destruição, se ela possivelmente não havia acontecido quando ele escreveu a primeira parte do seu livro?”

Da mesma forma que Micaías, que usa o mesmo vocábulo para dizer que Deus lhe revelara algo que ainda iria acontecer: “Então disse ele: Vi todo o Israel disperso pelos montes, como ovelhas que não têm pastor; e disse o Senhor: Estes não têm senhor...”, 1Rs 22.17. A revelação de Deus ficou tão indelevelmente marcada na consciência de Habacuque que ele a conta como quem já presenciara tudo.

“Habacuque estava angustiado com o que via em Judá. O avanço da impiedade e a falta de consciência do povo o indignavam. As instituições sagradas da nação estavam falindo”

AVALIANDO O FARDOS (1.2-4)

Dizer que algo é pesado é uma coisa, conferir o peso é outra bastante diferente. Se queremos entender a dor profunda de Habacuque,

“A oração dramática do profeta foi produto de sua indignação pelo sofrimento do seu povo. Hoje, a maior parte das orações parece ser pela melhora pessoal. A oração intercessória está cada vez mais escassa, e isso se deve à perda de sensibilidade”

temos que analisar seu peso.

Vejamos o primeiro grande fardo do profeta-levita. O segundo deixaremos para analisar na exposição do segundo enigma. Observe a anatomia de sua dor:

“Até quando, Senhor, clamarei eu, e tu não me escutarás? Gritarei: Violência! E não salvarás? Por que razão me fazes ver a iniquidade e ver a vexação? Porque a destruição e a violência estão diante de mim; há também quem suscite a contenda e o litígio. Por esta causa, a lei se afrouxa,

e a sentença nunca sai; porque o ímpio cerca o justo, e sai o juízo pervertido”, Hc 1.2-4.

Habacuque estava angustiado com o que via em Judá. O avanço da impiedade e a falta de consciência do povo o indignavam. As instituições sagradas da nação estavam falindo.

A Lei fora afrouxada e a justiça, pervertida. Lei e justiça não têm o mesmo sentido aqui. A Lei é a Torá, a lei divina; a justiça, a lei dos tribunais. A primeira estava paralisada, inerte ou fria, como dá a entender o texto hebraico. A segunda estava distorcida.

O termo hebraico traduzido por “pervertido” nessa passagem é *aqal*, que significa “dobrar”, “torcer a forma”, “arquear”. Ele só ocorre na Bíblia nesse texto, e seu uso aqui dá a entender que a justiça estava, de algum jeito, “deformada”. Conclui-se, portanto, que ela era ineficaz e corrompida. Em outras palavras, a iniquidade era maquiada nos tribunais de Judá.

Assim, atos de crueldade e injustiça se multiplicavam na vida privada e pública de Judá. Os piedosos eram minoria e quem deveria defender a justiça e a verdade se entregava à impiedade. Os justos eram oprimidos.

Aflito, o profeta inclina-se a invocar com todas as forças de sua alma por uma intervenção urgente de Deus. O seu clamor é profun-

damente agonizante. Isso pode ser comprovado pela constatação do vocábulo utilizado para descrever seus rogos: *shawâ*. Essa expressão hebraica só aparece 22 vezes no Antigo Testamento.

Segundo o professor titular de Filosofia e Religião do Asbury College, Victor Hamilton, o verbo *shawâ* é usado na maioria das vezes na primeira pessoa e “em um contexto autobiográfico em vez de descritivo ou exortativo”². Na maior

parte das vezes, esse termo se encontra em Salmos para se referir ou à reação diante do escárnio dos adversários (Sl 30.1-2) ou ao sentimento de rejeição diante de Deus (Sl 88.13-14). O grito sempre é “do necessitado, do pobre, daquele que se encontra esquecido ou é explorado (Sl 72.12; Jó 29.13; 35.9). É empregado na descrição do grito de aflição, do clamor dos oprimidos, do grito daqueles que estão chegando ao seu limite”, afirma Hamilton.

Habacuque é um profeta que ora, e sua oração é fruto de um senso de responsabilidade. Ele vê a injustiça, se indigna e a apresenta diante de Deus pedindo providências. É um intercessor, preocupado com o sofrimento do povo.

Um dos grandes problemas enfrentados pelos cristãos hodiernos, e que foi predito por Jesus, é o esfriamento do amor (Mt 24.12), o que significa também aumento do sentimento de individualidade. O egoísmo prepondera na sociedade de nossos dias, e tem afetado cristãos arrefecidos. Muitas pessoas estão tão preocupadas com sua prosperidade pessoal, com seus problemas pessoais, que já perderam sua visão social e de comunhão.

A oração dramática do profeta foi produto de sua indignação pelo sofrimento do seu povo. Hoje, a maior parte das orações parecem ser pela melhora pessoal. A oração intercessória está cada vez mais escassa,

*“É por não
aceitarmos
determinada
situação que
intercedemos.
É por não
aceitarmos
a injustiça
que oramos
por providência.
É por não
aceitarmos a frieza
espiritual que
oramos por
avivamento”*

e isso se deve à perda de sensibilidade por parte de muitos.

É por não aceitarmos determinada situação que intercedemos. É por não aceitarmos a injustiça que oramos por providência. É por não aceitarmos a frieza espiritual que oramos por avivamento.

Ninguém que ama a Deus e sua causa reagiria diferentemente se estivesse no mesmo contexto de Habacuque. A tensão do profeta é fruto do seu amor pela justiça e a verdade. Ele não agüentava mais ver o que via. Aquilo tudo era-lhe pesado demais.

A sensação do profeta era de esmagamento. Os fatos o vergavam até o chão. Ele estava carregando um fardo pesadíssimo. Seus lombos ardiam. Os músculos de sua alma, retesados, gritavam de dor. Mas, diferentemente do meu caso com aquele móvel acerbo, ele não consegue se livrar do peso. Imagine que aflição!

Sabemos que quanto mais tempo seguramos um peso, mais insuportável ele vai se tornando para nós. Pois, quanto mais o profeta clama, mais a situação parece inamovível. Deus parece ter se esquecido dele. O mal prevalece e, aos olhos de Habacuque, não há vestígios de ação do Senhor. Os seus gritos insistentes parecem se perder no vazio, sem sentido. Por que Deus emudece? Por que seu braço mantém-se encolhido? Tudo isso agiganta o fardo.

O ENIGMA

“Porque razão me fazes ver a iniquidade e ver a vexação?”

Apesar da insistência do profeta, Deus parece não se mover. Essa indiferença o desnorteia. Deus o permite ver a desgraça de seu povo e se esquia de agir. Por quê?

Se Deus é santo, por que silencia diante do pecado que grassa? Se Deus é justo, por que emudece perante o progresso da impiedade? O que paralisa seu mover? O que ata as mãos do Onipotente?

Por que sofre o justo enquanto o ímpio prospera? Não é essa a questão que afligiu Jó e Asafe? Não é esse o enigma que perturba milhares de servos de Deus afligidos pela reviravolta repentina do mal?

Por quê? Por quê? POR QUÊ?

Por que Deus não ouve a minha oração quando eu mais preciso? Por que Ele insiste no silêncio enquanto minhas lágrimas me consomem, meu coração se despedaça e minhas entranhas se revolvem? Por que meus gritos não recebem resposta?

“Até quando, Senhor, clamarei e não me escutarás?”

A expressão “Até quando?” é usada por Deus para questionar o seu povo (Nm 14.11), e por Jesus para repreender os discípulos (Mt 17.17). O termo tem sempre uma conotação de interpelação. Logo, a oração de Habacuque é um tanto ousada. Ele cobra de Deus o fim de um estado de coisas que lhe é inaceitável. Tamanha ousadia só é encontrada nas Sagradas Escrituras mais à frente, na oração-cobrança dos mártires de Apocalipse 6.10, que foram mortos por causa da Palavra de Deus e do seu testemunho.

“Até quando, Senhor, clamarei e não me escutarás?”

“Por que me fazes ver a iniquidade e ver a vexação?”

Por quê? Por quê? POR QUÊ?

Esse é o primeiro grande enigma: o silêncio de Deus. Diante dele, a simples Teologia não resolve, a concepção natural de bem e mal não funciona, as filosofias humanas se mostram obsoletas. Toda tentativa de racionalizar a situação soa como brincadeira de mau gosto.

Quando tudo aquilo que construímos cai sem aviso, tornando-se escombros com um simples golpe; quando nada adianta na hora cruel; quando choramos a morte abrupta e inevitável de algo precioso, a razão fica encurralada e se esconde envergonhada. O que dizer ao servo de Deus que é ferido por causa do avanço do mal intransigente? O que falar ao vulto desolado, mudo, inerte, sorumbático, não acreditando na falência ou na perda? O que dizer ao servo do Senhor que vê a promessa ou sonho morto aos seus pés? O que proferir ao que leva o peso, quando não dá para tirá-lo de sobre seus

“Esse é o primeiro grande enigma: o silêncio de Deus. Diante dele, a simples Teologia não resolve, a concepção natural de bem e mal não funciona, as filosofias humanas se mostram obsoletas”

ombros e ele já não agüenta mais carregá-lo? O que fazer quando nada acontece, quando tudo dá errado e não há o que fazer?

A pergunta do profeta não permaneceu sem resposta. Se o seu questionamento é o mesmo, também não.

O SEGUNDO ENIGMA (Hc 1.12-2.20)

4

A RESPOSTA DE DEUS
(1.5-11)

Certa vez um homem escapou milagrosamente de um naufrágio. Único sobrevivente da tragédia, ele conseguira se agarrar a uma parte dos destroços de sua navegação e permaneceu boiando até chegar próximo a alguma praia. Tal fato fez com que todos os dias agradecesse a Deus por estar vivo.

Apesar de ter sido levado pelas ondas até uma pequena ilha deserta fora de qualquer rota de navegação, o homem mantinha o hábito de agradecer todos os dias a Deus pela sua sorte. E dia após dia, orava pedindo para que escapasse do pior.

Com muita dificuldade, aproveitando o que sobrara da navegação, ele conseguiu montar um pequeno abrigo para que pudesse se proteger do sol e da chuva, e guardar seus últimos pertences e o pouco alimento que conseguia.

Com o passar do tempo, a comida ia se escasseando na ilha, preocupando o pobre homem, que começou a orar a Deus ainda com mais insistência para que o livrasse do pior.

Porém, a cada dia que se passava, a situação piorava. Só havia peixe para comer. Resolveu, então, sair mais uma vez à procura de alimento. Foi quando caiu uma forte tempestade, fazendo-o voltar antes do tempo e de mãos vazias.

Quando se aproximava do abrigo, um raio caiu no lugar, deixando-o em chamas. Havia ali, guardados, produtos inflamáveis, e o fogo

“A resposta de Deus a Habacuque é: ‘Filho, ao contrário do que parece, Eu já estou intervindo’. O profeta é que ainda não havia percebido”

logo se alastrou. A tempestade cessou, mas as chamas prosseguiram devoradoras. O náufrago tentou salvar o abrigo, mas acabou se ferindo e, caído, teve que assistir o fogo rapidamente consumir tudo, levantando altas nuvens de fumaça.

Terrivelmente desesperado, o homem se revoltou e começou a gri-

tar em lágrimas:

– O pior aconteceu! Perdi tudo! Meu Deus, por que fizeste isso comigo?

No relento da noite, o homem murmurou e chorou tanto que, apesar do frio, adormeceu profundamente cansado. No dia seguinte, bem cedo, foi despertado pelo som de um navio que se aproximava. Assustado, ouviu homens gritando ao longe:

– Viemos resgatá-lo!

Ao desembarcarem, o náufrago perguntou:

– Como souberam que eu estava aqui?

– A tempestade da noite passada foi intensa e nos tirou da rota. Logo depois vimos o seu sinal de fumaça – responderam os homens.

Ao ouvir a explicação, o náufrago caiu de joelhos e pediu perdão aos Céus pelo seu equívoco. Ele pensara que a tempestade e a destruição do abrigo eram o pior chegando, quando na verdade eram o instrumento usado por Deus para responder à sua prece “Livra-me do pior!”

É comum sentirmo-nos desencorajados e até mesmo desesperados quando as coisas não dão certo, mas saiba que são nesses momentos de sofrimento e dor que Deus age em nosso benefício.

Se algum dia a tempestade vier e seu único abrigo estiver em

chamas, esse pode ser não o indício do pior, mas o sinal de que a mão de Deus está agindo em seu favor.

É isso que essa história nos ensina. E é isso que nos ensina também o livro de Habacuque.

A RESPOSTA DIVINA

A resposta de Deus ao profeta expressa um dos grandes princípios bíblicos acerca da oração e do relacionamento com Deus: embora algumas vezes pareça que Deus mantém silêncio e é indiferente, deixando o pior acontecer, na verdade Ele está e sempre esteve agindo.

A resposta de Deus a Habacuque é: “Filho, ao contrário do que parece, Eu já estou intervindo”. Sim, Deus já estava operando. O profeta é que não havia percebido. E o Senhor ainda acrescenta que, quando todo o seu intento se concretizar, a obra será tão tremenda que espantará a todos.

“Vede entre as nações, e olhai, e maravilhai-vos, e admirai-vos; porque realizo em vossos dias uma obra que vós não creereis, quando vos for contada. Porque eis que suscito os caldeus, nação amarga e apressada, que marcha sobre a largura da terra, para possuir moradas não suas. Horrível e terrível é; dela mesma sairá o seu juízo e a sua grandeza. Os seus cavalos são mais ligeiros do que os leopardos, e mais perspicazes do que os lobos à tarde; os seus cavaleiros espalham-se por toda a parte; sim, os seus cavaleiros virão de longe, voarão como águias que se apressam à comida. Eles todos virão com violência; os seus rostos buscarão o oriente, e eles congregarão os cativos como areia. E escarnecerão dos reis, e dos príncipes farão zombarias; eles se rirão de todas as fortalezas, porque, amontoando terra, as tomarão. Então passará como um vento e pisará, e se fará culpada, atribuindo este poder ao seu deus”, Hc 1.5-11.

As palavras do versículo 5 foram usadas por Paulo em Atos 13.41, e citadas como estão na Septuaginta, mas a aplicação paulina foi referente à oferta de salvação. Era uma advertência séria para aqueles que rejeitassem a salvação em Jesus Cristo e também uma referência ao alcance da obra do Messias entre os gentios, que pareceria incrível,

ou mesmo inadmissível, para os judeus. A resposta de Deus ao profeta Habacuque era incrível também, assim como a mensagem e o plano de salvação, pregados por Paulo. Aliás, Deus sempre é, por assim dizer, incrível, no sentido de que Suas manifestações sempre nos surpreendem, sempre vão além de nossas limitadas expectativas.

A Palavra do Senhor a Habacuque é clara. Deus diz que há um instrumento em suas mãos que *já está* em ação e breve será usado como forma de juízo sobre Judá. São os caldeus. Eles invadiriam Judá e a subjugariam. Os ex-vassalos da Assíria seriam a mais nova potência mundial. É importante salientar, contudo, que os caldeus não seriam apenas o instrumento divino para julgar os judeus. Através deles, Deus também pretendia executar seu juízo sobre todas as nações que dEle haviam se esquecido (1.6,10).

Essa revelação divina surpreendeu o profeta.

A forma como Deus responderia à petição de Habacuque está explícita nos versículos de 6 a 11, que podem ser divididos da seguinte forma: a descrição do instrumento (6-8), a atuação do instrumento (9-10) e o derradeiro pecado do instrumento (11). Vejamos os detalhes da resposta.

A DESCRIÇÃO DO INSTRUMENTO (1.6-8)

Na descrição dos caldeus, Deus primeiro diz que estes seriam suscitados por Ele: “Eis que suscito os caldeus”. Está claro que esse povo seria mais do que apenas mais um poder político da História. Ele estava sendo usado para execução do plano divino.

Em segundo lugar, Deus os chama de nação amarga e impetuosa (v6). Os vocábulos hebraicos utilizados para essa narração são *mar* e *mahar*. O primeiro significa literalmente “brutal” ou “amargo” e o segundo, “apressado”, “rápido”. Tais termos denotam o caráter opressor e a ausência de sensibilidade moral destes algozes. Sua campanha seria selvagem e veloz. Isso se confirmou, pois, segundo os registros históricos, os caldeus matavam e saqueavam por onde passavam, e tomavam todos os territórios que que-

riam. Outra constatação confirmatória é a forma como o profeta Daniel viu o império babilônico: um leão com asas de águia (Dn 7.4). Leão – ferocidade; águia – velocidade.

Em terceiro lugar, Deus os apresenta como horríveis e terríveis (v7). Pela forma como Habacuque descreve sua nação

(1.2-4) e pela maneira como ele posteriormente reage à resposta de Deus (1.13), argumentando que os caldeus eram mais ímpios do que a ímpia Judá, podemos compreender o quão terrível eram os babilônios. Eles causariam pavor pelos seus métodos e princípios. Só seriam bondosos consigo mesmos. Como Deus mesmo afirma: “Cria ela mesma o seu direito e a sua dignidade” (v7b). Isso denota a arrogância do conquistador, que não reconheceria nenhuma outra autoridade além da sua.

Em quarto lugar, o Senhor descreve o exército babilônio (v8). Ao dizer que seus cavalos são “mais ligeiros do que os leopardos”, ele está enfatizando que eles eram os melhores cavalos de combate da época, os mais velozes e resistentes. O leopardo, na verdade, é mais veloz do que um equino, mas a montaria dos caldeus era tão ligeira que parecia mais ágil que um felino. Já os montados são comparados a “lobos ao anoitecer”. Essa metáfora é usada algumas outras vezes no Antigo Testamento, como podemos ver em Gênesis 49.27, Sofonias 3.3 e Jeremias 5.6. A idéia é de lobos que fracassaram ao caçarem durante o dia e se encontram esfomeados ao pôr-do-sol. Isso quer dizer que os babilônios atacariam como animais selvagens famintos à espreita da presa: com voracidade e ímpeto. Outra comparação feita é com as águias ou abutres, se precipitando como um raio sobre suas presas. É uma perfeita descrição do genocídio promovido pelo invasor.

Um detalhe no texto de Habacuque 1.8 é que a segunda vez

“Deus diz: ‘Eis que suscito os caldeus’. Está claro que esse povo seria mais do que apenas outro poder político da História. Ele estava sendo usado para execução do plano divino”

onde aparece a expressão “seus cavaleiros” pode ser omitida. Ela é colocada nas traduções como ênfase ou para deixar ainda mais clara a passagem.

A ATUAÇÃO DO INSTRUMENTO (1.9-10)

Sobre a atuação do inimigo, Deus afirma cinco coisas. A primeira é que todos eles viriam “para fazer violência” (v9). Em outras palavras, o objetivo e prazer deles era matar. A destruição era-lhes prazerosa.

A segunda afirmação divina é que “seus rostos buscarão o oriente”. Algumas traduções preferem “seus rostos suspiram por seguir avante”. Muitos comentaristas interpretam essas palavras fazendo alguma referência ao vento oriental, que sopra na Palestina vindo do deserto, causando pânico na região. Esse vento faz secar as lavouras e provoca muita destruição. A ligação é feita porque, logo em seguida, o texto bíblico diz que “reúnem cativos como areia”, e esse vento amontoa montes de areia por onde passa. Há ainda o versículo 11, que descreve a atuação do inimigo dizendo que “ele passará como vento e pisará”. Além disso, o Targum, que é um conjunto de traduções e comentários de textos bíblicos que datam do sexto século a.C., diz sobre a passagem do verso 9: “A fisionomia deles era como o vento oriental”.

A terceira afirmação, já mencionada, é que eles “congregarão os cativos como areia”. Isso se refere ao número quase incalculável de pessoas que foram levadas para a Babilônia para servirem de escravas. A quarta é “escarnecerão dos reis, e dos príncipes farão zombarias” (v10a). Tais palavras expõem nitidamente como os caldeus eram altivos e insolentes. Eram poderosos e usariam seu poder para humilhar e aviltar os outros povos.

O PECADO FINAL DO INSTRUMENTO (1.11)

O último pecado do instrumento é colocado em poucas palavras: “Então passará como um vento e pisará, e se fará culpada, atribuindo este poder ao seu deus”. A primeira parte desse versículo fala ainda do avanço caldeu, afirmando que, como um vento, os conquistadores se lançariam

sobre seus adversários e os esmagaria. Há quem prefira, no entanto, uma outra tradução dessa primeira parte, lendo aqui “E seu espírito se altera” ou “Então passam como passa o vento”, ou ainda “Suas idéias mudam”. Seja como for, a primeira idéia parece mais precisa.

Na segunda parte do texto, Deus assevera que o sucesso dos babilônios não omitiria o fato de serem culpados diante dEle. Mesmo sendo o instrumento do juízo divino, eles também seriam julgados pelo Senhor. Diz o texto: “...e se fará culpada”. Na continuação, vemos que seu maior pecado, o derradeiro e o mais terrível, seria o sacrilégio. Eles transformariam o profano em seu deus: “...atribuindo este poder ao seu deus”. Ou melhor, como diz outra versão: “...cujo poder é o seu deus”. Isso significa dizer que os babilônios fariam de seu poderio bélico o seu deus supremo. A lança e a espada seriam seus ídolos. Seria uma espécie de “belicolatria”.

Tais palavras eram um vislumbre de esperança para os que confiavam no Senhor. O instrumento não ficaria impune. Essa verdade seria tratada com mais profundidade logo em seguida, após a reação de Habacuque a esta resposta de Deus, tema abordado nos próximos capítulos.

RESPOSTA INCOMPREENDIDA

Muitas vezes temos ouvido e ensinado que Deus diz sim, não ou espere. Até aí, tudo bem. No entanto, o problema está quando esquecemos que o que chamamos de “ausência da resposta divina” não quer dizer, necessariamente, que o Senhor esteja se omitindo. Não. Nós é que costumamos chamar a intervenção não compreendida de Deus de ausência de ação. Deus sempre agirá, mas não necessariamente da forma que idealizamos.

O que chamamos de “silêncio de Deus” não significa imobilidade divina, não significa que Ele não está agindo em relação ao problema em foco, mas é a operação divina em moldes diferentes, muitas vezes considerados por nós indesejáveis, pois nem sempre aquilo que nós queremos é o que necessitamos. Às vezes o que não desejamos é exatamente o que precisamos. Por isso, os métodos de Deus são-nos muitas vezes irreconhecíveis. Sequer achamos que Ele está agindo.

“O que chamamos de ‘ausência da resposta divina’ não quer dizer, necessariamente, que o Senhor esteja se omitindo. Nós é que costumamos chamar a intervenção não compreendida de Deus de ausência de ação”

Jesus disse certa vez que Ele e seu pai trabalham ininterruptamente: “Mas ele lhes disse: Meu Pai trabalha até agora, e eu trabalho também”, Jo 5.17. Ao proferir essas palavras, o Mestre estava explicando porque curava aos sábados. Enquanto nos demais evangelhos encontramos Cristo justificando a quebra da guarda do sábado pelos atos de misericórdia, em João Ele apresenta outra justificativa: o fato de ser igual a Deus, coisa asseverada tremendamente nos versículos seguintes (Jo 5.18-24). Assim, ao dizer “Meu Pai trabalha até agora, e eu trabalho também”, o Messias estava querendo dizer que

assim como Deus, o Pai, o Criador, não podia abandonar sua criação aos sábados, coisa aceita naturalmente pelos judeus, Ele, o Filho, sendo Deus, também não deixaria de operar nos sétimos dias.

Dessa passagem supracitada infere-se claramente o fato de que Deus não tira “soneca” ou “férias”, ou coisa parecida. Ele está sempre trabalhando, seja pela manhã, à tarde ou à noite. Todos os anos, meses, semanas e dias, Ele está trabalhando. Tanto no bulício do dia-a-dia como no que chamamos de silêncio.

Deus não está morto, dormitando ou esquecido. Se parece calado, se aparenta negar ajuda, isso não significa a verdade. O atentar para aquilo que é aparente, àquilo que soa como descaso – porque o silêncio soa como desinteresse – é o que nos impede de perceber a constante operação divina por trás de tudo. A forma como encaramos as intervenções de Deus pode estar entulhando nossos ouvidos espirituais. A maneira como entendemos a ação de Deus pode estar eclipsando nossa visão espiritual.

Deus está vivo e presente. A dureza do nosso coração é que faz com que tantas vezes não percebamos os sinais de seu caminhar nos bastidores.

ANDANDO SOBRE O MAR

Há muitos casos nas Sagradas Escrituras que ilustram bem essa verdade. Um exemplo clássico está em João 6.16-21, no episódio em que Jesus anda sobre o mar.

A Bíblia nos diz que, chegando a tarde, depois de uma maratona do Mestre com as multidões, seus doze discípulos desceram para o mar em direção a Cafarnaum. Jesus ficou para ir depois. Segundo uma passagem correspondente, Ele ficara orando sozinho no monte (Mt 14.23).

À noite, ainda no mar, uma tempestade acomete o barco dos discípulos. É madrugada e um grande vento sopra. Os doze começam a gritar e clamar desesperados, pois não conseguem vencer o ímpeto do mar.

De repente, um vulto se aproxima. Mas ele não se desloca dentro de uma embarcação. Ele vem, como descreveu o poeta, “claro como o resplendor balsâmico do luar, leve como a virtude, andando sobre o mar”.

É Jesus que vem sobre as águas, mas os discípulos não o reconhecem. Por quê? Estava Ele transfigurado? Não, o texto sagrado não nos fornece tal informação. Com certeza a tempestade deve ter atrapalhado a visão deles, mas a questão não é essa. O fato é que a simples idéia de alguém andando sobre o mar era-lhes aterradora, como ainda o é hoje. Ninguém esperaria tal auxílio. Portanto, imaginavam que o Mestre era um fantasma, uma assombração que pretendia hostilizá-los durante aqueles que pareciam ser os instantes finais de suas vidas.

Se parassem para perceber quem era o ser que se aproximava... Mas não fizeram tal coisa, porque aquela incógnita estava *andando sobre o mar*, e isso era impossível de assimilação. Essa constatação já os impedia de tentar fazer qualquer reconhecimento. Era irrealizável acreditar na possibilidade de o socorro chegar daquele jeito. Essa hipótese não lhes

“Talvez a resposta à sua oração já esteja em ação e você nem percebeu ainda, porque acha que, se Deus já estivesse agindo mesmo, estaria operando dentro do formato que você idealizou. Habacuque pensava assim”

era possível. Foi preciso Jesus acalmá-los identificando-se altissonantemente para que finalmente discernissem o que realmente acontecia. O socorro viera de uma forma tão tremenda que não acreditaram.

Há três semelhanças entre esse episódio e a experiência de Habacuque. A primeira é que da mesma forma que os discípulos clamavam desesperados como se a situação tivesse se tornado irremediável, quando na verdade a resposta já estava se manifestando diante de seus olhos, a resposta da oração de Habacuque já estava em plena atividade enquanto o profeta se consumia de dor imaginando-a distante.

A segunda semelhança é que a resposta da oração de Habacuque, quando encarada, não lhe parecia uma boa notícia, como a resposta à prece dos discípulos também não lhes era agradável, pelo menos à primeira vista. A última é que, como no caso dos discípulos, a resposta de Deus era algo tão terrível e extraordinário, que o profeta não acreditaria de outra forma, só ouvindo-a da boca do próprio Deus. Os discípulos precisaram ouvir o Mestre se identificar de uma forma incisiva para crerem. Pedro ainda quis fazer um teste (Mt 14.27-32). Só no fim eles admitiram que se tratava de uma intervenção divina (Mt 14.33).

Como Habacuque e os doze, muitas vezes nós, servos de Deus, demoramos assimilar a verdade de que Deus está agindo, porque, de alguma forma, não reconhecemos as digitais divinas no cenário à nossa volta. Acostumamo-nos a vê-lo de uma só forma, por um único ângulo, e por isso não reconhecemos sua intervenção quando manifestada diferentemente. Habituaamo-nos a vê-lo dentro do barquinho, por isso não entendemos como Ele pode vir andando sobre o mar.

Talvez a resposta à sua oração já esteja em ação e você nem percebeu ainda, porque acha que, se Deus já estivesse agindo mesmo, Ele estaria vindo do seu jeito, operando como você espera que Ele opere, uniformemente, dentro do formato que você aprendeu. Habacuque pensava assim. Ele ainda não reconhecia os multiformes métodos de Deus. Mas era tempo de aprender.

O Senhor dos Céus e da Terra não pode ser confinado nos frascos das nossas experiências. Ele não pode ser circunstanciado pelos limites da nossa imperfeita visão. O Deus do Universo não pode ser encapsulado. Não há camisa-de-força, represa, ideologia, barreira,

estorvo, labirinto, força e poder que possam deter o seu querer. Ele faz como quer, onde quer, na hora que quer. Portanto, a Ele seja a honra, a glória e o louvor para sempre!

A decifração do enigma da oração não respondida é: Na verdade, Deus *já* está agindo. Aliás, Ele nunca deixou de agir. Todavia, a ação divina nem sempre corresponde à nossa idealização, por isso nem sempre a reconhecemos imediatamente. Ele é soberano e, portanto, pode estar operando da maneira que você menos espera.

5

O enigma do
instrumento (1.12-17)

Uma dia, Isaque, filho de Abraão, devido ao fato de ter sido grandemente abençoado por Deus, tornou-se alvo de inveja por onde passava. Nos conta a Bíblia que a situação era tão séria, que ele foi forçado a se mudar o mais rapidamente possível com sua família, servos e bens (Gn 26.16). Chegando ao vale de Gerar, não pensou duas vezes: resolveu fazer dali sua habitação. Mas havia um grande problema. Era um período de grande seca na região e o lugar era extremamente seco. Não havia água.

Naquele momento de crise, Isaque percebeu que a melhor saída seria rever o passado. Ele lembrou-se que seu pai, Abraão, muitos anos antes, havia habitado aquela região e resolvera o problema da sequidão cavando poços. O patriarca resolveu, então, dar ordem aos seus servos para reabrirem os poços cavados por seu pai. Ao final da empresa, todos os poços jorraram águas puras e Isaque e sua família prosperaram naquela região.

Uma das grandes lições que aprendemos nessa experiência vivenciada por Isaque em suas peregrinações é que, quando a crise chega, na maioria das vezes a melhor coisa a fazer não é partir para qualquer medida inédita, mas considerar o passado. Isso porque, só depois de nos assegurarmos do essencial, podemos partir para o novo;

“Quando a crise chega, a melhor coisa a fazer não é partir logo para qualquer medida inédita, mas considerar o passado. Isso porque, só depois de nos assegurarmos do essencial, podemos partir para o novo; só após firmarmos bem nossas estacas, podemos ampliar a nossa tenda”

só após firmarmos bem nossas estacas, podemos ampliar a nossa tenda; só depois de termos aprendido e aplicado as lições do passado, podemos partir para novas lições.

Foi isso que Habacuque fez. Quando a crise chegou, sua primeira reação foi considerar novamente os pilares sobre os quais sua vida havia sido edificada. Ele reexaminou suas bases teológicas, suas convicções fundamentais a respeito de Deus e, apenas depois de se assegurar de tudo, abriu-se para o novo de Deus, para uma nova revelação divina. Afinal, ele sabia que Deus é imutável,

portanto nada do que faz, por mais surpreendente que seja, ainda que coloque de cabeça para baixo muitas das nossas convicções, poderá contrariar aquilo que Ele já revelou sobre si mesmo.

Isso é o que vamos analisar mais detidamente a seguir.

CONVICÇÕES À PROVA

Depois de ouvir a resposta divina, Habacuque fica perplexo. Um povo mais ímpio do que Israel estaria sendo usado por Deus como instrumento de juízo, e isso obviamente o perturbava. Sua reação foi absolutamente natural: perguntou ao Senhor como poderia ser isso e por quanto tempo os babilônios, após suas conquistas, continuariam dominando.

“Não és tu desde sempre, ó Senhor meu Deus, meu santo? Nós não morreremos: ó Senhor, para juízo o puseste, e tu, ó Rocha, o fundaste para castigar. Tu és tão puro de olhos, que não podes ver o mal, e a vexação não podes contemplar: por que, pois, olhas para os que procedem aleivosamente, e te calas quando o ímpio devora aquele que é mais justo do que ele? E farias os homens como os peixes do mar, como os répteis, que não têm quem os governe? Ele a todos levanta com o

anzol, apanha-os com a sua rede, e os ajunta na sua rede varredoura: por isso ele se alegra e se regozija. Por isso sacrifica à sua rede, e queima incenso à sua draga; porque com elas se engordou a sua porção, e se engrossou a sua comida. Porventura por isso esvaziará a sua rede, e não deixará de matar os povos continuamente?”, Hc 1.12-17.

Em meio ao impacto da resposta ao primeiro enigma, o profeta-filósofo tenta colher consolo e esperança a partir do que já sabe sobre o caráter divino. Ele tenta se recompor colocando-se, antes de tudo, a considerar novamente o caráter de Deus. Uma volta às bases da sua fé foi seu primeiro passo.

À primeira vista, a forma como ele entendia Deus não se coadunava com o que ouvira. Portanto, Habacuque precisava considerar mais uma vez a maneira como entendia o caráter divino para, de alguma forma, poder compreender o método de Deus.

São nas crises que as convicções mais íntimas dos homens vêm à tona e são provadas. Por isso a sua atitude imediata de refletir inicialmente sobre o caráter de Deus. Em seu diálogo com o Senhor, o profeta põe sob análise, humildemente, o que percebe sobre o ser do Criador.

“MEU SANTO”

Quando Habacuque chama Deus de Santo, ele usa o vocábulo *qādôsh*, adjetivo que qualifica tudo aquilo que é profundamente sagrado ou que é admitido no contorno do sagrado através de um rito divino ou um ato público de culto. A expressão tem a conotação de algo distinto, que de nenhuma forma se confunde com o que é comum ou profano.

Thomas McComiskey, professor de Antigo Testamento e Línguas Semíticas do Trinity Evangelical Divinity School, em Illinois, Estados Unidos, enfatiza que quando *qādôsh* é usado em referência a Deus, traz a idéia de ausência de imperfeições¹. Em Oséias 11.9, por exemplo, onde o termo aparece, o Senhor é apresentado como isento de imperfeições: “Não executarei o furor da minha ira: não voltarei

para destruir a Efraim, porque eu sou Deus e não homem, o Santo no meio de ti; eu não entrarei na cidade”.

Segundo McComiskey, no texto de Habacuque 1.12, “esse aspecto do caráter de Deus constitui a base da esperança que Habacuque tem de que seu povo não perecerá”.

“Ó ROCHA”

A palavra traduzida por “Rocha” em Habacuque 1.12 é, no original hebraico, *tsûr*. Esse termo aparece 75 vezes em todo o Velho Testamento, e em nenhuma oportunidade denota ídolos. Segundo John Hartley, professor titular de Filosofia e Religião do Azusa Pacific College, Califórnia, EUA, nas páginas veterotestamentárias, ao se descrever Iavé como *tsûr*, se está dizendo que Ele é uma Rocha, e não um ídolo esculpido em pedra². Segundo ele, a idéia do vocábulo é sempre de firmeza, de algo em que se pode confiar plenamente. Deus sempre aparece como uma fonte de força, que permanece por todas as gerações.

O termo também sugere justiça e retidão. Dois textos bíblicos salientam esses aspectos do caráter de Deus, ilustrados pelo vocábulo *tsûr*: “Ele é a Rocha (*tsûr*), cuja obra é perfeita, porque todos os seus caminhos juízo são: Deus é a verdade, não há nele injustiça; justo e reto é”, Dt 32.4. “Para anunciarem que o Senhor é reto: Ele é a minha Rocha (*tsûr*), e nEle não há injustiça”, Sl 92.15.

A expressão *tsûr* indica ainda segurança: “Mas o Senhor foi o meu alto retiro; e o meu Deus a Rocha em que me refugiarei”, Sl 94.22. Comentando o uso desse vocábulo em Habacuque 1.12, Hartley afirma que “a qualidade de solidez real dá ao profeta a certeza de que Iavé levará os ímpios a juízo”.

AS PRIMEIRAS CONCLUSÕES DO PROFETA (1.12)

A partir desses dois referenciais do ser de Deus, sua santidade e sua firmeza, Habacuque conclui que o fato de os caldeus serem os instrumentos do juízo não significa dizer que o Senhor aprovara o comportamento babilônico.

A segunda conclusão do profeta é que, posto que Deus é Santo, ele não poderia permitir o triunfo da maldade. Cedo ou tarde, os babilônios haveriam de pagar pela sua crueldade.

Segundo Habacuque, essas conclusões só eram plausíveis porque quem os colocara como instrumento de juízo era o Santo; quem os fundara para castigar era a Rocha. Apoiado nisso, declara também: “Não morreremos”. Ou seja, haveria salvação e livramento. O castigo viria, mas Judá sobreviveria apesar da dureza do castigo.

Avaliando dessa forma, Habacuque pôde ganhar fôlego, respirar fundo. Porém, o problema ainda não estava de todo resolvido. Conquanto essas bem-sucedidas colocações, ainda havia um questionamento a ser enfrentado, e que abatia fortemente o coração do profeta-filósofo: Por que justamente *esse* instrumento? Por que os caldeus? Por quê?

O ENIGMA DO INSTRUMENTO (1.13)

O profeta expõe sua lancinante confusão mental nos seguintes termos: “Tu és tão puro de olhos, que não podes ver o mal, e a vexação não podes contemplar: por que, pois, olhas para os que procedem aleivosamente, e te calas quando o ímpio devora aquele que é mais justo do que ele?” Em outras palavras, ele estava chegando ao ponto no qual muitos outros pensadores durante a História já haviam tropeçado: se a retidão do Senhor não pode ser conciliada com o mal e, mesmo assim, Deus o permite, isso significa dizer que ou Ele não é realmente justo ou não é realmente onipotente.

O segundo grande enigma de Habacuque não é realmente algo tão fácil de decifrar. Colocando-nos no lugar do profeta, vivendo seu contexto, sentindo sua dor, concluímos que o enigma do instrumento é um dos mais terríveis que o ser humano pode enfrentar. Se os caldeus idolatravam a si mesmos e o seu poderio bélico, como poderiam ser utilizados pelo Senhor, que é “tão puro de olhos que não pode ver o mal”? Como o Deus justo e santo permitiria, inclusive, que a pequena parcela piedosa de Judá sofresse quando os ímpios fossem punidos pelo instrumento de caráter perverso?

“O novo método de Deus quebrara toda a rotina teológica do profeta. A partir daquele momento, ele nunca mais seria o mesmo. Habacuque nunca mais veria Deus e a vida de fé do mesmo jeito”

Os livros de Jó e Habacuque são os que mais confrontam o leitor bíblico com as especulações teológicas. Este último, porém, por causa do segundo enigma, chega a ser, de certa forma, ainda mais impressionante. Isso porque, enquanto em Jó a questão única era “Por que sofre o justo?”, em Habacuque, além desta difícil questão, outra ainda mais terrível atormentava o profeta: “Por que

os justos sofrerão *juntamente com os ímpios* (porque Jerusalém seria destruída) e *sob a ação de um instrumento perverso?*”

Simplemente, Habacuque estava procurando respostas a questões que o judaísmo de sua época ainda não pudera solucionar perfeitamente. A questão moral levantada destoava completamente da compreensão de Deus que ele e todo o seu povo tinham até aquele instante. “Afinal de contas”, pensa o profeta, “qual o caráter desse governo de Deus sobre o mundo? Que Deus é esse, que age tão diferentemente do que a lógica aponta a partir do que sabemos de seu caráter e de seus atributos?”

Aquele novo método de Deus quebrara toda a rotina teológica do profeta. A partir daquele momento, ele nunca mais seria o mesmo. Habacuque nunca mais veria Deus e a vida de fé do mesmo jeito. A confrontação com aquela nova verdade provocaria uma revolução em seu coração. E dependendo da forma como ele reagiria, essa mudança poderia ser para melhor ou para pior.

MAIS CONSIDERAÇÕES E REFLEXÕES SOBRE AS IMPLICAÇÕES DO INSTRUMENTO ESCOLHIDO (1.14-16)

Os quatro últimos versículos do capítulo um trazem pensamentos ainda mais impressionantes de um coração atingido mortalmente por uma perplexidade angustiante. A senda por onde caminhavam as reflexões de Habacuque é perturbadora. Se não, vejamos.

No versículo 14, angustiado, o profeta diz para Deus: “E farias

os homens como os peixes do mar, como os répteis, que não têm quem os governe?”

Há duas interpretações para essa passagem.

A primeira é a de que Habacuque se referia ao fato de que os babilônios demonstravam ser homens tão disciplinados quanto os répteis e os peixes. Em outras palavras, assim como os animais não têm percepção moral, isto é, são amorais – não vivem e nem procuram viver sob uma ordem moral, porque não percebem nenhuma –, assim eram os caldeus.

Isso tornava mais terrível as coisas. Em última análise, para Habacuque, o instrumento era mais do que ímpio; era amoral. Portanto, a crueldade do instrumento não tinha limites, pois não havia uma percepção moral que tolhesse o nível da crueldade a ser utilizado pelo instrumento.

No entanto, ainda há, como afirmamos, uma segunda interpretação, e que é aceita pela maioria dos comentaristas bíblicos. Segundo esse grupo, nessa passagem, Habacuque estaria dizendo que, por causa da “indiferença divina” diante da destruição, Deus estaria demonstrando que os seres humanos eram para Ele como os peixes do mar e répteis. Assim como estes animais são apanhados pelos homens nos mares e rios sem que Deus se preocupe com isso, assim seriam os de Judá diante dos babilônios.

Como um certo intérprete já sugeriu, essa seria uma idéia oposta ao ensinamento de Jesus no Sermão da Montanha, onde Ele afirma que Deus se preocupa com os pardais e os lírios do campo, e mais ainda com os seres humanos. Segundo Jesus, tudo está sob o governo, cuidado e controle divinos (Mt 6.25-34). O que Habacuque diz, no entanto, é que, se o juízo divino viria na forma daquele instrumento e atingiria os remanescentes também (isto é, os justos), então Deus estaria deixando de lado seu cuidado. Então não haveria cuidado nem para os homens nem, muito menos, para os animais, e os justos seriam em muitas situações como pequenos animais entregues à sorte, desprotegidos diante de seus implacáveis caçadores (as adversidades; no caso, os caldeus). É isso que ele estaria dizendo ao questionar: “Não têm quem os governe?”

***“Se Deus afirmara
que estava por trás
do êxito dos
caldeus, e Ele é
santo e justo,
continuará a
Babilônia a destruir
os povos sem
compaixão?”***

Como afirmou Fausset, “todos os homens podem pescar no mar com impunidade; assim, os caldeus estavam castigando o povo de Deus com impunidade, como se Deus nem governasse o Seu povo. A teocracia tinha degenerado em anarquia”³.

Como ficou claro na primeira parte deste comentário bíblico, o livro de Habacuque, quanto ao seu propósito, é uma teodicéia. Essa expressão vem do grego, significando “justiça de Deus”: *Theo* (Deus) e *díke* (justiça). Teodicéia é o conjunto de doutrinas que buscam justificar a bondade divina, rebatendo os argumentos sobre a existência do mal no universo. Em outras palavras, esse termo filosófico diz respeito ao combate travado contra as doutrinas atéias ou dualistas que se apóiam nesses argumentos equivocados da presença do mal no mundo. Para combatê-las, Habacuque não se esquivou de questões e idéias que perturbavam sua fé.

Vamos um pouco mais adiante.

O versículo 15 é uma continuação da idéia do 14. Note que Habacuque apresenta um pescador que usa de todos os seus recursos: anzol, rede e rede de arrasto, isto é, uma draga, uma rede varredoura. O profeta também dá a entender que esse pescador apanha, com sucesso, o máximo possível, justamente porque pode usar de todos os recursos que lhe são disponíveis. Deus, através de Jeremias, usou a mesma ilustração para se referir ao algoz de Judá: “Eis que mandarei muitos pescadores, diz o Senhor, os quais os pescarão”, Jr 16.16.

Duas coisas mais devem ser destacadas no verso 15. A primeira é a imagem da rede, principalmente da rede varredoura: “...e os ajunta na sua rede varredoura...”. A idéia de uma rede desse porte ilustra com vivacidade o grande número de cativos que seriam levados pela Babilônia após suas conquistas. A segunda coisa a ser destacada na passagem é a alegria que o pescador tem pelo sucesso de sua pescaria: “...por isso ele se alegra e se regozija”. Essa figura apresenta-nos o prazer que os caldeus teriam pela destruição e matança a que subme-

teriam os povos por eles conquistados. Eles seriam de um sadismo terrível. Com a mesma naturalidade com que o pescador se regozija de uma boa pesca, eles se regozijariam pelas matanças.

Já no versículo 16, o profeta continua sua metáfora, mas ressaltando agora o que Deus dissera sobre os conquistadores no versículo 11, quando Ele se referira ao último grande pecado dos babilônios: "...atribuindo este poder ao seu deus" ou, como diz outra versão, "...cujo poder é o seu deus". Tendo essas palavras ainda em mente, Habacuque prossegue o seu tropo sobre os caldeus, dizendo: "Por isso sacrifica à sua rede, e queima incenso à sua draga; porque com elas se engordou a sua porção, e se engrossou a sua comida".

Está mais do que claro que a expressão "sacrifica à sua rede e queima incenso à sua draga" não se refere a uma prática histórica dos babilônios. De que se tem notícia, os únicos povos que realmente tinham alguma prática de sacrificar animais a objetos em honra a algum deus são os citas, povos nômades do Norte da Europa e da Ásia. Eles eram de origem indo-iraniana, cuja cultura não foi bem preservada durante os séculos. Há poucos documentos históricos sobre eles, e um destes sugere que os citas ofereciam sacrifícios a suas cimitarras para dignificar seu deus da guerra. Mais do que instrumentos de batalha, seus sabres também representavam um de seus deuses.

Os caldeus não adoravam redes e dragas, isso é claro. Então sacrificavam ao seu poderio bélico? Também não. Não há registros históricos que sugiram que eles prestassem culto a suas armas de guerra. Logo, infere-se que o profeta está afirmando que confiavam tanto em seu poderio bélico que a relação era quase de adoração. Mesmo que inconscientemente, eles endeusavam sua pujança militar. Era nesse poderio em que se apoiava a sua força. Afinal de contas, segundo o raciocínio deles, era através das armas que eles "engordariam a sua porção e engrossariam a sua comida".

Warren W. Wiersbe, professor do Grand Rapids Baptist Seminary, nos Estados Unidos, afirma sobre essa passagem: "O exército caldeu dizima os povos e leva os sobreviventes cativos como desamparados peixes em suas redes. Logo, a rede parece simbolizar mesmo o poder

militar da Babilônia, o qual ela mesma reverencia como se fosse um deus. O seu deus é a coisa em que você põe a sua fé, e a Babilônia punha a sua fé em seu exército”⁴.

Os caldeus se convenceriam de que toda a sua prosperidade vinha desse poderio. Champlin, em sua obra supracitada, lembra que hoje há manifestações semelhantes: “As nações atuais continuam adorando meios de destruição, vendendo armas para cometer matanças, o que se tornou um comércio internacional de tremendas proporções”⁵.

A SÍNTESE DA DÚVIDA ANGUSTIANTE (1.17)

Finalmente, no versículo 17, Habacuque volta-se para a reflexão do versículo 12 (“Se Deus é santo, se é a Rocha, as coisas não poderão permanecer assim”). Uma melhor tradução do verso 17 seria: “Por isso (pela confiança no poderio bélico), acaso (a Babilônia) continuará esvaziando a sua rede? Continuará a destruir os povos sem piedade?” Permitiria Deus que o sucesso desse látego se perpetuasse, posto que os conquistadores adoravam seu próprio poder, isto é, a si mesmos, e agiam impiamente, sem misericórdia? A matança dos povos continuaria? Se Deus afirmara que estava por trás do êxito dos caldeus, e Ele é santo e justo, continuaria a Babilônia a destruir os povos sem compaixão?

Na verdade, voltando a essa reflexão, Habacuque estava enfatizando mais uma vez o questionamento do verso 13: Por que *esse* instrumento, se Tu és puro? O pensamento do profeta segue um encadeamento lógico. A reflexão do versículo 12 é seguida pelo questionamento do versículo 13, que é enfatizado nos versos 14, 15 e 16, e aparece, juntamente com uma reprodução sintética da reflexão do verso 12, no versículo 17. Assim, a última pergunta do profeta a Deus (1.17) traz sinteticamente a razão de toda a sua angústia.

No capítulo dois do livro do profeta-filósofo, encontramos a resposta divina a esse questionamento. Porém, antes de registrá-la, Habacuque falou de sua atitude de espera, isto é, a forma como ficou esperando a resposta de Deus. Ora, se ele colocou esse detalhe em seu diário, é porque este tem um significado especial. Portanto, esse registro no intervalo entre a réplica do profeta e a tréplica divina é importantíssimo.

Sim, foi um momento de pausa especial. O relato aparece em apenas um versículo, porém sua profundidade é marcante. Por isso, urge, antes de partirmos para a resposta, observarmos essa reação do profeta. E é exatamente o que faremos no próximo capítulo.

6

Esperando a resposta (2.1)

Era tarde. O pai ainda não havia chegado e três dos quatro irmãos estavam impacientes. O evento começaria dentro de 20 minutos. Se corressem, talvez ainda pudessem chegar a tempo. Mas o pai havia dito para esperarem por ele, que viria para levá-los de carro.

“Calma, vamos esperar mais um pouco”, aconselhou o mais velho, que tentava animar seus irmãos. Mas eles não estavam nada pacientes. Cada vez que o tempo passava, parecia-lhes mais improvável que alguém chegasse. Já estavam ali há quase uma hora esperando.

Nervosos, com medo de perder o horário, os três jovens ansiosos resolveram não esperar mais e partiram. O mais velho ficou, mas, antes de seus irmãos partirem, teve que ouvir os comentários irônicos “É bom ficar, alguém tem que avisá-lo” e “Vamos guardar um lugar para você”, seguido da ressalva “Isso se você chegar a tempo e ainda tiver assento”.

O mais velho chegou a ficar preocupado. “Será que papai vem mesmo?” Mas, tomado de novo ânimo, retrucou a si mesmo: “Não, ele prometeu que viria. Eu sei que ele vem!” Dez minutos após a saída dos irmãos, chega o pai, que fica surpreso com a precipitação dos outros três.

Naquele dia, caiu uma chuva torrencial. daquelas de que falam no Nordeste, dizendo que “cada pinga enche dez potes e cada pote enche dez latas”. O pai encontrou os três no meio do caminho. Estavam ensofados. Mesmo assim, entraram no carro. O pai levou os quatro para

“Não houve uma resposta imediata à oração do profeta. No entanto, ele assumiu uma atitude surpreendente de espera. Ele sabia que a resposta divina viria, porque estava convicto de que Deus sempre responde às orações”

o evento, mas só o mais velho participou. Os outros três estavam tão molhados e sujos pela lama que rapidamente se formou após a chuva, que desistiram de ir para o evento. Se tivessem esperado o pai, como o mais velho, não teriam perdido o evento.

Quem se precipita, pensando que está indo bem, sempre tem o período do “oba-oba” sucedido pelo do “epa-epa”. Para acertar, é preciso saber esperar. Para ter respostas completas, também é preciso aguardar. Ter paciência.

Aliás, uma das grandes lições que a vida nos dá é que se você quer as respostas a alguma coisa importante, tem de saber esperar.

O profeta Habacuque sabia bem disso.

É de se destacar a paciência de Habacuque. Não houve uma resposta imediata à oração do profeta. No entanto, ele assumiu uma atitude surpreendente de espera. Ele sabia que a resposta divina viria, porque estava convicto de que Deus sempre responde às orações. Ele acreditava firmemente nisso.

Habacuque sabia plenamente, pela sua experiência na presença do Senhor, como profeta de Deus que era, que algumas vezes o Senhor pode responder imediatamente, outras vezes não, mas nunca deixaria de responder na hora certa. Como já afirmou Charles Haddon Spurgeon, considerado por muitos cristãos um dos maiores pregadores de todos os tempos, “espere com esperança no Senhor, porque embora a Sua resposta muitas vezes não seja imediata, ela nunca chega tarde demais”.

“Sobre a minha guarda estarei, e sobre a fortaleza me apresentarei e vigiarei, para ver o que fala comigo, e o que eu responderei, quando eu for argüido”, Hc 2.1.

Há estudiosos do texto sagrado que preferem entender que o profeta, nessa passagem, não se refere mesmo a uma “fortaleza” ou

“torre de vigia” (como melhor traduz outra versão). Ele apenas estaria, em linguagem figurada, falando de sua firme resolução de ficar velando pela resposta. No entanto, sabemos que essa atitude de subir a um lugar elevado para falar com Deus era uma prática muito comum entre os profetas do Velho Testamento. São vários os exemplos: Elias (1Rs 19.8), Eliseu (2Rs 2.25), Moisés (Êx 33.21), Balaão (Nm 22.41) etc. Portanto, tudo indica mesmo que Habacuque subiu a uma torre como sentinela para aguardar com avidez a resposta divina.

A imagem criada pelo texto é a de um atalaia que está em prontidão, atento a tudo à sua volta, esperando, com olhar fixo no horizonte, um cavaleiro que trará uma mensagem especial para seu povo. Champlin cita o seguinte comentário de Ellicott sobre esse texto: “A prática de subir a uma elevada torre para garantir uma visão extensa sugere a figura aqui. Veja 2 Reis 9.17 e 2 Samuel 18.24. Em uma metáfora ainda mais ousada, Isaías apresentou-se como alguém que fora nomeado como atalaia, que trazia relatórios de sua torre”¹. Ele se refere a Isaías 21.6,11-12.

Segundo o professor John Hartley, o vocábulo *tsāpâ*, que aparece flexionado na passagem, “transmite a idéia de ter plena consciência de uma situação a fim de obter alguma vantagem ou de precaver-se de ser surpreendido pelo inimigo. O verbo aparece no sentido de ‘ficar à espreita’, ‘ficar de emboscada’”². Esse vocábulo é usado em relação aos ímpios, em Salmos 37.32: “O ímpio *espreita* o justo e procura matá-lo”. Ele ocorre quando o rei Lemuel descreve a mulher sábia como aquela que atende a cada uma das necessidades de seu lar: “*Olha* pelo governo de sua casa, e não come o pão da preguiça”, Pv 31.27. Também é usado para falar de Deus: “Os olhos do Senhor estão em todo o lugar, *contemplando* os maus e os bons”, Pv 15.3. “Ele domina eternamente pelo seu poder; *os seus olhos estão sobre* as nações; não se exaltem os rebeldes”, Sl 66.7.

O verbo *tsāpâ* também manifesta a postura da pessoa que tem fé: “Eu, porém, *esperarei* no Senhor; *esperei* no Deus da minha salvação: o meu Deus me ouvirá”, Mq 7.7. Sobre o vocábulo, Hartley ainda afirma, citando inclusive a passagem em apreço neste capítulo: “Como participio (*tsôpeh*), o verbo significa ‘sentinela’, aquele que era colo-

cado no meio da cidade e era responsável por informar a liderança da nação acerca dos perigos (1Sm 14.16; 2Sm 18.24; 2Rs 9.17-20). A sentinela que falhasse no cumprimento do dever freqüentemente era executada. O ofício profético é, às vezes, descrito com essa linguagem (Ez 3.17; 33.7; Jr 6.17 e Hc 2.1)”.

O estudo exegético de Habacuque 2.1 leva-nos, portanto, à conclusão de que o profeta estava extremamente consciente da premência da situação. Assim como uma sentinela que observa tudo diligentemente por correr o risco de pagar com a vida caso falhe em sua função, o homem de Deus fica velando cuidadosamente pela resposta. Ele não esmorece, não sai de seu lugar, não se apressa. Apenas aguarda com muita paciência e bastante atenção. Como escreveu G. Adam Smith, referindo-se a Habacuque, “ele tinha um posto a manter e uma trincheira a guardar”.

A QUESTÃO DA ESPERA

Deus demorou para responder a Habacuque? Talvez sim, talvez não. O profeta não registra quanto tempo se passou entre sua réplica e a tréplica divina. No entanto, a maior parte dos comentaristas concorda que o texto sagrado parece sugerir que o Senhor, de alguma forma, demorou a responder o profeta.

A resposta pode ter durado horas ou mesmo dias para chegar. Daniel chegou a esperar 21 dias (Dn 10.12-13) e Jeremias, dez (Jr 42.7). Nada impede que Habacuque tenha esperado um bom tempo também. Até porque a resposta ao primeiro enigma não teve essa observação do profeta a respeito da espera, que aponta para um intervalo. A primeira resposta parece ter-lhe vindo rapidamente. Tudo indica, portanto, um período de espera significativo entre o segundo enigma e sua decifração, pelo menos um tempo um pouco maior do que o que lhe pareceria normal.

A lição que tiramos dessa atitude do profeta-filósofo é tremendamente rica. Esse trecho do diário de Habacuque ensina que só haverá resposta se houver espera. Ou, colocando de outra forma, só há auxílio para o vigilante.

Certa vez, comentando esse texto, o célebre pregador inglês Charles Haddon Spurgeon afirmou: “Nós só conhecemos o que é

esperar em Deus e o que é receber auxílio divino quando há uma expectativa vigilante da nossa parte. Se alguma vez deixamos de receber dEle força e proteção, é porque não estamos realmente contando com elas. Muitos socorros que nos são oferecidos do Céu passam por nós sem que os gozemos! Por quê? Porque não estamos em nossa torre de vigia para avistar de longe que eles vêm chegando, e escancarar as janelas do coração para recebê-los. Quem não está vigilante, à espera do auxílio, pouco receberá. Estejamos atentos à espera da intervenção de Deus nos acontecimentos da nossa vida”³.

Há um provérbio cristão que perpetuou-se por séculos e se encaixa perfeitamente com o assunto em pauta. Ele diz: “Quem espera pela Providência terá sempre providências a esperar”. Spurgeon, analisando-o, propõe: “Podemos mudá-lo da seguinte maneira: Quem não espera providências, nunca terá providências a esperar. Se você não espera por elas, elas não vêm. Se não pusermos nossas vasilhas na chuva, não apanharemos água. Precisamos ser mais objetivos e usar mais o bom senso quando clamamos pelas promessas de Deus. Quem vai a um banco e apresenta um cheque espera ali até receber a importância correspondente, e só então se retira; não sai sem haver completado a transação. Não apresenta o cheque e simplesmente discute sobre o valor da assinatura e a excelência do documento; não, a pessoa quer a importância que lhe cabe, e não se contenta sem ela. Não fica ali só passando o tempo. Pois há muitas pessoas que estão como que brincando com a oração. Não esperam de Deus uma resposta. Assim, só estão passando tempo. Quando oramos, o Pai celestial quer que façamos com Ele uma transação real”⁴.

Deus quer que façamos do nosso relacionamento com Ele a coisa mais importante da vida. Ele quer que coloquemos nossas mais

“Assim como uma sentinela que observa tudo diligentemente por correr o risco de pagar com a vida caso falhe em sua função, o homem de Deus fica velando cuidadosamente pela resposta. Ele não esmorece, não sai de seu lugar, não se apressa”

terríveis questões e vertigens diante dEle, e esperemos por sua resposta e pelo seu direcionamento. Precisamos reservar um tempo para estar aos seus pés em oração e ler e meditar sobre as Sagradas Escrituras. O cristão precisa ser fiel na oração diária e guardar em seu coração as promessas de Deus, tudo aquilo que o Senhor lhe disser, assim como Habacuque estava atento e anotava o diálogo que tinha com o Criador em seu diário. Em outras palavras, e para dar outro exemplo, devemos ser como Maria, mãe de Jesus: “E sua mãe guardava no seu coração todas estas coisas”, Lc 2.51b.

Guardemos em nossos corações tudo o que Deus nos diz, porque nada do que Ele profere cai por terra.

UMA QUESTÃO A ESCLARECER: “O QUE EU RESPONDEREI”

Antes de passarmos para o próximo capítulo, é importante atentarmos para um trecho deste versículo que tem sido um tanto mal compreendida.

Há alguns intérpretes que questionam o pronome pessoal da frase que encerra o versículo em foco. O final desse texto diz: “...para ver o que fala comigo, e o que eu responderei, quando eu for argüido”. É justamente na expressão “e o que eu responderei” que está a questão. O texto hebraico, a Septuaginta e outras versões trazem “o que *eu* responderei”, porém há versões que preferem “o que *ele* responderá”, o que significa que o texto estaria, na verdade, referindo-se a Deus. O versículo terminaria da seguinte forma: “...para ver o que fala comigo, e o que *Ele* responderá, quando eu for argüido”.

Os que propõem esta versão alegam que um escriba, induzido por algum temor, trocou o pronome pessoal nesse final, posto que “o que Ele responderá” sugere que Deus estaria na berlinda, sendo julgado pelo profeta. O escriba teria pensado que seria mais coerente pensar em “o que eu responderei”, isto é, no profeta esperando reverentemente a resposta divina, do que, como diz certo comentarista, “imaginar que Deus estava perante um tribunal de justiça humana”.

No entanto, apesar de tal idéia ser sustentada por estudiosos sérios, não é reconhecida pela maioria dos expositores bíblicos. Aliás, os

próprios proponentes dessa alteração admitem unanimemente que as versões mais fidedignas das Escrituras usam a expressão “o que eu responderei”. Portanto, a história da troca do “Ele” pelo “eu” não passa de mera especulação.

7

DECIFRANDO O ENIGMA
(2.2-4)

O que as pessoas não fazem para expressar seu amor a alguém! Vez por outra, são noticiados casos de pedidos de casamento surpreendentes. Outro dia, um homem pagou a um canal de televisão para, em determinado horário, durante um intervalo comercial, transmitir para todo país seu pedido de casamento na hora que ele e sua namorada estivessem assistindo. Recentemente, outro apaixonado pagou um avião para escrever no céu seu pedido de casamento enquanto almoçava com sua namorada em um restaurante próximo.

Não faz muito tempo, um administrador de redes de 23 anos, chamado Mike Johnson, morador de Nova Iorque, teve a idéia de fazer o pedido de casamento mais inusitado e tecnomaníaco de que já se ouviu falar. Em vez de declarar seu amor nas formas mais tradicionais, Johnson presenteou sua amada com um “computador de noivado”. O computador tinha um formato de bolo de casamento *hi-tech*, e nele veio escrito, na lateral, o pedido “Quer casar comigo?”, acompanhado de um anel de noivado.

Há também quem pague para publicar em outdoors, placas e faixas declarações de amor, apreço ou simpatia.

Quando se ama, sempre se faz alguma coisa para chamar a atenção da pessoa amada. Com Deus não é diferente.

Deus, que é amor e nos ama, também faz de tudo para chamar a nossa atenção, para demonstrar o Seu amor e cuidado.

“Se Deus acha necessária a divulgação clara e maciça do conteúdo das tábuas, isso significa que a mensagem exarada nelas é extraordinária e imprescindível”

A resposta divina a Habacuque começa com uma demonstração clara de que Deus se preocupa, sim, com os seus. Ao contrário do que parecia, o instrumento utilizado por Deus para julgar seu povo não era um sinal de que, para Ele, os meios podem ser explorados a torto e a direito, contanto que atinjam seus objetivos. Havia limites no uso do instrumento e o

Senhor estava interessado em dar segurança aos seus servos para que não entrassem em desespero na hora em que o caos se estabelecesse sobre a nação. Ele quis deixar isso bem claro. Por isso, Deus orientou o profeta a fazer com que Sua resposta fosse visível para todos.

O AMOR NÃO SE ESCONDE: ELE SE MANIFESTA

Depois de um período importantíssimo de espera, Deus responde a Habacuque e de uma forma direta. A primeira coisa que o Senhor diz é que a resposta deveria ser publicada. Deus queria divulgar sua resposta em um imenso outdoor, por assim dizer.

O Senhor ordena ao profeta que escreva; porém, antes de ir logo ao ponto da mensagem, ordena também a forma como Ele quer que sejam registradas suas palavras.

Quando alguém ama, quando alguém realmente se preocupa, sempre procura enfatizar seu cuidado. O amor não se esconde; ele se manifesta. Deus ama. Deus é amor, e a maior publicação disso foi a cruz.

Deus amava os seus em Jerusalém, por isso determinou a Habacuque que gravasse o que diria para divulgá-lo ao povo durante a crise e, especialmente, o exílio.

“O Senhor me respondeu, e disse: Escreve a visão, grava-a sobre tábuas, para que a possa ler até quem passa correndo”, Hc 2.2.

Se quisermos entender melhor o quanto era importante para Deus que essa resposta fosse divulgada, devemos considerar, antes de tudo, que o que Deus estava passando ao profeta-filósofo deveria ficar gra-

vado em tábuas, e não era qualquer tipo de tábua. A ordem divina foi muito específica. Tal detalhe nos faz levantar as seguintes questões: Por que esse tipo específico de tábua? Qual o propósito?

Entender esses pontos é necessário, se quisermos entender melhor a importância dessa resposta divina.

TÁBUAS: MATERIAL E PROPÓSITO (2.2)

O vocábulo usado no versículo dois é, no original hebraico, *lûah*, que aparece mais de 40 vezes no Antigo Testamento. Segundo professor Walter Kaiser, ela “é cognata do acadiano *lûu* ou de um vocábulo sumério (...) Uma vez que o sumério indica o determinativo de madeira, podemos supor que originalmente as pranchas eram feitas de madeira. Tais pranchas de madeira que porventura tenham existido há muito desapareceram. As primeiras pranchas conhecidas foram pictogramas em barro (...) *lûah*, entretanto, pode referir-se a superfícies de pedra nas quais se escrevia (as tábuas dos Dez Mandamentos, em Êxodo 24.12 e 34.28), às tábuas de madeira do Tabernáculo (Êx 27.8; 38.7) ou de um navio (Ez 27.5) e às lâminas de metal no suporte das pias do Templo de Salomão (1Rs 7.36)”¹. Dessa forma, alguns acreditam ser difícil saber exatamente a que tipo de tábuas se refere o profeta ao registrar a resposta divina.

Há comentaristas que sugerem tábuas de pedra, como as do decálogo; outros, no entanto, preferem uma combinação de cera com madeira, como explica Champlin: “Alguns intérpretes pensam estar em foco tabletes de cera, a qual era espalhada sobre uma tabuinha de madeira. Esses tabletes podiam ser postos em lugares conspícuos para que a população geral os visse e lesse”².

Segundo professor Kaiser, a expressão *lûah* também pode ser empregada de forma figurada, como pode ser comprovado nas passagens de Provérbios 3.3 e 7.3, onde as pessoas são orientadas a escrever os mandamentos divinos na “tábua do coração”. Outra passagem que corrobora essa colocação é a de Jeremias 17.1, onde o pecado de Judá encontra-se, diz o texto, “na tábua do seu coração”.

Bem, qual é a importância de sabermos a que tipo de tábuas se refere a passagem? Simplesmente, saber isso vai determinar a importância do que será dito adiante, o conteúdo das tábuas.

Se o uso do vocábulo em Habacuque 2.2 é figurado, o propósito da resposta divina é um; se não, é outro. Por sua vez, tábuas que não sejam de pedra sugerem um material para divulgação maciça, enquanto as de pedra não.

Tábuas de pedra trazendo uma significativa mensagem escrita em letras grandes não é uma idéia aceitável. Elas seriam difíceis de manuseio para divulgação, árduas para serem levadas e instaladas em lugares visíveis e públicos. Sugeririam uma mensagem importante, mas nem tanto. Por sua vez, caso as tábuas sejam de madeira, poderiam ser levadas ou instaladas em lugares estratégicos facilmente. Neste último caso, a imagem que vem à mente é a do recurso de divulgação que chamamos no Brasil de outdoor (essa expressão é criação brasileira; em inglês, os termos usados são *boarding* ou *billboard*).

Tábuas figuradas não parecem ser o caso de Habacuque 2.2. Tudo leva a crer que Deus estava realmente dando instruções ao profeta para que escrevesse em uma grande tábua a revelação que lhe era concedida. A interpretação da maioria dos expositores bíblicos aponta para o uso de uma espécie de grande painel. O propósito, como o texto deixa claro, era fazer com que a visão ficasse legível e clara até mesmo para um mensageiro que passasse apressurado por ali. A idéia seria, portanto, de um mensageiro lendo a mensagem da torre, onde estava o profeta. Ele passaria pela torre, leria a mensagem exposta em um grande painel e partiria em corrida para espalhá-la para o povo. Champlin, no entanto, sugere uma outra idéia: “Um arauto percorria os lugares públicos com os tabletes [contendo a mensagem] e anunciaria, perto e longe, o que dizia a mensagem”³.

Seja como for, fica claro que as tábuas não são figuradas e seu uso era para divulgação. Seu propósito era tornar pública uma mensagem. E aqui chegamos à importância da resposta divina.

Ora, se Deus acha necessária a divulgação clara e maciça desse conteúdo – seja por tabletes, seja pela boca de um mensageiro a percorrer a nação –, isso significa que a mensagem exarada nas tábuas é extraordinária e imprescindível. Foi para os judeus naquele tempo e continua sendo para nós hoje, aqui e agora.

A MENSAGEM SURPREENDENTE (2.3-4)

A resposta de Deus surpreende Habacuque. Ela é completa e responde a três aspectos constituintes de seu questionamento. Principalmente no que diz respeito ao terceiro aspecto, o profeta é impactado. Isso porque este traz consigo uma verdade que revoluciona a visão espiritual de Habacuque, até então extremamente linear e engessada, e redefine suas convicções teológicas.

O primeiro aspecto do enigma é: “Que Deus é esse, que age tão diferentemente do que a lógica aponta a partir do que sabemos de seu caráter e de seus atributos? Se a retidão do Senhor não pode ser conciliada com o mal e, apesar disso, Ele o permite, isso significa que ou Deus não é realmente justo ou não é realmente onipotente.”

Sobre isso, Deus diz ao profeta que a solução do atual problema viria no tempo certo, portanto não adiantava acusar o Senhor de contradição por causa de algo que mais à frente se mostrará exatamente o contrário, desfazendo a confusão, já que, como o próprio Habacuque havia dito, em Deus não há duplicidade. Ele é o Santo e a Rocha (1.12).

As palavras divinas são:

“Porque a visão ainda é para o tempo determinado, e até ao fim falará, e não mentirá; se tardar, espera-o, porque certamente virá, não tardará”, Hc 2.3.

Ao dizer que “a visão é ainda para o tempo determinado”, Deus diz que o profeta tem que aprender a ter paciência. Assim como ele tivera paciência para esperar Deus responder o segundo enigma, ele teria que ser paciente também na espera da solução para o conflito que criou esse enigma.

Enquanto Habacuque tentasse entender o porquê daquela circunstância baseado apenas nas informações daquele instante, sua mente continuaria confusa. Ele teria que confiar na sabedoria divina na condução dos acontecimentos, certo de que, por mais que pareça o contrário, não há contradição entre o caráter de Deus e Suas ações. Deus não mente. Ele é imutável. Se Ele é o Santo e a Rocha, permanecerá sendo, e o desdobramento dos acontecimentos confirmará isso. O fim comprovará a justiça divina.

“Habacuque teria que confiar na sabedoria divina na condução dos acontecimentos, certo de que, por mais que pareça o contrário, não há contradição entre o caráter de Deus e Suas ações”

“Deus não é homem, para que minta; nem filho do homem, para que se arrependa. Porventura diria Ele, e não o faria? Ou falaria, e não o confirmaria?” (Nm 23.19).

“Porque eu, o Senhor, não mudo” (Ml 3.6).

“Se formos infiéis, Ele permanece fiel: não pode negar-se a si mesmo” (2Tm 2.13).

Alguns comentaristas relacionam Habacuque 2.3 com Daniel

8.19, destacando que as expressões “tempo determinado” e “fim” aparecem nos dois textos. Isso leva alguns intérpretes a concluir que as palavras do versículo 3 se referem aos últimos dias, também chamado de tempo do fim, pois esse é o significado da expressão em Daniel. Diz o texto de Daniel: “E disse: Eis que te farei saber o que há de acontecer no último tempo da ira; porque ela se exercerá no *determinado tempo do fim*”. No entanto, é bom lembrar que o livro de Habacuque está falando dos caldeus. Logo, mesmo que a passagem em apreço possa ter também um sentido escatológico, não há de se olvidar seu significado imediato. O “fim”, aqui, seria, antes de tudo, a destruição da Babilônia.

O significado escatológico da passagem foi explorado pela Septuaginta, que traduz o versículo 3 da seguinte forma: “...aquele que vem virá...”. Na verdade, o que a Septuaginta estava fazendo era criar um vínculo ainda maior entre esse versículo e a passagem de Hebreus 10.37.

O segundo aspecto do último enigma é: “Se Deus está por trás do sucesso dos caldeus, e Ele é santo e justo, continuaria a Babilônia a destruir os povos sem compaixão?”

“Eis o soberbo! Sua alma não é reta nele; mas o justo viverá pela sua fé”, Hc 2.4.

A resposta de Deus é que o soberbo perecerá (como Habacuque 2.5-20 irá descrever), enquanto o justo, por sua vez, viverá. É importante dizer que o soberbo, neste trecho, não é apenas o caldeu, mas também os ímpios de Judá, que perecerão no ataque babilônico. Por-

que Deus é santo e justo, os caldeus serão castigados a seu turno. Porque Deus é santo e justo, os ímpios de Judá também serão castigados, e primeiro do que os caldeus.

E por que “o pior ímpio” como instrumento de juízo sobre a impiedade de Judá?

Porque, em primeiro lugar, o pecado para Deus é sempre pecado, seja de Judá ou da Babilônia. Para Ele não há menos pecador e mais pecador, mas apenas pecador (Rm 3.9-12,23). E, em segundo lugar, porque, ao usar os caldeus para julgar Judá, Deus está levando-os ao seu próprio castigo. Ao atacarem Judá, os babilônios estavam abrindo as portas à sua própria destruição (Jr 50 e 51). Em um primeiro momento, não aparentava ser assim, mas os anos seguintes mostrariam que, em última análise, eles estavam sendo usados para sua própria desgraça.

“Pelo que assim diz o Senhor: Eis que pleitearei a tua causa, e te vingarei da vingança que se tomou contra ti; e secarei o seu mar, e farei que se esgote o seu manancial. E a Babilônia se tornará em montões, morada de dragões, espanto e assobio, sem um só habitante (...) Assim será afundada Babilônia, e não se levantará, por causa do mal que eu hei de trazer sobre ela” (Jr 51.36, 37 e 64).

O castigo de Deus sobre a Babilônia acabou sendo mais pesado. Os caldeus foram totalmente destruídos. O reino babilônico não mais existe. Outra nação habita a região. Israel, no entanto, como Deus mesmo havia prometido a seus servos, continua existindo, apesar dos castigos que os judeus padeceram durante a História por causa da sua reincidente impiedade. As orações dos justos na história de Israel, a aliança divina com este povo (apesar de ele ter descumprido sua parte na aliança com Deus) e a misericórdia divina fizeram com que a nação não desaparecesse definitivamente, tendo ainda um papel importante a ser cumprido no final dos tempos (Rm 11).

Finalmente, o terceiro aspecto do enigma do instrumento é: “Como o Deus justo e santo permitiria que a pequena parcela piedosa de Judá sofresse quando os ímpios fossem punidos pelo instrumento de caráter perverso? Por que sofre o justo? Por que os justos sofrerão com os ímpios e sob a ação de um instrumento perverso?”

A resposta a esse questionamento merece pelo menos dois capítulos. Eles vêm a seguir.

8

O JUSTO VIVERÁ PELA
SUA FÉ (2.4)
(1^a PARTE)

Não faz muito tempo, Anne Graham, escritora e filha do célebre evangelista norte-americano Billy Graham, estava sendo entrevistada no programa *Early Show*, nos Estados Unidos. Na ocasião, a apresentadora Jane Clayson perguntou-lhe de forma incisiva:

– Como é que Deus permitiu algo tão horroroso acontecer, como os atentados terroristas do dia 11 de setembro de 2001?

Anne respondeu sem rodeios:

– Eu creio que Deus ficou profundamente triste com o que aconteceu, tanto quanto nós. Por muitos anos temos dito para Deus não interferir em nossas escolhas, sair do nosso governo e sair de nossas vidas. Sendo Deus um cavalheiro como é, creio que Ele calmamente nos deixou. Como poderemos esperar que Deus nos dê a Sua bênção e Sua proteção, se nós exigimos que Ele não se envolva mais conosco?

Imediatamente, Clayson mudou o foco de suas perguntas. A filha de Graham havia tocado na ferida de muitos, revelando mais uma vez que nós, seres humanos, tendemos a querer as bênçãos sem responsa-

“O homem, como ser falho, pecador e egocêntrico, prefere ver nos acontecimentos terríveis mais uma oportunidade para criticar a forma como Deus governa a História. Nunca se vê como réu, só como juiz togado”

bilidades, quando a Bíblia nos diz que não há uma coisa sem a outra.

Se não damos a mínima à vontade de Deus, não devemos esperar suas bênçãos em nosso encalço.

Apesar de haver homens e mulheres de Deus nos Estados Unidos, há muitos anos aquela nação tem se afastado progressivamente do Senhor, o que tem levado muitos pregadores compromissados com a Palavra de Deus, e não com o

establishment, a se levantarem como profetas, alertando o povo norte-americano para a necessidade de arrependimento. Há anos os genuínos cristãos dos Estados Unidos, que são minoria, têm orado ao Senhor pedindo um reavivamento para a sua nação.

Tragédias terríveis têm acontecido naquele país, cada uma maior do que a outra. Ora, o fato de haver gente de Deus na América do Norte não impede que Deus deixe de aproveitar as conjunturas como instrumento de juízo sobre uma nação que, além de pecaminosa, tem influenciado, pelo poder incomparável de sua mídia, muitos outros povos a comportamentos licenciosos. No entanto, como Jane Clayson, há hoje muitas pessoas que não conseguem entender como Deus, apesar de perfeitamente santo e justo, pode permitir que tragédias daquele tipo aconteçam. Eles se esquecem que Deus, justamente por ser santo e justo, abomina o pecado. Esquecem que Deus pode estar permitindo tais coisas para que as pessoas despertem e se voltem para Ele.

Infelizmente, ao contrário do que deveríamos fazer, normalmente preferimos, como seres falhos, pecadores e egocêntricos que somos, ver nesses acontecimentos terríveis mais uma oportunidade para criticar a forma como Deus governa a História. Não nos vemos nunca como réus, só como juízes togados.

Deus não ama o mal. O mal não existe por causa dEle. Deus não planejou os atentados de 11 de setembro de 2001. O ser humano os provocou e planejou.

Deus, pela sua onisciência e presciência – o que significa que já sabe de tudo antes de tudo acontecer –, já sabia que aqueles atentos iriam acontecer, mas Ele não os incitou. Eles foram consequência das próprias atitudes que o homem toma aqui na Terra.

O ser humano semeia e colhe. Deus apenas administra as consequências da liberdade de escolha do homem para que Seus propósitos não deixem de ser concretizados, e Seu propósito sempre é bom. O apóstolo Paulo foi claro ao afirmar que “todas as coisas concorrem para o bem daqueles que amam a Deus” (Rm 8.28).

Conscientes disso, voltemos para o caso de Habacuque.

A invasão caldéia, por mais estranho que parecesse à primeira vista, era uma resposta divina aos clamores de Seu povo, e isso não significa que Deus aprovava o comportamento caldeu. Quanto ao instrumento ser tão ímpio, a resposta de Deus é que no tempo certo este haveria também de receber o juízo divino, e que os justos, aqueles dentre o povo que haviam permanecido fiéis ao Senhor, seriam de alguma forma protegidos do castigo. Estes deveriam confiar em Deus apesar de tudo e todos.

Mesmo que a intensidade do julgamento lhes fizesse crer que o fim chegou, não deveriam esmorecer, porque o justo não vive pelo que vê ou sente. Ele vive pela fé.

“Eis o soberbo! Sua alma não é reta nele; mas o justo viverá pela sua fé”, Hc 2.4.

No final de tudo, o ímpio sempre perece e o justo é vitorioso. A genuína fé sempre sobrevive ao caos. “Pelo que os ímpios não subsistirão no juízo, nem os pecadores na congregação dos justos. Porque o Senhor conhece o caminho dos justos, mas o caminho dos ímpios perecerá” (Sl 1.5-6).

LUTERO E WESLEY

Esta passagem de Habacuque 2.4 é um dos mais importantes textos das Sagradas Escrituras e da história da Igreja. Através dele, pelo menos dois grandes avivamentos aconteceram, datados dos séculos 16 e 18. Eles definem bem a importância dessa passagem para

*“Nenhuma
adversidade,
por mais intensa
e intransigente
que seja, é eficiente
o suficiente para
desestruturar a vida
daquele que vive
pela fé. Se a vida
do crente tem
por fundamento
qualquer coisa
que não seja
a verdadeira fé,
ela desmorona já na
primeira intempérie”*

a vida do cristão, daquele que realmente serve a Deus.

Certo dia, um monge agostiniano de 22 anos, chamado Martinho Lutero, encontrou na biblioteca de seu convento uma velha Bíblia em latim. Ele ficou tão embriagado ao ter contato com o texto sagrado pela primeira vez que durante semanas inteiras deixou de fazer as orações diurnas de sua ordem. Posteriormente, como uma espécie de compensação, dedicou-se a vigílias e jejuns até desmaiar com a saúde debilitada. Mas sua sede pelas Escrituras permanecia.

Admirado com a paixão crescente de Lutero pela Palavra, Staupitz, vigário geral da ordem agostiniana, em visita ao convento daquele monge, ofereceu-lhe uma Bíblia. Foi lendo o presente que o jovem deparou-se pela primeira vez com o texto de Romanos 1.17, que revolucionaria sua vida: “O justo viverá da fé”.

Anos depois, Lutero foi ordenado padre. Aos 25 anos, foi nomeado para a cadeira de Filosofia em Wittenberg, para onde se mudou. Em meio às atividades como professor, dedicava-se a estudar a Palavra de Deus. Tempos depois, viajou a pé para Roma em companhia de um monge. Passou um mês ali, tendo inclusive celebrado missas. Um dia, subindo de joelhos a “santa escada”, desejando a indulgência que o papa prometia a quem fizesse isso, ouviu ressoar em seus ouvidos o texto bíblico que o impressionara: “O justo viverá da fé”. A experiência foi tão forte que Lutero imediatamente se levantou e saiu envergonhado.

De volta, lançou-se novamente ao estudo das Escrituras. O que aconteceu a seguir, ele mesmo conta:

“Desejando ardentemente compreender as palavras de Paulo, comecei o estudo da Epístola aos Romanos. Porém, logo no primeiro capítulo, consta que a justiça de Deus se revela no Evangelho (vv16-17). Eu detestava as palavras ‘justiça de Deus’, porque, conforme fui

ensinado, a considerava como um atributo do Deus santo que o leva a castigar os pecadores. Apesar de viver irrepreensivelmente, como monge, a consciência me mostrava que era pecador perante Deus. Assim, odiava a um Deus justo, que castiga os pecadores (...) Senti-me ferido de consciência, revoltado intimamente, contudo voltava sempre para o mesmo versículo, porque queria saber o que Paulo ensinava.”

“Depois de meditar sobre o ponto durante muitos dias e noites, Deus, na sua graça, me mostrou a palavra: ‘O justo viverá da fé’. Vi então que a justiça de Deus, nesta passagem, é a justiça que o homem piedoso recebe de Deus, pela fé, como dádiva. Então me achei recém-nascido e no paraíso. Todas as Escrituras tinham para mim outro aspecto; perscrutava-as para ver tudo quanto ensinam sobre a justiça de Deus. Antes, estas palavras eram-me detestáveis; agora as recebo com o mais intenso amor. A passagem me servia como a porta do paraíso”.¹

Foi o texto de Romanos 1.17, exatamente a passagem que refere-se a Habacuque 2.4, que provocou, no século 16, a Reforma Protestante na Alemanha, se alastrando depois por todo o mundo.

Em 24 de maio de 1738, em Aldersgate Street, Inglaterra, um pastor anglicano, chamado John Wesley, estava estudando Romanos 1.17 quando algo extraordinário aconteceu, mudando para sempre a sua vida. De repente, ele sentiu seu coração (usando suas próprias palavras) “estranhamente aquecido”. Conta Wesley:

“Senti o coração abrasado; confiei em Cristo, somente em Cristo, para a salvação. Foi-me dada a certeza de que Ele levara os meus pecados e de que me salvara da lei do pecado e da morte. Comecei a orar com todas as minhas forças (...) e testifiquei a todos os presentes do que sentia no coração”.²

Os olhos de Wesley foram abertos para a verdade da justificação pela fé. A célebre conversa entre Peter Bülrow e Wesley na viagem de Londres a Oxford, que antecedeu essa experiência relatada acima, foi toda a respeito de Romanos 1.17. “Foi somente depois que Wesley compreendeu esta verdade, e ela o absorveu completamente, que o Espírito Santo veio sobre ele e começou a usá-lo”.³

A experiência de Wesley resultou no grande avivamento inglês do século 18, e que alcançou outros países. Segundo os historiadores,

foi esse avivamento que evitou que a Grã-Bretanha vivenciasse a mesma revolução sangrenta por que passou a França em 1789. E tudo começou com a citação paulina de Habacuque 2.4 em Romanos 1.17. Por todos esses motivos, essa passagem é muito preciosa para os genuínos cristãos em todo o mundo.

O SIGNIFICADO DA FÉ EM HABACUQUE

Esses fatos históricos supracitados deixam-nos claro o sentido da expressão “o justo viverá da fé” nas epístolas paulinas. Seu sentido é bastante difundido, por significar a base da reforma cristã evangélica. Mas, qual o significado dessa expressão na sua origem, em Habacuque 2.4?

Em 2.4, Deus chama a atenção do profeta para a essência, o âmago da questão levantada por ele no final do primeiro capítulo. Este cerne, aliás, consiste no próprio coração da vida do crente: “O justo *viverá pela sua fé*”.

Além de estar dizendo claramente que os justos de Judá, apesar do sofrimento pelo qual passarão no ataque caldeu, serão poupados (como aconteceu com Jeremias, Daniel e tantos outros), o Senhor mostra ao profeta que sua compreensão concernente à vida espiritual ainda era superficial. Ainda faltava a Habacuque considerar alguns aspectos essenciais da vida com Deus. Sua Teologia ainda ignorava nuances vitais, e que agora são sintetizadas para o profeta em uma única frase: “O justo viverá pela sua fé”.

O justo não vive pelo que vê, sente, percebe, imagina ou pensa, mas pela fé. “Porque andamos por fé e não por vista” (2Co 5.7). Não que essas coisas não sirvam, vez por outra, para alimentar a nossa fé, mas não podem ser consideradas fundamento para ela. Nossa fé está fundamentada no próprio Deus, em Sua Palavra. O justo está baseado nela. Sua sobrevivência e êxito dependem da Palavra de Deus (Sl 1.1-3). Jesus deixou isso bem clarificado em seu Sermão da Montanha, na metáfora das casas edificadas sobre a areia e a rocha (Mt 7.24-27).

Em outras palavras, nenhuma adversidade, por mais intensa e intransigente que seja, é eficiente o suficiente para desestruturar a

vida daquele que vive sinceramente pela fé. Se a vida do servo de Deus tem por fundamento qualquer coisa que não seja a verdadeira fé, ela desmorona já na primeira intempérie.

Para que isso fique mais evidente e compreensível, é absolutamente relevante entender o significado e a importância da palavra “fé” nessa passagem.

Ao analisarmos a fé aludida em Habacuque 2.4, pelo menos cinco grandes verdades sobre a vida de comunhão com Deus podem ser aferidas. Destas, algumas o profeta estava começando a aprender. São elas:

- 1) A fé é uma virtude;
- 2) A fé que não tem Deus como referência não é a verdadeira fé;
- 3) O caráter é a única coisa que permanece;
- 4) A fé é de suprema importância;
- 5) A fé é a coisa mais revolucionária do mundo e o que nos faz vencer o caos.

Neste capítulo, estudaremos os dois primeiros princípios.

A FÉ É UMA VIRTUDE

O termo *’emûnâ*, traduzido nesta passagem como “fé”, significa “firmeza”, “fidelidade”. Ela é comumente traduzida aqui como fé devido ao uso que Paulo faz do termo em Romanos 1.17 e Gálatas 3.11.

Existem pelo menos dez categorias distintas nas quais o vocábulo é usado nas Escrituras.⁴ Em sua primeira ocorrência, na passagem de Êxodo 17.12, ele expressa o sentido básico de “mãos firmes”. A partir desse uso mais genérico, a Bíblia quase sempre passa a empregar o termo em relação a Deus ou àqueles que se relacionam com Ele.

É comum ver o termo sendo usado em referência direta ao próprio Deus (Dt 32.4). A palavra é utilizada também quando se fala dos Seus atributos (1Sm 26.23; Sl 36.5-6; 40.10-11; Lm 3.23), das

“Fé não é meramente uma crença. Fé é virtude. Ter fé significa ser fiel, e ser fiel é resultado de crer em Deus. Isso porque perseverar é virtude e, sem crer, não se persevera”

Suas obras (Sl 33.4) e das Suas palavras (Sl 119.86). O vocábulo ainda é usado em alusão aos que têm suas vidas estabelecidas por Deus, que, por sua vez, espera fidelidade da parte deles (Pv 12.22; 2Cr 19.9).

Apesar de o termo “fé” em Habacuque 2.4 ter, portanto, um sentido mais amplo do que o sentido estrito apresentado nas epístolas aos Romanos, Gálatas e Hebreus, que citam a passagem de Habacuque, não se pode negar que há clara correlação entre os dois sentidos. Isso porque a fidelidade aludida tem como alvo e inspiração o próprio Deus, e seu ponto de partida é a fé, tão enfatizada no Novo Testamento. Aliás, *’emûnâ* aparece nitidamente com o sentido estrito de fé em passagens do Antigo Testamento como 2 Reis 12.15 e Jeremias 5.1, além de a raiz deste vocábulo já ter sido usada em Habacuque 1.5, com o sentido de dar crédito à palavra ou promessa.⁵

Como corrobora certo comentário bíblico, “a maioria dos eruditos é de opinião que o termo hebraico significa antes ‘fidelidade’ e não ‘fé’ (ainda que a fidelidade se origine apenas de uma atitude correta para com Deus, ficando pressuposta a fé, em nosso sentido). Isso não significa, entretanto, que a fé não seja elemento importante no ensino do Antigo Testamento, pois ainda que a palavra não seja freqüente, a idéia o é. É usualmente expressa por verbos tais como ‘crer’, ‘confiar’ ou ‘esperar’, os quais ocorrem com abundância”.⁶

Exatamente por causa dessa impressão à primeira vista de que a fé não é tão importante no Antigo Testamento, muitos acreditam que a doutrina veterotestamentária acerca da salvação tinha por base as boas obras. Porém, uma averiguação mais demorada dos textos do Antigo Concerto dissipam totalmente esta dúvida.

Vejamos, por exemplo, Salmos 26.1: “Faze-me justiça, Senhor, pois tenho andado na minha integridade, e confio no Senhor sem vacilar”. Esta passagem coloca a questão em sua correta perspectiva, já que o salmista “realmente apela para sua ‘integridade’; contudo, isso não significa que estivesse confiando em si mesmo ou em suas ações. Sua confiança estava depositada em Deus. Sua ‘integridade’ era a evidência de sua confiança em Deus (...) Devemos fazer também menção especial acerca de Abraão. Sua vida inteira fornece evidência sobre um espírito de confiança, de uma profunda fé. A respei-

to dele está registrado que ele ‘creu no Senhor, e isso lhe foi imputado para justiça’ (Gn 15.6). Esse texto é aproveitado pelos escritores do Novo Testamento, e a verdade fundamental que o mesmo expressa é desenvolvida de forma mais completa”⁷.

Dessa forma, percebemos que uma das grandes lições que Habacuque 2.4 nos passa é que a fé não é apenas uma crença. Trata-se de uma virtude. Nas Sagradas Escrituras, ter a genuína fé é sinônimo de ser fiel. Tanto no Antigo como no Novo Testamentos. Em Gálatas 5.22, na descrição do fruto do Espírito, a fé é citada com o mesmo sentido *lato sensu* de Habacuque 2.4. No entanto, nessa mesma epístola, o apóstolo Paulo cita o texto de Habacuque aplicando o sentido estrito (Gl 3.11). Isso porque os dois sentidos estão interligados. Para ele, a idéia de crer inclui a fidelidade, e esta, por sua vez, está fundamentada no crer.

Para Paulo, fé não é meramente uma crença. Fé é virtude. Ter fé significa ser fiel. E ser fiel é resultado de crer em Deus. Isso porque perseverar é virtude e, sem crer, não se persevera.

C.S.Lewis, um dos maiores pensadores cristãos do século XX, destacou essa verdade:

“O que intriga muita gente é o fato de que os cristãos consideram a fé como uma virtude. Eu me perguntava por que cargas d’água a fé pode ser considerada uma virtude: o que há de moral ou imoral em se crer, ou não, numa série de afirmações? Obviamente, eu dizia, um homem equilibrado aceita ou rejeita qualquer afirmação não porque quer, ou não quer, mas porque as provas lhe parecem boas ou más. Enganar-se a respeito da validade, ou não, das provas não significa que a pessoa seja má, apenas que não é muito inteligente. E se achar que as provas não são boas, mas se forçar a acreditar, apesar de tudo, isso é simplesmente estupidez.”

“Bem, acho que ainda sustento essa opinião. Mas o que não percebia antes (e muita gente ainda não percebe) é o seguinte. Eu supunha que a mente humana, uma vez tendo aceitado algo como verdadeiro, continuaria considerando-o verdadeiro até que surgisse uma outra razão bem sólida para reconsiderar a questão. Na verdade, estava admitindo que a mente humana é completamente regida pela razão.

“A Bíblia não diz que a fé, em si mesma, é suficiente. A fé virtude, vitoriosa e bíblica, sempre é apresentada como estando atrelada a Deus. Ela só tem relevância por estar apoiada e abalizada nEle. Fé na fé é antibíblico”

Mas não é assim. Por exemplo, minha mente está completamente convencida, por provas mais que suficientes, que os anestésicos não me sufocam e que os cirurgiões bem treinados não começam a operar antes que esteja inconsciente. Mas isto não impede que, estando eu na mesa operatória, ao me colocarem a terrível máscara no rosto, seja tomado por um pânico inteiramente infantil. Começo a pensar que vou ser asfixiado e temo que comecem a me

cortar antes de estar inconsciente. Em outras palavras, perco a minha fé nos anestésicos. Não é a razão que me faz perder a fé; ao contrário, a minha fé esta baseada na razão. O que me faz perder a fé são a minha imaginação e as minhas emoções.”

“A fé é a arte de continuar a admitir as coisas que a razão já aprovou, apesar das mudanças de ânimo. Porque estas ocorrerão, seja qual for a posição tomada pela razão. Sei disso por experiência própria. Agora que sou cristão passo por momentos em que todo o Cristianismo me parece improvável, mas quando era ateu eu passava por momentos em que o Cristianismo me parecia terrivelmente provável. Essa rebelião de nossas disposições contra o nosso verdadeiro eu tende a se formar de qualquer modo. E essa é a razão por que a fé é uma virtude tão necessária; a menos que ensinemos às nossas disposições ‘até onde elas podem ir’, nunca chegaremos a ser um bom cristão, ou mesmo um bom ateu, mas apenas uma criatura hesitante de um lado para outro, com as crenças realmente dependentes do tempo e da digestão. Consequentemente, é preciso exercitar o hábito da fé”.⁸

A questão pode ser resumida da seguinte forma: “A fidelidade, mesmo como um aspecto do caráter do homem, não preenche a lacuna. A fidelidade tem de ser exercida em relação a alguém ou alguma coisa. Neste caso, o indivíduo tem de ser fiel a Deus, à palavra e à ordenança divina. Ele deve confiar firme e profundamente em Deus mesmo. O universo neotestamentário está de completo acordo com isto”.⁹

A FÉ QUE NÃO TEM DEUS COMO REFERÊNCIA NÃO É A VERDADEIRA FÉ

O texto de Habacuque diz que o justo viverá pela sua fé. Essa declaração tem sido muito distorcida ultimamente pelos adeptos da confissão positiva, que ensinam uma espécie de culto à fé. Para os diletantes dessa doutrina, a fé é tudo. Porém, a Palavra de Deus nunca nos instruiu dizendo que a fé, em si mesma, é suficiente. A fé vitoriosa, a fé virtude, a fé bíblica, sempre é apresentada como estando atrelada a Deus. Ela só tem relevância por estar apoiada e abalizada em Deus.

Fé na fé é antibíblico. “Tendes fé *em Deus*”, ensinou Jesus a seus discípulos (Mc 11.22). A Bíblia fala que quem vive pela fé é o justo, e o justo nas Escrituras é aquele que foi justificado por Deus e que vive segundo a vontade divina (Rm 4.1-22). Logo, sua fé não é baseada em uma presunção pessoal, mas no próprio Deus. Isso fica ainda mais claro no texto de Habacuque 2.4, já que, como vimos, a palavra traduzida por “fé” na passagem bíblica é, no original, “fidelidade”. Assim, sua melhor tradução seria “O justo viverá pela sua fidelidade”. Como só se pode ser fiel a alguém ou a alguma coisa, fica evidente que o texto se refere a ser fiel *a Deus*.

É bem verdade que se pode dizer que também existe a fidelidade para consigo mesmo, mas obviamente o texto não alude a tal fidelidade. Ela é uma declaração de Deus ao profeta sobre a vida e o destino do justo, de quem Ele espera fidelidade. Pois, como é dito noutra passagem, como uma continuação do texto de Habacuque, “se ele recuar, a minha alma não tem prazer nele”, diz Deus (Hb 10.38). Corroborando isso, o escritor aos Hebreus assevera mais adiante que sem fé é impossível agradar a Deus (Hb 11.6).

Assim, uma das lições encerradas no versículo em foco é que só viverá aquele que tem como base de sua vida a Palavra do Senhor. Este é o justo. Ele viverá pela sua fé *em Deus*, pela sua fidelidade *ao Senhor*. Portanto, qualquer outro tipo de fé é debalde. A única fé que sobrevive, e nos faz sobreviver em meio ao caos, é a fé em Deus, a fé bíblica. Essa é a fé vivida pelo justo. É ela que vence o mundo (1Jo 5.4).

9

O JUSTO VIVERÁ PELA
SUA FÉ (2.4)
(2^a PARTE)

Imagine que está escalando uma montanha íngreme e, de repente, devido a um movimento brusco ou à falha de algum equipamento específico, você se encontra em uma situação de perigo onde a única saída para não cair e despedaçar-se lá embaixo é livrar-se de boa parte de sua bagagem. Nesse momento, não importa o quão valioso seja tudo o que você leva: é preciso estabelecer rapidamente uma escala de valores para se desfazer do que não é tão importante assim (se é que situações como essas nos permitem termos tempo suficiente para fazermos escolhas acertadas).

Apegarmo-nos a tudo, insistirmos em tentar escapar sem nos livrar dos excessos, é fatal. Escolhermos erradamente também, porque, ainda que escapemos desta agora, o imprescindível, que foi jogado fora, nos faltará mais adiante. Ou seja, o desastre estará apenas sendo adiado momentaneamente. Escolhas erradas podem não ter efeito imediato, mas sempre serão fatais. A curto ou longo prazo, nossas decisões afetarão nossas vidas, e às vezes radicalmente.

A Bíblia estabelece o que é prioritário nas nossas vidas. Ela diz que, na nossa trajetória na Terra, há coisas que não são tão importantes e que, justamente por isso, se nos apegarmos a elas, seremos destruídos. Não que devam ser depreciadas; simplesmente não devem tomar o primeiro plano em nossos corações. São coisas que, inclusive, não precisaremos levar para a eternidade (Mt 6.19-34 e 16.26; Lc 12.15-21). “Que adianta o homem ganhar o mundo inteiro e perder a sua alma, a vida eterna?”

“Deus diz ao profeta que a única coisa que permanece em meio ao caos, ao mundo injusto, às calamidades, é o caráter”

Certa vez, Agostinho, bispo de Hipona no quarto e quinto séculos d.C., afirmou: “Devo suportar com paciência os males, porque também os bons os suportam; não devo dar muito apreço aos bens, porque também os maus os conseguem”. Em *Confissões*, IV, 10, Agostinho vai mais além, afirmando que não devemos entregar-nos

a qualquer coisa além de Deus. Segundo ele, tudo morre ou é perecível, portanto não podemos fazer com que a nossa felicidade dependa de algo que pode sumir, que não é consistente, que hoje é mas amanhã poderá deixar de ser. Caso contrário, estaremos sendo candidatos em potencial à frustração e à depressão.

Vale a pena enfatizar que isso não significa que não devemos valorizar as coisas. O que nunca devemos fazer é supervalorizá-las. Até mesmo no que diz respeito a pessoas.

Nós devemos amar as pessoas intensamente. A Bíblia condena o indiferentismo e a frieza social, e incentiva-nos a viver um ardoroso amor fraternal: “Purificando as vossas almas (...) para caridade fraternal, não fingida; amai-vos ardentemente uns aos outros com um coração puro” (1Pe 1.22). No entanto, nunca devo valorizar mais o próximo do que o próprio Deus. A vida de fé, de comunhão com Deus, é a única coisa que levamos para a eternidade.

Claro que o nosso relacionamento com Deus tem tudo a ver com o nosso relacionamento com o próximo, mas fato é que só levaremos para a eternidade o que somos, não o que temos. Ou melhor: só levaremos a única coisa que temos para levar — o que somos, o nosso caráter, o nosso patrimônio espiritual, o fruto da nossa vida de comunhão ou ausência de Deus.

Paulo escreveu a Timóteo, dizendo: “Porque nada trouxemos para este mundo e manifesto é que nada podemos levar dele” (1Tm 6.7). Só uma coisa foi vista pelo apóstolo como sendo possível levarmos conosco para o outro lado: nosso patrimônio espiritual. Ele escreveu: “Conserva o modelo das sãs palavras que de mim tens ouvido, na fé e na caridade que há em Cristo Jesus. Guarda o bom depósito pelo Espírito Santo que habita em nós” (2Tm 1.13-14); “Mas é grande ganho a piedade com contentamento” (1Tm 6.6), por isso “o morrer é ganho” (Fp 1.21); “Com-

bati o bom combate, acabei a carreira, guardei a *fé*" (2Tm 4.7).

O que o apóstolo aos gentios está ensinando é que o caráter e o nosso patrimônio espiritual são a única coisa que levaremos conosco. Na verdade, Paulo estava enfatizando um princípio que encontra sua síntese na declaração de Habacuque 2.4, tão querida do apóstolo. Este é o terceiro princípio que aprendemos da passagem em apreço.

O CARÁTER É A ÚNICA COISA QUE PERMANECE

"O justo *viverá*". O justo! Posto que a fé bíblica (que é uma virtude) é o que fará com que o justo viva e se sagra vencedor no final de tudo (Sl 1.4-6), aprendemos também, através do texto de Habacuque 2.4, que o caráter é o que prevalecerá.

A afirmação do versículo é que a soberba e a integridade têm suas respectivas recompensas. A primeira terá a destruição; a segunda, a segurança. Em outras palavras, Deus diz ao profeta que a única coisa que permanece em meio ao caos, ao mundo injusto, às calamidades, é o caráter. Nas palavras de um comentarista, "o próprio profeta finalmente percebeu que o único elemento duradouro em um mundo instável e iníquo é o caráter. A tirania, a ganância e o orgulho estão todos condenados; apenas a integridade continua".

O soberbo do versículo 4 é o caldeu, pois esta visão é uma resposta à pergunta de 1.12-17. No entanto, tal passagem encerra um princípio de alcance geral. O soberbo, aqui, pode naturalmente ser todos os soberbos. Assim, aprendemos que não há e nunca haverá vantagem na impiedade e na soberba, como concluiu Asafe após experiência pessoal, relatada tocantemente no salmo 73. Vale a pena ler esse relato com atenção. Se você puder fazê-lo agora, com certeza só irá aumentar a sua compreensão do que Habacuque escreve nesta passagem.

A FÉ É DE SUPREMA IMPORTÂNCIA

A quarta lição de Habacuque 2.4 é que a fé é de suprema importância para a vida. Afinal de contas, somos salvos por meio dela (Ef

“Não há nada mais revolucionário do que a fé em Deus. Somente ela é capaz de mudar radicalmente a vida das pessoas. Uma caricatura dessa fé nos fará perecer já na primeira tempestade. A verdadeira fé nos tornará casas edificadas sobre a Rocha”

2.8), sem ela é impossível agradar a Deus e sermos abençoados (Hb 11.6), e devemos tomar o escudo da fé para resistirmos aos ataques espirituais do Maligno (Ef 6.16) e viver pela fé (Rm 1.17).

Sem a fé bíblica, é impossível viver. Porque a rejeita, o soberbo perecerá. O justo, porque a recebe, viverá. “Viverá” em Habacuque 2.4 é (1^o) desfrutar do favor de Deus e (2^o) não ser consumido pelo juízo divino.

Quanto ao primeiro aspecto, “sem dúvida, nesta profecia se encontra presente a idéia de sobrevivência.

Não obstante, à vista do relacionamento espiritual envolvido, esta não é a única idéia. O significado verdadeiro está bem ressaltado no pedido que Abraão faz em Gênesis 17.18, usando o mesmo verbo: ‘Que Ismael possa *viver* diante de ti’. *Viver* significa não apenas ter segurança ou proteção nesta vida, mas desfrutar a bondade divina, que é melhor do que a vida. É ser querido por Ele, objeto do seu cuidado”¹.

Quanto ao segundo aspecto, as Escrituras estão repletas de exemplos. Principalmente no que diz respeito ao Juízo do final dos tempos.

Como Champlin declara, o texto em apreço fala do livramento de Deus para os justos durante o juízo divino ministrado no ataque dos caldeus, pois os israelitas piedosos “continuariam crendo na justiça e na santidade de Deus (...) viveriam na fidelidade a *Yahweh* (...) no bem-estar e na prosperidade, a salvo do chicote babilônico. Eles teriam a segurança divina, prosperidade e crescimento espiritual”².

No entanto, é importante frisar sempre que a sobrevivência do justo ultrapassa o temporal, vai além da vida aqui na Terra. Essa é uma das grandes lições da Bíblia, e que também está esposada neste versículo de Habacuque. No final, o justo sempre é vitorioso. Em outras palavras: vale a pena ser fiel.

“Vós dizeis: Inútil é servir a Deus; que nos aproveitou termos cuidado em guardar os seus preceitos, e em andar de luto diante do Senhor dos Exércitos? Ora pois, nós reputamos por bem-aventura-

dos os soberbos; também os que cometem impiedade se edificam; sim, eles tentam ao Senhor e escapam. Então, aqueles que tem ao Senhor falam cada um com o seu companheiro; e o Senhor atenta e ouve; e há um memorial escrito diante dele, para os que tem ao Senhor, e para os que se lembram do seu nome. E eles serão meus, diz o Senhor dos Exércitos, naquele dia que farei serão para mim particular tesouro; poupá-los-ei, como um homem poupa a seu filho, que o serve. Então vereis outra vez a diferença entre o justo e o ímpio; entre o que serve a Deus e o que o não serve”, Ml 3.14-18.

O vencedor é o que é fiel até o fim (Ap 2.7,10,11,17,26; 3.5,12,21).

A FÉ É A COISA MAIS REVOLUCIONÁRIA DO MUNDO E O QUE NOS FAZ VENCER AS PRESSÕES DO CAOS

Por fim, esse versículo de Habacuque nos mostra que a fé verdadeira é o que sustém o crente apesar da mais intensa provação e o faz vencedor. Trocando em miúdos, o que temos diante de nós é uma declaração cimentada de que a fé bíblica é a coisa mais revolucionária do mundo.

Não há nada mais revolucionário no cosmos do que a fé em Deus. Somente ela é capaz de mudar radicalmente a vida das pessoas ao ponto de fazê-las suportar a mais hostil fornalha e sair dela intactas. Uma caricatura dessa fé nos fará perecer já na primeira tempestade. A verdadeira fé nos tornará casas edificadas sobre a Rocha.

Infelizmente, hoje muitos estão pregando uma fé barata, que não revoluciona, que não marca, que não faz diferença na vida de ninguém. Algo que se assemelha a qualquer religião humana.

Sobre a verdadeira fé, escreveu o pastor e teólogo alemão Dietrich Bonhoeffer: “Fé significa fundamentar a vida num fundamento fora de mim mesmo, num fundamento eterno e santo, em Cristo. Fé significa ser cativo do olhar de Jesus Cristo, não enxergar nada mais do que Ele, ser arrancado do cativeiro do próprio eu, estar liberto por Jesus Cristo (...) Somente a fé é certeza; fora dela, tudo está sujeito à dúvida”.³

Sobre ela também escreveu o pastor canadense A.W. Tozer:

“A fé vivida por Paulo e Lutero era revolucionária. Ela virava de

cabeça para baixo toda a vida do indivíduo e fazia dele uma pessoa completamente diferente. Ele segurava firme a vida e a conduzia sob a obediência a Cristo. Tomava a sua cruz e seguia após Jesus Cristo, sem nenhuma intenção de retroceder. Dizia adeus aos seus velhos amigos, tão certo como Elias, quando marchou para o carro de fogo e se foi num redemoinho. Tinha finalidade. Agarrava firme o coração do homem como uma armadilha; capturava o homem e fazia dele, daquele momento em diante, um feliz servo do seu Senhor, por amor. Tornava a terra num deserto e trazia o Céu para dentro da visão da alma do crente. Reajustava todas as ações da vida e as punha em harmonia com a vontade de Deus. Colocava seu possuidor num pináculo da verdade, de cuja posição vantajosa ele observa tudo que entrava em seu campo de experiência. Tornava-o pequeno, e a Deus grande, e a Cristo indizivelmente amado. Tudo isso, e mais, acontecia ao homem quando este recebia a fé que justifica”.

“Ou a fé em Cristo terá o comando, ou não terá nada que ver com o homem. Ela não se sujeitará à experimentação. O seu poder não atinge nenhum homem que esteja mantendo secretamente um caminho de fuga aberto no caso de as coisas ficarem penosas demais para ele. O único homem que pode estar certo de que tem a verdadeira fé bíblica é o que se coloca numa posição de onde não pode voltar atrás. Sua fé resultou num sempiterno e irrevogável compromisso, e por mais fortemente seja ele tentado, sempre responde: ‘Senhor, para quem iremos? Tu tens as palavras de vida eterna’”.⁴

É dessa fé que realmente precisamos. O resto é paliativo e placebo.

A VERDADEIRA DERROTA

A conexão da passagem de Habacuque com o ensino neotestamentário é forte. Tanto para a tradição judaica quanto para a cristã, o contexto profético de Habacuque 2,3,4 é importante. “A visão outorgada por Deus é expressamente confirmada. É conservada para o tempo do fim, e não deixará de surgir. O ‘arrogante’ é expressamente condenado pela Palavra de Deus; a vida, no entanto, é prometida ao ‘justo’, tendo em vista a sua fidelidade. (...) Aqui, ‘fidelidade’ e ‘fé’ ficam bem perto uma da outra. (...) A idéia é a de se firmar sem hesitação na

Palavra de Deus, a despeito de todas as aparências em contrário”.⁵

Nitidamente, a fé é destacada constantemente tanto no Antigo como no Novo Testamentos. Isso porque, pela fé, só pela fé, seremos vencedores na vida e na morte. Por isso o apóstolo Paulo foi enfático ao escrever a Timóteo: “Este mandamento te dou, meu filho Timóteo, que, segundo as profecias que houve acerca de ti, milites por elas a boa milícia; *conservando a fé e a*

boa consciência, a qual alguns, rejeitando, fizeram naufrágio na fé” (1Tm 1.18,19). Antes de morrer, ao se despedir, declarou: “Combati o bom combate, acabei a carreira, *guardei a fé*” (2Tm 4.7).

Escreveu Bonhoeffer, que não esmoreceu na fé mesmo sendo levado à morte por Hitler por causa de suas convicções bíblicas que obviamente se chocavam com os ideais do governo alemão: “Ao destruir a fé bíblica em Deus e todos os mandamentos e ordenanças divinas, o ser humano se destrói a si mesmo”.⁶ Em outras palavras, a verdadeira derrota do homem está em abandonar a fé em Deus, não importa o que tenha conquistado aqui na Terra. Ser vencido pelo mundo é o verdadeiro fracasso.

A vitória, segundo as Escrituras, está em guardar a fé e viver por ela. Habacuque 2.4 fala justamente disso. Ele é o texto áureo do livro, e a sua grande mensagem é que somente uma coisa faz com que escapemos do naufrágio; só uma coisa vence o caos, a confusão, a loucura, a tentação, o escuro, o vazio, o tudo e o nada; só uma coisa nos faz sobreviver a tudo isso, a todas as pressões do mundo: a fé.

Somente a verdadeira fé faz com que encaremos até mesmo a morte de cabeça erguida, como Bonhoeffer, e não por mera altivez, mas porque até a morte, sob a perspectiva dessa fé, faz sentido, tornamos vitoriosos mesmo quando morremos. Nas palavras de Paulo, em Cristo “o viver é ganho e o morrer é lucro.”

Como escreveu João, “esta é a vitória que vence o mundo: a nossa fé” (1Jo 5.4).

Você quer vencer também? Viva por essa fé bíblica e genuína.

**“Fé não é
meramente
uma crença.
Fé é virtude.
Ter fé significa
ser fiel, e ser fiel
é resultado de crer
em Deus. Isso
porque perseverar
é virtude e, sem
crer, não se
persevera”**

10

OS CINCO “AIS” (2.5-20)
(1^a PARTE)

Lucileine chegara a São Paulo havia um ano para trabalhar como empregada doméstica. Acabou tornando-se vendedora em uma loja do Aeroporto Internacional de São Paulo, em Guarulhos. Com o salário de R\$ 500, ela dividia um apartamento com mais seis amigas.

Certo dia, no início de 2005, ao sair do trabalho, Lucileine encontrou uma mochila abandonada. Ao abri-la, levou um susto. Lá estavam relógios, uma máquina digital e o equivalente a R\$ 19 mil em dinheiro da Nova Zelândia. Só o dinheiro era 40 vezes o salário dela.

Lucileine contou à imprensa que, ao se deparar com os valores, reagiu com euforia, mas depois pensou: “Esse dinheiro não me pertence. Vou ter que devolver”. No mesmo dia, ela tentou entregar a mochila, mas não havia registro algum de perda ou roubo na delegacia do aeroporto. Só no dia seguinte o dono apareceu.

Ao entregar a mochila, o neozelandês Andrew Duncan, dono da bagagem, reagiu com timidez. Deu-lhe uma pequena recompensa em dinheiro e ganhou um abraço de Lucileine. Em seguida, conferiu o dinheiro na mochila. Ao constatar que estava tudo lá, elogiou a honestidade da vendedora e agradeceu em português com um “obrigado”.

“Deus fala ao profeta que não importa o quanto o percurso tenha sido aparentemente maravilhoso para o ímpio, pois seu final é a destruição eterna. E a descrição desse final é extremamente aterradora”

Quando a mídia divulgou esse belo ato, houve quem chamasse Lucileine de tola. Tal declaração é fruto da cultura do “Levar vantagem em tudo”, que se instalou no Brasil. Mas não só aqui. Em muitos lugares do mundo há pessoas que, desiludidas, não acreditam que vale a pena ser honesto.

Geralmente as pessoas são levadas a crer que não vale a pena ser tão “bonzinho” em tudo, já que, via de

regra, quem se dá bem são os espertalhões. São vários os casos na História que parecem abalizar essa máxima. No entanto, uma das grandes lições da Bíblia Sagrada, e confirmada pelo livro de Habacuque, é que no final dos tempos, no fim de tudo, não serão os soberbos, falsos e desonestos que se darão bem. Só os justos escaparão do Juízo. Portanto vale a pena ser justo.

O DESTINO DOS SOBERBOS, ÍMPIOS E DESONESTOS

Deus fala por meio de Habacuque que não importa o quanto o percurso tenha sido aparentemente maravilhoso para o ímpio, pois seu final é a destruição eterna. E a descrição desse final é extremamente aterradora.

Os versículos seguintes do segundo capítulo de Habacuque são a continuação da resposta de Deus ao segundo enigma. Nesses versos, o Senhor fala para o profeta, e através dele ao Seu povo, sobre o castigo que receberão os caldeus e, de forma geral, o ímpio, que é chamado de “o soberbo” no capítulo.

Esse significado genérico do termo “soberbo” não pode ser esquecido. Isso porque, por exemplo, muito do julgamento divino manifesto nos versículos em foco se aplica não só aos caldeus, mas aos ímpios de Judá também, especialmente os versículos de 9 a 20. Por extensão, essas passagens se aplicam ainda aos ímpios de todos os tem-

pos, pois encerram um ensinamento divino sobre o destino dos que ofendem a santidade de Deus buscando fazer o mal ao seu próximo.

Segundo o texto, sobre os soberbos recaem cinco “ais”, isto é, juízos de Deus. Nas Sagradas Escrituras, “ai” é, muitas vezes, praticamente o antônimo da expressão “bem-aventurado”, embora sejam usadas também outras expressões, como “maldito” (Dt 28.15-19). Enquanto sobre o justo é dito “Bem-aventurado aquele”, sobre o ímpio é proclamado “Ai dele!”. Ao justo, bênção; ao ímpio, juízo. No Novo Testamento, Jesus proferiu “ais” sobre os fariseus, devido à hipocrisia deles (Mt 23.13-36).

No entanto, o primeiro sentido do “ai” na Bíblia, tanto no Antigo quanto no Novo Testamentos, é o da interjeição de desespero e agonia. Geralmente o termo aparece em relação a uma tragédia, a uma forte situação de abatimento ou a uma tristeza devido a um retrocesso.

Exemplificando: no caso específico dos “ais” proferidos pelo Senhor Jesus, que são uma tradução da interjeição grega *ouai*, que significa “coitado”, o Mestre não estava tanto proclamando um julgamento sobre os fariseus, mas, antes, descrevendo a situação miserável daqueles homens aos olhos de Deus. “A condição miserável dessas pessoas não deixava de consistir do fato de que estavam vivendo num paraíso de insensatos, isto é, inconscientes da miséria que as aguardava”.¹

Há também os casos de Gideão (Jz 6.15) e Isaías (Is 6.5), que mostram o “ai” com o sentido de abatimento. Eles se sentiram, respectivamente, incapaz e em opróbrio.

Entretanto, os “ais”, via de regra, são juízos, pois o vocábulo quase sempre é acompanhado de pronunciamentos de juízo, como nos casos de Corazim e Betsaida (Mt 11.21-22) e da queda da Cidade de Babilônia (Ap 18.10-20). Inclusive, várias pragas que prenunciam o Juízo Final são descritas como “três ais”, tornando o termo claramente um substantivo descritivo da manifestação do julgamento divino (Ap 9.2; 11.14).

Obviamente, essa segunda característica dos “ais” não é própria apenas do Novo Testamento. No Antigo, os “ais” também são de forma geral acompanhados de juízo (Is 5.8-16; 29.1-8). E, assim como ocorre no caso dos fariseus, no Novo, há ocasiões no texto veterotestamentário

“O significado do ‘ai’, portanto, é na maioria das vezes duplo: tanto se refere ao anátema quanto ao opróbrio. Refere-se às duas coisas ao mesmo tempo”

em que o “ai” tem o significado de descrever a situação miserável decorrente do pecado, como na clássica confissão de Isaías (Is 6.5).

O significado do “ai”, portanto, é na maioria das vezes duplo: tanto se refere ao anátema quanto ao opróbrio. Refere-se às duas coisas concomitantemente.

Em Habacuque 2.6-20, são enunciados os ais do juízo divino sobre todo aquele cuja alma “se incha” e “não é reta nele” (2.4). Como falamos no início, devemos entender que, por extensão, essa mensagem se aplica a todos os soberbos, não só aos caldeus. Porém, antes de tudo, os castigos em foco aludem especialmente aos babilônios, como a própria apresentação dos juízos manifesta. Além disso, esta é a continuação da resposta ao segundo enigma, que, como vimos, diz respeito aos caldeus (Hc 1.12-17).

Cinco são os “ais” lançados sobre eles: o ai da retribuição (2.6-8); o ai sobre a cobiça e a soberba (2.9-11); o ai contra a violência (2.12-14); o ai contra a imoralidade (2.15-17); e o ai contra a idolatria (2.18-20). Após analisarmos a parte introdutória (2.5-6a), que aponta descritivamente para o alvo dos cinco “ais”, nos deteremos em cada “ai” especificamente.

O ALVO DO JUÍZO (2.5-6a)

Os pecadores que receberão o juízo dos cinco “ais” são ousados, ambiciosos e destrutivos, e banalizam a vida do próximo:

“Tanto mais que, por ser dado ao vinho, é desleal; um homem soberbo, que não se contém, que alarga como o sepulcro o seu desejo, e, como a morte, que não se farta, junta a si todas as nações, e congrega a si todos os povos”, Hc 2.5.

Especialistas lembram que o vocábulo hebraico *yayin*, que significa “vinho”, está colocado neste versículo de forma problemática,

pois aparece como sujeito do verbo.² A Septuaginta resolve o problema preferindo interpretar o termo figuradamente, traduzindo-o como "o soberbo". Outros estudiosos optam por mudar as consoantes da palavra, formando outra, cujo significado é "o opressor".

Devido a esse problema, alguns comentaristas acreditam que o texto deste versículo está corrompido, e propõem que no texto original havia aqui a cláusula adverbial "como com vinho", ao invés de "por ser dado ao vinho". O comentário de Qumran do livro de Habacuque apóia o texto confuso do jeito que está no hebraico. Tudo leva a crer mesmo que "provavelmente o significado é que a conduta do homem enganoso é como a que o vinho produz".³

Champlin, no entanto, arrisca a tradução "o arrogante, por ser chagado ao vinho, é desleal", mas não deixa de valorizar a idéia mais aceita: a de que neste versículo *yayin* está figurando o homem desleal. Apesar de citar o versículo como "assim como o vinho é enganoso, tão pouco permanece o arrogante", que traz a interpretação figurada do termo, ele interpreta a passagem dizendo que "esses homens embriagados são muito chegados ao vinho, que é traiçoeiro e ajuda os pecadores a ser o que são. O vinho engana as pessoas, e aquela gente vivia enganada pelo vinho". Porém, em seguida, explora a idéia figurada: "Ademais, o vinho simboliza como o orgulho pode enganar uma pessoa e perverter sua vida".⁴

Continuando a descrição, Deus diz que a ambição e a ganância do soberbo é tão grande quanto a boca do *sheol*, a habitação dos que morreram. Ou seja, o homem mau é tão ganancioso que não se farta de destruir e matar, como a própria morte não se satisfaz apesar de receber milhões nos sepulcros. O texto fala claramente dos caldeus, pois se refere a "ajuntar para si todas as nações" e "congregar a si todos os povos" ao falar dessa ganância insaciável e destruidora do arrogante.

"Não se levantarão pois todos estes contra ele uma parábola e um dito agudo contra ele", Hc 2.6a.

Esta última parte da descrição do alvo do juízo declara que quando os caldeus caíssem, todas as suas vítimas zombariam da Babilônia.

Ela seria objeto de motes. Provérbios de zombaria seriam compostos em homenagem à sua destruição. Em outras palavras, os babilônios eram odiados por todos à sua volta.

A palavra traduzida por “provérbio” ou “parábola” aqui é *masal*, que, segundo Champlin, pode ser traduzida também como “ode” ou até “cântico fúnebre”. Todavia, para ele, a melhor idéia aqui seria a de “cânticos escarnecedores”.⁵ Outro comentário afirma que a palavra hebraica sugere “uma semelhança, da qual ela toma o sentido de parábola”, mas esclarece que “considerando que não há nenhuma parábola neste capítulo, a palavra deve ser entendida como o equivalente a um ‘dito zombador’”.⁶

Vejamos, a seguir, os cinco “ais”.

OS CINCO “AIS” (2.5-20)
(2^a PARTE)

Agora que já sabemos o que são “ais” e o alvo destes juízos divinos do capítulo 2 de Habacuque, resta-nos quedar e analisar detidamente cada um deles. No entanto, para isso, é importante fazermos uma leitura contextualizada.

Sempre devemos ter em mente que, apesar de serem específicos para os caldeus, estes “ais” também se aplicam a todos aqueles, em todos os tempos, que são caracterizados pela soberba, têm suas almas “inchadas” e “infladas”, são afastados de Deus e entregues à impiedade, seguindo os passos dos ímpios babilônios.

Se não, vejamos.

AI DA AGRESSÃO E RETRIBUIÇÃO (2.6-8)

Este juízo fala da agressão dos babilônios, que cobravam pesados tributos das nações derrotadas. A idéia dos versículos 6 e 7 é a de um homem tirano que enriquece explorando o indefeso através de empréstimos feitos sob a aplicação de juros exorbitantes. “O significado se encontra no ódio do hebreu ao usuário e nas leis levíticas contra a aceitação de penhores de valor maior do que o exigido pela segurança”, destaca um comentarista. No versículo 8, porém, aparece a imagem do saqueador. O texto diz que chegará o dia em que ele será saqueado. Os despojados se sublevariam contra seu opressor, despojando-o por sua vez.

“Ao maquinarem seus planos diabólicos, na verdade estavam maquinando sua própria destruição. Suas invenções, estratégias e engenhos se tornariam sua própria vergonha. Seus pecados se voltariam contra eles mesmos”

Os exegetas afirmam que as duas palavras hebraicas que aparecem juntas no versículo 6 e são traduzidas como “dívidas” só ganham esse significado nesse tipo de combinação encontrada no texto. Em nenhuma outra situação são encontradas nas Escrituras dessa forma. Se analisadas separadamente, elas têm o sentido de “argila espessa”, “barro grosso”. Champlin encara o sentido literal dos vocábulos interpretando a passagem como uma referência ao ouro e à pra-

ta que os homens tiram do barro, que teria aqui o sentido de solo como um todo.¹ A Babilônia estaria levando as riquezas do solo dos povos vencidos por meio de tributos pesadíssimos.

O versículo 7 aborda a vingança dos explorados. Uma melhor tradução da indagação retórica “Não se levantarão de repente os que te hão de morder?” seria “Não se levantarão os (que hão de se tornar) teus credores?”. Os “credores” aqui são os que hoje são devedores, mas que se tornarão os credores da Babilônia. Nas palavras de um comentarista, “embora os caldeus agissem como credores, eram na realidade devedores de todos. A vez deles haveria de chegar, abalando-os”.

Em determinado momento, os oprimidos uniriam suas forças e atacariam a Babilônia, que passaria a ser extorquida como fizera com seus antigos servos. Os medos e os persas se uniriam contra os caldeus no futuro e os destruiriam, tomando todas as suas riquezas. Claramente o texto diz que a recompensa da tirania é a destruição.

O versículo 8 fala da agressão dos caldeus ao saquearem os povos vizinhos, ressaltando que a vingança se daria por causa “do sangue dos homens e da violência para com a terra, a cidade e todos os que habitam nela”. O fato dessas palavras aparecerem apenas nos versículos 8 e 17 levam alguns expositores a crerem que originalmente só havia quatro “ais”, sendo o último “ai” (vv.18-20) um enxerto. Essas palavras repetidas, que apresentam a razão do juízo divino, seriam um

refrão que abriria e fecharia a série de “ais”. Porém, a maioria dos comentaristas bíblicos não vê dessa forma e aceita os cinco “ais”. O manuscrito mais antigo de Habacuque, encontrado entre os Rolos do Mar Morto, traz os cinco “ais”.

AI SOBRE A INJUSTIÇA, A COBIÇA E A SOBERBA (2.9-11)

No versículo 9, o extorsionário ainda está em foco: “Ai daquele que ajunta em sua casa bens *mal adquiridos...*”. É sublinhado o objetivo deste homem cobiçoso: “...para pôr o seu ninho no alto, a fim de se livrar da mão do mal”. Os cobiçosos querem se assemelhar, metaforicamente, às águias e abutres, as aves que voam mais alto e por isso fazem seus ninhos nas alturas. Não há ninho mais alto do que o dessas aves, o que proporciona-lhes segurança. Os mais altos penhascos são suas moradas. Da mesma forma, os cobiçosos, através do acúmulo ilícito de riquezas, pretendem alçar altos vôos e adquirir segurança e estabilidade diante dos inimigos e das adversidades. Mas Deus os derribará.

Em relação à Babilônia, o texto se aplica no sentido de que os saques e concussões dos caldeus não os levariam tão longe quanto imaginavam, pois Deus em breve os derribaria quando estivessem se sentido cada vez mais inacessíveis e inatingíveis. Quando parecessem totalmente fora de alcance, impermeáveis e extremamente seguros, soçobriariam.

No versículo 10, Deus afirma que as maquinações dos babilônios se voltariam contra eles.

“Vergonha maquinaste para a tua casa; destruindo tu a muitos povos, pecaste contra a tua alma”, Hc 2.10.

Ao maquinarem seus planos diabólicos, na verdade estavam maquinando sua própria destruição. Suas invenções, estratégias e engenhos se tornariam sua própria vergonha. Seus pecados se voltariam contra eles mesmos: “...destruindo tu a muitos povos, pecaste contra a tua alma”. Em outras palavras, quem semeia injustiça será ferido pelos seus próprios atos. Certo comentarista parafraseia: “Em sua ansiedade de levantar um monumento, eles edificaram uma casa de

***“Se Deus não
chancelar e orientar
nossos
empreendimentos,
estes estarão
fadados à
destruição. É Deus
quem faz a
diferença”***

vergonha”. O juízo prossegue:

“Porque a pedra clamará da parede, e a trave lhe responderá do madeiramento”, Hc 2.11.

Os meios e materiais que haviam usado para levantar sua edificação monumental *testemunhariam* contra eles. A palavra “trave” aqui aparece no texto grego da Septuaginta como *kantharos*,

isto é, “escaravelho”. Alguns expositores acreditam que tenha sido um erro dos autores da Septuaginta, que confundiram o vocábulo hebraico traduzido como “trave” com o líquido chamado cânfora, uma substância aromática extraída de algumas árvores e de largo uso em medicina e na indústria. Ao escorrer da madeira, a cânfora, que é uma espécie de resina, ilustraria o sangramento, uma imagem poética da dor infligida.

Segundo especialistas, a raiz da palavra hebraica traduzida por “trave” traz a idéia de “cavar” ou até “cinzelar”, o que sugere material esculpido. Daí outros intérpretes verem nessa passagem alguma alusão a ídolos, o que, no entanto, parece pouco provável.

O que o texto expressa, enfim, é a idéia de que tudo aquilo que é construído pela injustiça se tornará uma denúncia contra o seu próprio idealizador e construtor, um marco de sua injustiça, manchando sua história para sempre. Portanto, os atos de soberba, isto é, as injustiças, não valem à pena.

AI SOBRE A VIOLÊNCIA E O CRIME (2.12-14)

Alguns comentaristas acreditam em uma conexão entre Habacuque 2.12 e Miquéias 3.10, estabelecendo que aqui há uma referência clara tanto aos pecados da Babilônia quanto aos de Judá. Por conseguinte, este “ai” se aplicaria tanto aos ímpios de Judá quanto aos caldeus. Seja como for, este é um juízo divino contra a violência e o crime.

“Ai daquele que edifica a cidade com sangue, e que funda a cidade com iniquidade!”, Hc 2.12.

O contexto desses "ais" leva-nos a crer naturalmente que a palavra "sangue" aponta para sacrifícios humanos. O império babilônico foi edificado sobre um rio de sangue.

O versículo 13 mostra que é debalde todo o esforço, suor e trabalho incansável dos que se pautam na hostilidade. Deus diz que a obra destes será amaldiçoada pela instabilidade. Nunca seus empreendimentos estarão seguros.

"Todo juízo divino tem como um de seus principais objetivos fazer com que a criatura se volte para o Criador, desperte para Sua realidade, vontade e atuação"

"Eis que não vem do Senhor dos Exércitos que os povos trabalhem para o fogo e os homens se cansem da vaidade", Hc 2.13.

Esse verso traz o princípio de Salmos 127.1: "Se o Senhor não edificar a casa, em vão trabalham os que edificam; se o Senhor não guardar a cidade, em vão vigia a sentinela". Se Deus não estiver chancelando e orientando nossos empreendimentos, estes estarão fadados ao fogo, à destruição. É Deus quem faz a diferença. Essa é uma declaração forte de que o Criador intervém em sua criação. Ele tem tudo sob controle e age na História. O fim de tudo é determinado por Ele. A Bíblia não defende o deísmo, mas o teísmo.

A continuação deste juízo é belíssima.

"Porque a terra se encherá do conhecimento da glória do Senhor, como as águas cobrem o mar", Hc 2.14.

O versículo 14 é uma citação um pouco diferente de Isaías 11.9, que fala da prosperidade e paz do Reino do Messias: "Não se fará mal nem dano algum em todo o monte da minha santidade, porque a terra se encherá do conhecimento do Senhor, como as águas cobrem o mar". A única distinção entre as duas passagens é que a do profeta maior fala de "conhecimento do Senhor", referindo-se à

comunhão com Deus durante o Reino Milenial de Cristo, enquanto a de Habacuque fala de “conhecimento da glória do Senhor”, isto é, a majestade divina restaurando o mundo. Logo, há um contraste neste “ai”: enquanto a obra da Babilônia é feita “para o fogo”, a obra divina permanece.

A obra que Deus fará na terra, entre os povos, será duradoura. Suas raízes estão bem fincadas na eternidade.

AI SOBRE A IMORALIDADE E ATOS DIABÓLICOS (2.15-17)

A degradação do próximo é o que está em foco neste “ai”. O texto de Habacuque 2.15 é claro: há maldição sobre quem bebe e quem dá de beber bebidas alcoólicas. Algumas dessas maldições aparecem descritas nas páginas sagradas. São elas a soberba (Is 28.1), que precede a ruína; o escárnio (Pv 20.1); a pobreza (Pv 23.21); pesadelos, olhos vermelhos, quedas, dependência e caráter destruído (Pv 23.29-35); e afastamento de Deus (Is 5.11-12). A Bíblia diz que o destino do bebedor é a perdição eterna (1Co 6.10).

Além da imoralidade em foco, manifesta nos atos desumanos descritos, o texto fala também de violência no versículo 17. Na verdade, essa violência é justamente o diabolismo dos versículos 15 e 16, e a exploração do ser humano mencionada versículos antes, e que obviamente também é um ato diabólico. O texto usa como metáfora dessa exploração o que aconteceu com o Líbano, que aqui representaria a Judéia: “Monarcas sucessivos de diversas nações cortaram a madeira do Líbano, caçaram seus animais selvagens e mataram o seu gado. Neste exemplo o Líbano é um nome usado para descrever a Judéia, como também em Jeremias 22.6,23; Zacarias 10.10; 11.11”.²

Apesar dessa interpretação, outros comentaristas preferem ver a “violência cometida contra o Líbano” como uma literal invasão caldéia à região citada, tendo como resultado um castigo certo advindo da parte de Deus, que usaria as nações para isso.

É interessante notar que o texto bíblico também fala que um dos pecados dos caldeus havia sido a enorme matança de animais. Champlin lembra que “a crueldade contra os animais é sinal de um

povo incivil. Quanto mais civilizado se torna um povo, tanto mais respeito ele terá pelo bem-estar dos animais”.³

AI SOBRE A IDOLATRIA (2.18-20)

Este último “ai” atinge o fundamento de toda a impiedade babilônica: a idolatria. Não havia entre os babilônios a realização de um culto genuíno a Deus. Proliferavam naquela nação ídolos de toda a sorte, adorados através de cultos sórdidos.

Esse texto de Habacuque mostra que o nível idolátrico de uma pessoa ou de uma nação revela o índice de depravação do coração humano. Quanto maior a idolatria, mais afastado e depravado é o coração do homem ou de um povo. Os caldeus eram extremamente idólatras e isso se refletia em seus métodos e comportamentos, que eram abomináveis.

Os ídolos são chamados de mestres de mentiras (v18), já que são lamentavelmente utilizados com eficiência para iludir as almas. O profeta zomba dos idólatras (v19) com palavras que lembram muito a ironia e o escárnio de Elias no episódio dos profetas de Baal (1Rs 18.27).

Na última parte (v20), já preparando o leitor para a teofania descrita no capítulo 3, o profeta estabelece neste “ai” divino um contraste entre os ídolos, que são cegos, surdos, mudos e inertes, com o Deus vivo e verdadeiro: “*Mas o Senhor está...*”

Outro detalhe que contrasta Jeová dos demais deuses, que são falsos, é a sua santidade. Enquanto os ídolos são considerados abomináveis, o Senhor é santo, Ele “está no seu santo templo” e, acrescenta Habacuque, “cale-se diante dEle toda a Terra”.

O vocábulo traduzido por “cale-se” nessa passagem é o imperativo *has*, que significa “Silêncio!”. Em outras palavras, Deus não é um objeto de metal, pedra ou madeira, que nada faz e é manipulado. O Senhor prometeu? Então fará. E não se pode brincar com Ele. Deus é real e deve ser respeitado, reverenciado e adorado. Quem a Ele despreza receberá as duras consequências.

Sobre o significado da expressão “santo templo”, os comentaristas

tas se dividem. Um grupo, talvez o maior, identifica o termo como uma referência ao Templo de Jerusalém, construído por Salomão e que naquele tempo ainda não havia sido destruído. Este grupo se apóia em passagens como Salmos 11.4.

Outro grupo de comentaristas, no entanto, prefere interpretar o templo aqui como sendo os Céus, com base no cântico de Davi, registrado em 2 Samuel 22.7,10 (Sl 18.6,9) e escrito obviamente antes da construção do Templo: “Estando em angústia invoquei ao Senhor, e a meu Deus clamei: do seu Templo Ele ouviu a minha voz, e o meu clamor chegou aos seus ouvidos (...) E abaixou os Céus, e desceu: e uma escuridão havia debaixo de seus pés”.

O teólogo e reformador João Calvino é um dos que preferem crer que o texto em foco é uma referência ao Templo de Jerusalém. O notório reformador opta claramente pela primeira opinião:

“Esta palavra é freqüentemente tomada por Céu, mas é aplicada ao Santuário. Muitos consideram que é uma referência ao Céu, já que o profeta disse que o Deus verdadeiro é o artífice e criador do Ceú e da Terra, e não pode ser visto de forma visível, nem oculto sobre ouro e prata, nem representado pela madeira ou pedra. Ele reina no Céu e o enche com sua infinita glória (...) Mas como Habacuque estava escrevendo aos judeus, parece mais provável que ele se refira ao Templo, que Deus então havia designado como lugar de sua adoração e oferta de sacrifícios (...) É mais provável que a palavra ‘templo’ ou ‘palácio’ deva aqui ser compreendida como o Santuário”.⁴

Seja como for, está claro que a intenção de Habacuque ao concluir o último “ai” dessa forma é levar seus leitores ao pensamento acerca do Deus vivo, que seria apresentado de forma impactante no capítulo 3. Enquanto os outros deuses são inertes, mortos, Jeová é apresentado como ativo e poderoso (Hc 3.2-16). Aliás, todo juízo divino tem como um de seus principais objetivos fazer com que a criatura se volte para o Criador, desperte para Sua realidade, vontade e atuação.

E é exatamente sobre essa atuação inconfundível que vamos meditar mais detidamente nos próximos capítulos.

FÉ E ADORAÇÃO
APESAR DO CAOS
(Hc 3.1-19)

12

O PROFETA INTERCESSOR
(3.1)

São inúmeros os exemplos da importância da oração para a nossa vida. Um deles, no entanto, parece se encaixar muito bem com um aspecto da vida cristã que desejo sublinhar neste capítulo. A história que se segue passa-se no século 19.

“Certo evangelista tocou-me profundamente a alma quando eu era ainda jovem repórter de um diário. Esse evangelista estava hospedado em casa de um pastor presbiteriano. Bati à porta e pedi para falar-lhe. O pastor, com voz trêmula e com o rosto iluminado por estranha luz, respondeu: ‘Nunca se hospedou um homem como ele em nossa casa. Não sei quando ele dorme. Se entro no seu quarto durante a noite para saber se precisa de alguma coisa, encontro-o orando. Vi-o entrar no templo cedo de manhã e não voltou para as refeições.’”

“Fui à igreja... Entrei furtivamente para não perturbá-lo. Achei-o sem paletó e sem colarinho. Estava caído de bruços diante do púlpito. Ouvi a sua voz como que agonizante e comovente, instando com Deus em favor daquela cidade de garimpeiros, para que dirigisse almas ao Salvador. Havia orado toda a noite; havia orado e jejuado o dia inteiro.”

“Aproximei-me furtivamente do lugar onde ele orava prostrado, ajoelhei-me e pus a mão sobre seu ombro. O suor caía-lhe pelo corpo. Ele nunca me tinha visto, mas fitou-me por um momento e então rogou: ‘Ore comigo, irmão! Não posso viver se esta cidade não se chegar a Deus’. Pregara ali vinte dias sem haver conversões. Ajoelhei-me

“Habacuque é um profeta intercessor. Depois de questionar o divino duas vezes, se pôs em uma torre à espera e, agora, depois de mais uma resposta da parte do Senhor, intercede em favor do seu povo em forma de cântico”

ao seu lado e oramos juntos. Nunca ouvira alguém insistir tanto com Ele. Voltei-me de lá assombrado, humilhado e estremecendo.”

“Aquele noite assisti ao culto no grande templo onde ele pregou. Ninguém sabia que ele não comeria durante o dia inteiro e que não dormiria durante a noite anterior. Mas, ao levantar-se para pregar, ouvi diversos ouvintes dizerem: ‘A luz do seu rosto não é da Terra!’ E não era mes-

mo. Ele era conceituado instrutor bíblico, mas não tinha o dom de pregar. Porém, nessa noite, enquanto ministrava, o auditório inteiro foi tomado pelo poder de Deus. Foi a primeira grande colheita de almas que presenciei.”

O relato acima é de Lionel Fletcher e foi transcrito pelo missionário Orlando Boyer.¹ Esse depoimento nos mostra, de forma tocante, a experiência de um servo do Senhor que percebeu que não bastava conhecer e pregar a Palavra de Deus. Era preciso também orar, interceder, para que a obra do Senhor nos corações fosse realizada.

Tal princípio foi encarnado por vários servos de Deus nas Sagradas Escrituras, mas talvez o que mais se destaca por isso é Habacuque.

“ORAÇÃO DO PROFETA”

O terceiro capítulo de Habacuque traz em si peculiaridades marcantes e extremamente singulares. A primeira encontramos logo no primeiro versículo deste capítulo, e ela diz respeito justamente à lição aprendida por Fletcher através da experiência supracitada.

“Oração do profeta Habacuque sob a forma de canto”, Hc 3.1.

“Oração do profeta”. Normalmente, o ministério profético é diferenciado do sacerdotal da seguinte forma: enquanto o sacerdote

apresenta diante de Deus as causas humanas, o profeta faz caminho inverso, entregando ao povo aquilo que recebeu do próprio Deus. Assim, o ministério sacerdotal é intercessório, enquanto o profético é caracterizado pela transmissão da orientação divina ao povo. Os dois eram bem definidos e se completavam.

No entanto, na primeira grande marca deste capítulo de peroração, lemos que Habacuque, apesar de ser profeta, exerceu um ministério intercessório. Ele não apenas profetizou. Também intercedeu apaixonadamente pelo seu povo.

Os primeiros dois capítulos de seu livro já nos mostravam Habacuque nas duas vias, sendo que o início deste é ainda mais direto, ao lermos sua afirmação: “Oração do profeta”.

Habacuque é um profeta intercessor. Ele se dedicava a interceder diante de Deus pelo seu povo. Depois de questionar o divino duas vezes, se pôs em uma torre à espera e, agora, depois de mais uma resposta da parte do Senhor, intercede em favor do seu povo mais uma vez (as primeiras orações, apesar de muito pessoais, expressavam também o anseio da comunidade de justos de seu povo), e resolve fazê-lo em forma de cântico, o que se constitui o segundo diferencial deste capítulo.

O capítulo 3 do livro do profeta-levita é uma oração, mas também é um cântico. Ou melhor: é uma oração cantada. Aliás, quando encaramos o período de louvor como um momento em que estamos, como na oração, nos dirigindo a Deus, conversando com Ele, o louvor se torna mais verdadeiro e edificante. O louvor deve ser uma oração cantada. Afinal, quando se louva, se louva a alguém; e este alguém, no caso em apreço, é o próprio Deus. Logo, o louvor nada mais é que uma oração cantada.

Como levita que era – fato que abordamos logo no primeiro capítulo deste comentário bíblico –, Habacuque sabia da importância do louvor, tanto que, neste caso, preferiu orar a Deus em forma de cântico. E que cântico!

Aliás, é interessante notar, a partir desse texto, como a oração e o louvor estão intimamente ligados na Bíblia.

O *Dicionário Vine* (CPAD) afirma que o vocábulo traduzido por “oração” nessa passagem é, no original, *tephillān*. Segundo *Vine*, esse substantivo hebraico, que aparece 77 vezes no Antigo Testamento, sendo

“Não basta apenas profetizar, exortar, edificar e consolar. É preciso também interceder”

a primeira vez em 1 Reis 8.28, pode significar tanto oração não-litúrgica e não-poética quanto litúrgica e poética. No último significado especial, o termo é usado como título em cinco salmos, além da oração de Habacuque.

“Nestes usos, *tephillah* significa um conjunto de oração para música e canto no culto de adoração formal. Em Salmos 72.20, a palavra descreve todos os salmos ou as ‘orações’ dos salmos 1 a 72, sendo que apenas um deles é especificamente chamado de ‘oração’ (Sl 17.1)”².

SOBRE A AUTORIA DO CAPÍTULO

Como já mencionamos anteriormente, alguns teólogos defendem, embora minoritariamente, que só os dois primeiros capítulos de Habacuque são de autoria do profeta. Estes estudiosos se baseiam no fato de que o rolo mais antigo deste livro, encontrado na caverna de Qumran, não traz o terceiro capítulo em seu comentário e que a última porção do livro não repete o formato dialógico dos dois primeiros capítulos.

Tais objeções são facilmente derrubadas. O capítulo 3 de Habacuque começa com uma declaração do próprio profeta afirmando-se como autor da passagem: “Oração do profeta”. Além disso, ao lermos os dois primeiros capítulos, percebemos claramente que os dois questionamentos iniciais já foram resolvidos, culminando em “ais”, mas mesmo assim o livro ainda ficaria incompleto no que diz respeito ao seu propósito nítido de ser uma teodicéia. Ele precisaria de um desfecho, e o capítulo três é uma peroração perfeita para a obra.

Especialistas também frisam que há em todos os três capítulos uma unidade lingüística, o que aponta para uma mesma autoria. Isto é, o mesmo homem escreveu as três porções do livro.

“SOBRE SIGIONOTE”

Algumas versões da Bíblia em português trazem ao final deste versículo a expressão “sob a forma de canto”, enquanto outras, as mais antigas, preferem “sobre Sigionote”.

“Sigionote”, que aparece na epígrafe do Salmo 7 (de autoria do rei Davi) como “Sigaïom”, refere-se a um tipo de canto. No hebraico, o vocábulo é *shigionoth*. Porque o significado do termo seria incerto, muitos preferem não traduzi-lo, deixando-o apenas na forma aportuguesada nas traduções.³

A Vulgata Latina, por sua vez, traduziu o vocábulo como *pro ignorantiss*, ou seja, “pelos pecados feitos em ignorância”, o que não é aceito pelos expositores bíblicos, já que essa idéia não se encaixa de forma alguma com o contexto e sentido da passagem. A Septuaginta, por sua vez, entendeu-o como “Neginote”, ou seja, uma alusão a instrumentos de cordas, estabelecendo uma ligação com o último versículo (Hc 3.19).

Numa coisa, pelo menos, os comentaristas são praticamente unânimes: *shigionoth* se refere a um tipo de canto. A maioria parece acreditar que trata-se de uma alusão ao tempo no qual o salmo poderia ser cantado no culto. A idéia é reforçada pelo fato de, segundo especialistas, a raiz hebraica da palavra significar “cambaleio”. Assim, alguns interpretam o vocábulo como uma referência a um estilo mais entusiástico de louvor. Assim, Habacuque 3 seria um salmo de ritmo animado, uma canção com tom imponente e de celebração. Afinal, ele fala de uma manifestação extraordinária de Deus (3.3-16) e termina com uma declaração de fé também extraordinária (3.17-19).

O OBJETIVO DESTA ORAÇÃO

Uma pergunta ainda falta ser respondida: Qual o objetivo do profeta em registrar essa oração para o seu povo? Calvino expôs muito bem o porquê:

“Não há dúvida de que o profeta ditou essa forma de oração para o seu povo antes deste ser conduzido para o exílio (...) O profeta, aqui, colocava diante deles as matérias da fé e estimulava-os a orar, e nós sabemos que nossa fé não pode ser fortalecida em um caminho melhor do que através do exercício da oração (...) Ele levantava sua própria oração, mas não de forma privativa, só para ele mesmo ou como algo composto apenas para si; sua oração deveria ter alguma

autoridade entre o povo (...) uma forma de oração ditada para eles pela boca do profeta, como o próprio Espírito mostrando-lhes como deveriam orar (...) O Espírito Santo, através do profeta, estava guiando-os e ensinando”.⁴

Sem dúvida, a oração de Habacuque tinha a finalidade de consolar e fortalecer a fé do seu povo no exílio, e ela também apresenta, justamente por isso, um valor didático. O povo deveria lembrar-se desta prece como um padrão a ser seguido. Os judeus precisavam orar a Deus durante o período de cativeiro da mesma forma que o profeta, isto é, com o mesmo sentido, sentimento e fé.

Portanto, nesta oração de Habacuque, algo tão pessoal e que por orientação divina se tornou público, encontramos a síntese de dois princípios importantíssimos à vida do povo de Deus: a missão profética e o aspecto sacerdotal.

Habacuque: profeta e intercessor. Ou melhor, profeta-intercessor. Essa é mais uma marca que define o ministério deste singular profeta, e ela nos ensina que não basta apenas profetizar (o que significa basicamente exortar, edificar e consolar). É preciso também interceder. Não que outros profetas do Antigo Testamento não tenham igualmente marcado presença nessas duas frentes, mas nenhum parece ter se caracterizado tanto desta forma, no registro bíblico, do que Habacuque.

Que possamos seguir seu exemplo, levantando nossa voz não apenas para transmitir a verdade divina, mas também para clamarmos em favor dos que ouvem a mensagem de Deus. Só assim o Senhor derramará o poder necessário para que sua obra prospere sobre a Terra.

13

ORANDO POR
AVIVAMENTO (3.2)
(1^a PARTE)

Era uma reunião de oração. Poucas pessoas estavam presentes. Um amigo meu estava dirigindo o culto, que estava um tanto “frio”, por assim dizer, até que, de repente, um irmão simples que orava com voz quebrantada proferiu uma expressão que marcou aquela noite e o coração de meu amigo para sempre: “Senhor, estamos aqui para buscar a Tua Glória para a Tua Glória!”

Conta esse meu amigo que, quando aquele irmão proferiu essas palavras em lágrimas, um incêndio se alastrou nos corações e a presença divina tomou conta do ambiente. O princípio espiritual contido naquela frase, pronunciada com contrição de alma, foi como faísca jogada em combustível, ascendendo um imenso fogo.

Quanto mais próximos da Bíblia estivermos, mais bíblicas serão nossas orações. De tal forma que há orações que são verdadeiras fontes de ensino para nossas almas. Observemos os Salmos, repletos de lindas orações cheias de sublimes ensinamentos! E o que dizer da rica oração sacerdotal de Cristo? E da “oração do Pai Nosso”?

Dentro desse grupo está Habacuque 3.2. Essa passagem é uma das mais belas orações de toda a Bíblia Sagrada, e conseqüentemente de todos os tempos. É também uma das mais importantes, porque nos ensina princípios indispensáveis para um avivamento. É como faísca jogada em combustível.

Esta breve oração do profeta é um clamor por restauração que nos apresenta vários aspectos importantes que precisam ser experimentados

“O que levou Habacuque a clamar por um avivamento foi o fato de ter ouvido a voz de Deus. Da mesma forma, nunca seremos despertados para clamar por mais de Deus enquanto não nos dispusermos a ouvir a Sua voz”

profundamente para que o derramamento do Espírito Santo seja efetivado. Cada palavra desta prece fala de um aspecto.

“Ouvi, Senhor, a tua palavra e temi; aviva, ó Senhor, a tua obra no meio dos anos, no meio dos anos a notifica; na ira, lembra-te da misericórdia”, Hc 3.2.

Por questões didáticas, podemos dividir essa prece em dez partes, que apontam, cada uma, para um aspecto do avivamento. São elas:

- 1) “Ouvi”;
- 2) “A Tua Palavra”;
- 3) “Senhor (...) ó Senhor”;
- 4) “E temi”;
- 5) “Aviva, ó Senhor”;
- 6) “A Tua obra”;
- 7) “No meio dos anos”;
- 8) “No meio dos anos a notifica”;
- 9) “Na ira”;
- 10) “Lembra-te da misericórdia”.

Obedecendo a seqüência acima, analisaremos neste capítulo os cinco primeiros aspectos.

“OUVI”

Qualquer experiência espiritual positiva começa quando ouvimos a Deus. Seja a nossa conversão ou renovação espiritual, o avivamento da Igreja ou o despertar de uma nação. E essa voz de Deus, por sua vez, pode ser manifesta por formas as mais variadas. Às vezes, ela se manifesta da maneira menos esperada.

Tozer escreveu: “Quando um homem ou uma mulher se torna digno de ouvir, às vezes Deus lhe fala através de meios muito indignos. Pedro, por exemplo, foi levado ao arrependimento pelo canto de um galo. É claro que o galo não estava cômico da parte que estava desempenhando, mas o Senhor dispusera as coisas para ele de modo que o canto do galo quebrantasse o coração do Seu apóstolo extraviado e o fizesse sair numa torrente de lágrimas penitenciais. Agostinho foi levado ao arrependimento por ver um amigo morto por um raio. Nicolau Hermann converte-se ao ver uma árvore despojada das suas folhas no inverno. Spurgeon tornou-se cristão depois de ouvir um humilde líder de classe exortar uma igreja reunida. Moody foi levado a uma patente união do Espírito por meio do testemunho de uma anciã simples, sua conhecida”.

“Todos estes exemplos”, conclui o célebre pregador canadense, “ensinam a mesma coisa. Deus fala aos corações dos que se dispõem a ouvir”.

O que levou Habacuque a clamar por um avivamento foi o fato de ter ouvido a voz de Deus. Da mesma forma, nunca seremos despertados para clamar por mais de Deus enquanto não nos dispusermos a ouvir a Sua voz.

Se ouço apenas a minha própria voz, posso me enganar. Se ouço só os outros, posso me enganar também. Mas se ouço a voz de Deus, sou impactado com a verdade; ouço não exatamente o que quero ouvir, mas o que preciso, e isso revoluciona minha vida.

O que Habacuque ouvira não era agradável, tanto que ele chamou a resposta divina de “peso do Senhor”, mas, como resultado, sua visão de fé foi alargada.

O profeta foi paciente. Ele estava disposto a ouvir a Deus, por isso o Senhor o ouvia. Ele esperou pela voz de Deus, e o Senhor honrou seu interesse e o abençoou com amadurecimento espiritual, e com a honra de termos em nossas mãos, até os dias de hoje, a sua mensagem, fruto de seu diálogo com Deus.

Via de regra, Deus só ouve aquele que o ouve, por um motivo muito simples: O Senhor só tem compromisso com aquele que tem compromisso com Ele. Quando a fé honra a Deus, Ele honra a fé.

Em linhas gerais, alguém pode não conseguir ouvir a Deus por dois motivos: desconhecimento ou desleixo.

Uma coisa é escutar a Deus quando tudo parece silencioso, outra

é tentar escutá-lo quando os entretenimentos desta vida, o barulho e a agitação do cotidiano tentam abafar a sua voz.

Na primeira situação, uma compreensão melhor dos métodos que Deus se utiliza para falar-nos é o suficiente. Quando o silêncio de Deus parecer um fato, basta prestar atenção nos detalhes à nossa volta, nos acontecimentos, nas nuances, e descobriremos que Deus não está mudo – Ele continua falando. Ele fala pelo sofrimento, pelos livramentos, pela natureza e até pelo próprio silêncio.

No segundo caso, a coisa muda. No primeiro, queremos ouvir Deus e não conseguimos, até que descobrimos que Ele está falando por métodos incomuns e, então, aprendendo estes novos métodos, passamos a escutá-lo de novo. No segundo caso, porém, nós, sem percebermos, ficamos distraídos, distantes, deslocados e Deus não consegue ser ouvido por nós. Falta-nos sensibilidade espiritual, a disposição necessária para ouvir.

A “selva de pedra” em que vivemos eclipsa a nossa percepção do divino paulatinamente, sem desconfiarmos. No fim, caso não tombarmos da nossa rede espiritual e acordarmos, a morte espiritual tornar-se-á uma realidade. Que fazer, então, para mantermo-nos sintonizados com Deus?

Em primeiro lugar, *devemos dosar o número dos nossos entretenimentos*.

Todo o ser humano deve ter seus momentos de lazer, mas não deve embriagar-se com estas coisas. Quando o momento de lazer estende-se e cobre o período do meu tempo que deve ser dado a Deus, estou fadado ao fracasso espiritual. Em outras palavras, devo saber dividir o meu tempo sabiamente, de tal maneira que haja um período significativo e garantido de cada dia destinado exclusivamente à adoração a Deus. O pacote de distrações que a mídia e algumas instituições fornecem-nos é enorme e, somado às nossas ocupações diárias, toma todo espaço da nossa vida. É nesta hora que lembramos das palavras do Mestre aos seus discípulos num momento de desleixo deles: “Nem uma hora pudeste velar comigo?”

Amenidades nunca devem ser prioridades. Em primeiro lugar está o Reino de Deus, depois nossos deveres e, por último, nosso lazer. Deve existir lazer na nossa agenda, mas sempre no seu devido lugar.

Jesus, nas suas palavras à mulher samaritana, afirmou: “Porque o Pai procura a tais [os verdadeiros adoradores] que assim [em espírito e em verdade] o adorem...” (Jo 4.23). Deus está em busca de pessoas

que realmente o adorem, que o priorizem na vida, que reservem um momento certo de cada dia para estarem absortos em práticas devocionais. Isso pode ser visto também no texto de Jeremias 33.3, quando Deus diz: “Clama a mim e responder-te-ei”. O Senhor tem prazer em atender, em revelar e em revelar-se, contudo só àqueles que estão dispostos a clamar, que rendem-se à voz de Deus que clama para que clamemos, que insiste para que O busquemos.

Deus tem prazer naquele que faz como Davi: “Quando tu dissesse: Buscai o Meu rosto; o meu coração te disse a ti: O Teu rosto, Senhor, buscarei” (Sl 27.8).

S.D.Gordon disse certa vez: “Podemos fazer mais do que orar depois de havermos orado, mas não podemos fazer mais do que orar enquanto não tivermos orado”. John Wesley afirmou: “Tenho tanta coisa para fazer, que preciso passar várias horas em oração antes de ser capaz de fazê-lo”. Martinho Lutero declarou: “Se não orar pelo menos duas horas, não conseguirei vencer o inimigo durante o dia”.

Encontramos pelo menos dois exemplos na Bíblia de uma pessoa atarefada, mas que não se esquivava de exercitar a sua comunhão com Deus. O primeiro é o do profeta Daniel. Se não, vejamos: “Daniel (...) entrou em sua casa (...) e três vezes no dia se punha de joelhos e orava, e dava graças, diante de seu Deus, como também antes costumava fazer” (Dn 6.10).

A Bíblia nos revela que Daniel era um dos três príncipes do reinado de Dario a quem os 120 presidentes do império tinham de prestar contas (Dn 6.1-2). Era, certamente, um homem atarefado, mas que, mesmo assim, costumeiramente reservava três períodos do seu dia para devoção a Deus. Havia muitas atrações, diversões e tarefas no império, mas esses três momentos do dia eram sagrados para Daniel. Por isso ele não arrefeceu espiritualmente.

O outro exemplo é o rei Davi. Mesmo com uma vida consideravelmente agitada, Davi conseguia dar tempo a Deus: “De tarde, de manhã e ao meio-dia, orarei; e clamarei, e Ele ouvirá a minha voz” (Sl 55.17).

Como Davi e Daniel, abramos nas nossas agendas espaços diários e intocáveis para oração e adoração a Deus.

Em segundo lugar, para vencermos espiritualmente em meio ao bulício da vida cotidiana, *devemos trazer Deus para nossa vida cotidiana*.

Às vezes separamos um pouco de nosso tempo para Deus, mas

***“Alguns pensam
que Deus só é
Deus nas horas
tranquílas e não
nos momentos de
convulsão do dia.
Pensam que
chamar Deus para
o trabalho diário é
torná-lo comum,
quando na
realidade é tornar
o trabalho diário
fora do comum”***

não permitimos o Seu intrometimento nas nossas trivialidades e mesmices, no nosso trabalho costumeiro. Assim, a vida espiritual só torna-se satisfatória quando estamos no templo ou no quarto em oração. Realmente, estes são momentos preciosos, mas deve haver um certo nível de satisfação neste sentido também na vida cotidiana.

Os instantes vivenciados no quarto de oração devem ser ultranecessários não só pelo que recebemos ali, mas também porque

têm a capacidade de projetar luz nos nossos afazeres diários. Há um segredo naqueles instantes. É o fato de que, quando damos tempo a Deus, Ele está disposto a permear todo o nosso tempo, a intervir no corriqueiro. Basta convidá-lo.

Quando atendemos ao convite de Deus de buscarmos a Sua presença, Ele está disposto a atender o nosso convite para ajudar-nos nas ocupações diárias.

Existem pessoas que têm significativos períodos de devoção, mas que, de alguma forma, acham inconveniente chamar Deus para participar de suas agitações. Pensam, talvez, que Deus só é Deus nas horas tranqüilas e não nos momentos de convulsão do dia. Pensam que chamar Deus para o trabalho diário é torná-lo comum, quando na realidade é tornar o trabalho diário fora do comum. Deus preocupa-se também com os nossos “detalhes”.

Chamar a presença de Deus para o nosso ordinário é transformar esse ordinário em algo extraordinário.

Nunca uma pessoa poderá “ouvir Deus acima do ruído da vida cotidiana”, como disse certa vez um poeta cristão, se ela não chamar Deus para o seu cotidiano. Convide Deus para o barulho corriqueiro! Ele estará prontamente ao seu lado para dar tempero, sabor, satisfação e prazer à rotina.

O Espírito Santo de Deus não é só o amigo das horas doces, equilibradas, regulares, alegres, seguras, saudáveis e calmas, mas tam-

bém das horas instáveis, incertas, nauseabundas, tristes, amargas, de dor, afecção, fraqueza e insegurança. Ele não quer só estar conosco no quarto e no templo, mas também no coletivo, na praça, na rua, na repartição, no colégio, na universidade, na biblioteca, no ponto de ônibus, na cozinha, no quintal; enfim, em todos os lugares.

Peça ao Senhor para que se torne seu cúmplice nesta barulhenta vida. Assim, você estará trazendo um verdadeiro e permanente oásis para os seus momentos desérticos, existencialmente falando, e começando um permanente avivamento em sua vida.

“A TUA PALAVRA”

O que levou Habacuque a clamar por avivamento foi o fato de ele ter ouvido, e ouvido a Palavra de Deus. Logo, aprendemos nessas palavras do profeta que é impossível que um avivamento surja sem ter sido provocado, de alguma forma, pela Palavra de Deus.

Um dos princípios básicos sobre o derramamento do Espírito é que o verdadeiro avivamento vem pela Palavra. O salmista afirmou: “Vivifica-nos, Senhor, conforme a tua Palavra!” (Sl 119.154b).

Em um de seus sermões lemos na igreja de Times Square, com base no texto de Neemias 8.1-3,5, o conhecido pastor norte-americano David Wilkerson enfatiza o despertar do povo judeu para a Palavra na ocasião do reavivamento no período da reconstrução: “O grito de seus corações era: ‘Traga-nos a verdadeira Palavra do Senhor!’ Esdras se pôs em pé, sobre um púlpito de madeira, e leu a Palavra de Deus durante seis horas enquanto a multidão em pé prestava atenção, aprendendo que a causa dos seus sofrimentos era sua própria obstinação e rebelião. A mais segura evidência do reavivamento numa alma, numa igreja ou numa cidade é a grande fome de ouvir a Palavra de Deus. Os cristãos apóstatas não querem ouvir a Palavra. Ela os aborrece! O que eles querem é excitação. Os pregadores apóstatas não pregam muito da Palavra de Deus. Pelo contrário, fazem sermonetes breves. Eles não pregam a Lei porque isso produz convicção de culpa e sacode a igreja! Ela faz os contemporizadores contorcer-se!”

“Onde o Espírito Santo está em ação”, continua Wilkerson, “as pessoas que estão sentadas nos bancos clamam pela Palavra (...) Onde Deus está em ação, há bíblias por toda a parte. Há um excitação

“É impossível que um avivamento surja sem ter sido provocado, de alguma forma, pela Palavra de Deus. Um dos princípios básicos sobre o derramamento do Espírito é que o verdadeiro avivamento vem pela Palavra”

com relação à pregação e ao ensino, e uma verdadeira reverência pela Palavra. Esta é amada e honrada. Quão triste é vermos em muitas igrejas a pregação sendo simplesmente aturada. Impacientes, esperam que ela termine para chegar logo ao louvor e à adoração. O que desejam é música, entretenimento e cantores especiais! Quando o Espírito Santo vem, já não há evangelistas ou mestres espetaculares no palco central, senão a Palavra sendo aclamada. O grito dessa

gente será: ‘Senhor, eu quero tudo: o bom, o mau, os mandamentos, as promessas, *todo* o conselho de Deus!’².

Apesar de essas palavras do pregador de Times Square terem sido proferidas nos Estados Unidos e há mais de dez anos, elas são extremamente atuais à realidade de muitas igrejas no Brasil hoje. Precisamos em nossos dias do que aconteceu na época de Esdras e Neemias, e no reinado de Josias (2Cr 34.14-33).

Que Deus nos livre da tirania litúrgica que omite a pregação da Palavra de Deus em muitos púlpitos. Que haja mais Palavra nas igrejas de todo o Brasil, porque só assim haverá convicção de pecado, arrependimento e despertamento espiritual. Essas coisas são resultados naturais da exposição à Palavra do Senhor.

Devemos nos conscientizar de que as pessoas só orarão dizendo “Aviva, ó Senhor”, quando puderem antes testemunhar “Ouvi a tua Palavra e temi”.

“SENHOR (...) Ó SENHOR”

Nestas palavras do profeta, percebemos o princípio de que avivamento é um ato da soberania divina. Não somos nós que produzimos o avivamento, mas é Deus quem o faz. Consciente disso, Habacuque se dirige a Deus referindo-se a Ele como Senhor. Ele reconhece o senhorio divino.

Avivamento não é uma realização humana, mas divina, por isso Habacuque ora a Deus pedindo para que Ele o faça. O profeta diz:

“Aviva, ó Senhor”. Isto é: “Deus, só Tu podes fazê-lo. Fazes, porque se Tu não o fizeres, nada poderá promovê-lo.”

Esse princípio pode parecer óbvio para alguns, mas é extremamente importante que seja frisado, porque, durante a História, muitos o têm relegado, e em nossos dias não parece ser diferente.

Não há técnicas para se produzir um genuíno avivamento. O avivamento não é uma produção humana. Ele não é resultado de nossos esforços e técnicas, não é algo que pode ser explicado de forma científica ou que obedece uma lógica e roteiro, sendo interpretado a partir do uso de alguns métodos específicos. Não há uma receita de bolo para isso. Campanhas evangelísticas e congressos não provocam avivamentos. Quem aviva uma igreja é o próprio Deus. Nossa responsabilidade é apenas consagrar-nos a Ele e suplicarmos para que derrame sobre nós seu poder renovador.

Em um de seus célebres sermões por ocasião do centenário do avivamento de 1859, o reverendo Martin Lloyd-Jones afirmou brilhante e apaixonadamente: “Um avivamento é um milagre. É algo miraculoso, um fenômeno excepcional. É a mão do Senhor, e ela é poderosa. Um avivamento, em outras palavras, é algo₃ que só pode ser explicado como uma ação e intervenção de Deus”.

Mais à frente, Lloyd-Jones denuncia um equívoco cometido por Charles Finney, que, embora tenha sido um dos grandes homens de Deus do século 19, errou quando pensou que seria possível traçar um modelo que, segundo ele, se seguido, poderia, teoricamente, provocar um avivamento. Afirma Lloyd-Jones:

“Homens podem produzir campanhas evangelísticas, mas não podem produzir e nunca produziram um avivamento. Oh, tentaram fazê-lo muitas vezes, e ainda estão tentando. Infelizmente, Finney levou a Igreja toda a se desviar neste ponto, ao ensinar que se você tão-somente fizer certas coisas pode ter um avivamento quando quiser. A resposta a isso é um eterno NÃO! E esta não é apenas minha opinião pessoal. É um fato.”

“Acaso todos não conhecemos, observamos e vimos homens que tentaram produzir avivamentos? Introduziram todos os métodos de Finney, leram o seu livro, sabem-no de cor, e tentaram fazer o que ele ensina (...) Tentaram fazer tudo o que Finney afirmou que devia ser feito, esperando avivamento como resultado. Fizeram tudo e exerce-

“O avivamento não é uma produção humana. Ele não é resultado de nossos esforços e técnicas, não é algo que pode ser explicado de forma científica ou que obedece uma lógica e roteiro, sendo interpretado a partir do uso de alguns métodos específicos”

ram grande pressão, entretanto não têm visto avivamento.”

“Um avivamento, por definição, é a poderosa ação de Deus, e é um ato soberano de Deus, é algo independente. O homem nada pode fazer. Deus, e Deus somente, é quem o faz (...) Mas não só homens não podem produzir avivamento, eles nem sequer sabem explicá-lo, e isso também é muito importante (...) Se vocês podem explicá-lo de qualquer outra forma, então não é avivamento (...) Se podemos explicar um mi-

lagre, então não é mais um milagre.”

“Não há métodos num avivamento. Se métodos são usados, podemos entender os resultados, não é mesmo? Se fizermos certas coisas, obteremos determinados resultados. Os anunciantes sabem tudo a respeito disso. Se usarmos os métodos corretamente, obteremos os resultados esperados. As pessoas são muito crédulas, podemos levá-las a fazer qualquer coisa que quisermos. Estamos vivendo numa era de propaganda, uma era muito sugestionável. Mas métodos nunca são usados em avivamentos. Nunca. Leiam por si mesmos. Nada de multidões, banda, coro, nada disso. Nada de propaganda preliminar. Nada dessas coisas. E no entanto o avivamento acontece! Não pode ser explicado em termos de métodos que tenham sido usados, porque não foram usados”.⁴

“E TEMI”

Habacuque confessa estar alarmado com o que ouviu de Deus. Essa expressão do profeta está intimamente relacionada com sua primeira palavra – “Ouvi”. Na verdade, uma é conseqüência da outra: “Ouvi (...) e temi”. Na primeira, ele fala da constatação; na segunda, da sua reação a esta constatação. Sem uma não há a outra. Por isso muitos entendem esses dois aspectos como subdivisões de um mesmo princípio relacionado ao avivamento. Tal princípio foi denominado pelo reve-

rendo Lloyd-Jones de “o primeiro estágio de um avivamento”.

Com base no texto de Êxodo 33.4, o ilustre pregador afirmou categoricamente:

“O primeiro estágio, o primeiro passo para o avivamento, é compreender a situação (...) Esta, obviamente, é uma questão de importância decisiva. Não há esperança de avivamento longe disso. É um despertamento para uma situação. É uma consciência da seriedade da situação. É uma consciência das implicações do que Deus disse (...) Meus amigos, eu os desafio a ler a história de qualquer avivamento, qualquer registro que já foi escrito sobre qualquer grande movimento espiritual na história da Igreja, sem ver imediatamente que, sem exceção, isso sempre acontece.”

“Lembram-se no caso de Martinho Lutero, a crescente conscientização dos abusos da igreja na Idade Média, a venda de indulgências e outros abusos? Essa foi realmente a primeira questão que ele enfrentou. Antes mesmo de ter uma compreensão clara da doutrina da justificação pela fé, ele tomou consciência da espantosa condição da igreja, o pecado da igreja e sua condição vergonhosa, toda a idolatria que havia se infiltrado, que estava encobrindo a adoração do verdadeiro Deus e do Seu Filho, o Senhor Jesus Cristo. Lutero conscientizou-se disso (...) E este é, necessariamente, o primeiro estágio (...) Não há esperança de verdadeiro avivamento até que haja evidência disso pelo menos em certa medida. Este é o primeiro passo”.⁵

Disse o salmista: “O meu corpo se arrepiou com temor de ti, e temi os teus juízos” (Sl 119.120).

Esse reconhecimento da gravidade da situação é o que levou Habacuque a clamar por um avivamento. Da mesma forma, o avivamento só poderá acontecer quando reconhecermos a gravidade do opróbrio espiritual, do distanciamento de Deus, do pecado, a ponto de isso

“Todos os avivamentos foram marcados e conservados na atmosfera da oração, jejum, arrependimento, confissão espontânea, quebrantamento de espírito, humilhação diante de Deus e santidade”

nos alarmar, incomodar profundamente, revolver as entranhas da nossa alma e despertar em nós o clamor sincero e apaixonado.

“AVIVA, Ó SENHOR”

Apesar de existir quem defenda que a melhor tradução dessa passagem seria “preserva a vida” ou, no máximo, “chama à vida”, em vez de “aviva”, “reaviva” ou “renova”, a maioria dos tradutores prefere o contrário.

Os que defendem uma outra tradução justificam dizendo que o verbo usado aqui aparece em outras passagens bíblicas com força causativa, como são os casos de Gênesis 7.3, 19.32 e Deuteronômio 32.39. A *Nova Versão Internacional* traduz como “realiza de novo”, fazendo a mesma conexão que os outros tradutores fazem entre essa oração e seu contexto. É que, a partir do versículo 3, Habacuque se refere a gloriosas manifestações passadas de Deus que ele espera ver repetidas.

Na verdade, não há problemas de ver nessa passagem tanto a idéia de avivamento quanto de preservação, já que esta não encontra-se também fora de sintonia com o contexto. O contexto mais imediato pede “aviva”, mas o amplo admite “preserva”. Podemos até dizer que, posto que o profeta espera justamente que Deus preserve o seu povo em meio ao caos, “aviva” parece ser a tradução mais indicada. Logo, percebemos que as duas idéias se encaixam perfeitamente. O avivamento divino seria a forma de Deus preservar o seu povo.

Dessa forma, aprendemos aqui que só a ação de Deus, o avivamento espiritual, pode preservar o crente em meio ao caos, impedindo-o de ser levado e consumido pelo turbilhão das circunstâncias.

Outra grande lição é a da importância da oração. Se deseja-se avivamento, deve-se clamar “Aviva, ó Senhor!”

É impossível ocorrer um avivamento espiritual sem oração. A oração, como já afirmou um servo de Deus do passado, é a respiração da alma. Sem oração, a vida espiritual vai por água abaixo. Ela é uma questão de sobrevivência. Em épocas de crise, então, nem se fala. Por isso a oração do profeta.

Habacuque sabia que o povo de Deus havia pecado e por isso seria submetido ao juízo divino. Isso o levou a orar pedindo avivamento.

Portanto, nessa atitude do profeta, aprendemos outro princípio fundamental sobre o avivamento espiritual: sem oração, não há derramamento do Espírito Santo.

O profeta sabia que seu povo não sobreviveria se o Senhor não intervisse com uma nova manifestação do Seu Espírito. Somente assim a vida espiritual dos fiéis seria preservada, por isso o clamor. Tal fato fica ainda mais evidente quando Habacuque diz para que Deus, na ira, em meio à aplicação do seu juízo, não se esqueça da misericórdia. Ele está querendo dizer com isso que só a misericórdia divina poderá preservar o justo em tempos de aflição e angústia. Sem a Sua misericórdia, o povo haveria de perecer. Jeremias, em época de juízo, afirmou que a única coisa que trouxe esperança ao seu coração após a destruição de Jerusalém foi a misericórdia de Deus (Lm 3.21-23).

Portanto, se queremos sobreviver em meio à crise, precisamos de um avivamento. Só um avivamento faz com que vençamos a crise. Só a manifestação poderosa do Senhor em nossa vida nos faz resistentes e vencedores mesmo nas situações mais caóticas possíveis. Mas, por outro lado, um avivamento só é possível se aprendermos a valorizar a oração, porque sem oração não há avivamento. Logo, a melhor coisa a fazer diante do caos é... orar!

Se vemos em muitos lugares o caos imperando, devemos intensificar nossa oração. Todos os avivamentos da Bíblia e da história da Igreja foram marcados e conservados na atmosfera da oração, jejum, arrependimento, confissão espontânea, quebrantamento de espírito, humilhação diante de Deus e santidade. Hoje, não pode ser diferente.

Precisamos buscar a Deus e intensificar a nossa oração intercessória pela obra do Senhor, como fez Habacuque. Só assim a visitação de Deus voltará a ser uma realidade patente e freqüente na vida das igrejas.

14

ORANDO POR
AVIVAMENTO (3.2)
(2^a PARTE)

Conta-se que certa vez Christmas Evans, o famoso avivalista galês dos séculos 18 e 19, se envolveu em um embate doutrinário com um renomado e eloqüente orador. Evans se dedicou tanto àquela disputa que, ao final, acabou esfriando espiritualmente. Após alguns anos, ele já não sentia mais o poder de Deus derramado copiosamente sobre seu ministério. Segundo ele, o intenso desejo pela oração sumira de seu coração e até o gozo da vida cristã já se esvaíra.

Com o passar do tempo, crescia em seu coração a angústia decorrente desse arrefecimento, até que, vencendo sua letargia, jogou-se aos pés de Deus desesperado, em oração. Conta ele:

“Não podia continuar com o meu coração frio para com Cristo, sua expiação e a obra de seu Espírito. Não suportava o coração frio no púlpito, na oração particular e no estudo, especialmente quando me lembrava de que durante 15 anos o meu coração se abrasava como se eu andasse com Jesus no caminho de Emaús. Chegou o dia, por fim, que nunca mais esquecerei.”

“Na estrada de Dolgelly, senti-me obrigado a orar, apesar de ter o coração endurecido e carnal. Depois de começar a suplicar, senti como que pesados grilhões me caíssem e como que montanhas de gelo se derretessem dentro de mim. Com esta manifestação, aumentou em mim a certeza de haver recebido a promessa do Espírito Santo. Parecia-me que meu espírito inteiro fora solto de uma prisão prolongada ou como se

***“Enquanto
pensarem que
quem faz
avivamento são
pessoas, nunca
o avivamento
chegará.
Se deseja-se
avivamento,
deve-se reconhecer
que a obra não
é nossa, mas de
Deus. Dele é tanto
o querer quanto
o efetuar”***

estivesse saindo do túmulo num inverno muitíssimo frio. Correram-me abundantemente as lágrimas e fui constrangido a clamar e pedir a Deus o gozo da sua salvação, e que Ele visitasse, de novo, as igrejas em Anglesey, que estavam sob meus cuidados.”

“Tudo entreguei nas mãos de Cristo (...) No culto seguinte, senti-me como que removido da região estéril e frígida de gelo espiritual para as terras agradáveis das promessas de Deus. Recomecei, então, os primeiros combates em oração, sentindo um forte anelo pela conversão de pecado-

res, tal como tinha sentido em Leyn. Apoderei-me da promessa de Deus. O resultado foi que vi, ao voltar a casa, o Espírito operar nos irmãos de Anglesey”.

Após essa experiência, Evans viu o que a História registrou como o derramamento do Espírito Santo em Anglesey. O poder de Deus se manifestou como dilúvio sem precedentes nas vidas naquele lugar, tudo porque um homem de Deus decidiu não se acomodar espiritualmente. Ele creu que assim como Deus o usara no passado, poderia e queria usá-lo muito mais ainda naqueles que foram os últimos anos de sua vida e ministério.

Christmas Evans cria que Deus quer avivar a sua obra constantemente; que avivamentos não precisam ser tão esporádicos como muitos pensam; que eles não são uma experiência isolada na vida do crente, algo que não pode se repetir. Como Habacuque, ele acreditava que a chama do Espírito Santo nos corações poderia resistir às armadilhas dos anos, e no meio dos anos se intensificar. Para isso, basta que o homem se entregue totalmente, sem reservas, a Deus, e reconheça que quem faz a obra é o Senhor, não os homens. Estes são apenas seus instrumentos.

“A TUA OBRA”

Muitas vezes, o crente é tentado a crer que a obra de Deus prospera por causa dele. Esse é um grande erro. Se ela prospera, é por causa do Dono da obra.

Às vezes, quando o homem de Deus prega ou canta e o poder de Deus se manifesta, ele é tentado a pensar que o êxito do sermão ou da mensagem cantada naquele dia se deve à sua eloquência ou coisa parecida. Se isso não acontece com ele, pode, no entanto, vir a acontecer com seus ouvintes.

Infelizmente, não são poucos os que pensam que o culto é abençoado se fulano ou beltrano pregar ou cantar. Porém, a Bíblia nos diz que quem faz tudo é Deus. Sem Ele, nada somos ou temos.

Enquanto as pessoas pensarem que quem faz avivamento são pessoas, nunca o avivamento chegará. Se deseja-se avivamento, deve-se reconhecer que a obra não é nossa, mas de Deus. Dele é tanto o querer quanto o efetuar.

Devemos orar como o profeta: “Aviva, Senhor, *a Tua obra*. A obra é Tua. Tu és o Dono dela. Tu és o Senhor. Sem ti, nada podemos fazer. Sem ti, todos os nossos esforços serão inúteis. Portanto, faz, Senhor, através de nós. Pela tua infinita graça, usa-nos. Somos apenas mordomos, instrumentos, porta-vozes, servos. És Tu quem opera tudo através de nós, por isso oramos a Ti”.

Escrevendo aos Efésios, Paulo afirma: “Ora, Àquele que é poderoso para fazer tudo muito mais abundantemente além daquilo que pedimos ou pensamos, segundo o poder que em nós opera, a Esse glória na Igreja, por Jesus Cristo, em todas as gerações, para todo o sempre. Amém” (Ef 3.20,21).

Ora, quando reconhecemos que a obra é de Deus, conscientizamo-nos de que só Ele, portanto, tem poder para avivá-la. Quando penso que ela é minha, estribo-me em minhas próprias habilidades e, claro, falho. É impossível que haja avivamento sem o reconhecimento de que a obra é de Deus.

Obviamente, o fato de que é o Senhor quem aviva não deve levar-me à acomodação. Não devo raciocinar assim: “Se é Deus quem faz, que Ele o faça”. Isso é sandice. Ele faz, mas através de nós. Como diz Paulo, “segundo o poder que em nós opera”. O problema, porém,

“Avivamento é uma ação divina que pode ocorrer não apenas em um período estanque da História ou da nossa vida, mas constantemente”

*“A vida do crente
não precisa ser
marcada por
descidas abissais
pontuadas por
momentos
de refrigério.
Há momentos
áridos, mas
o orvalhar
da graça de Deus
pode ser mais
constante do
que se imagina”*

está em crermos que porque Deus opera por meio de nós, logo somos os autores do avivamento. Tal pensamento acaba tornando-nos instrumentos ineficazes nas mãos de Deus.

Alguém só é um instrumento eficaz nas mãos do Senhor quando admite sua total dependência de Deus e entrega-se absolutamente nas mãos dEle. O grande evangelista Dwight Lyman Moody, o homem que mais almas ganhou para Jesus no século 19, começou a ser usado po-

derosamente por Deus quando foi despertado pela mensagem de um pregador, que dizia: “O mundo ainda está para ver o que Deus pode fazer com, para e pelo homem totalmente a Ele entregue”. Moody ouviu essas palavras e orou sinceramente: “Senhor, eu quero ser esse homem!” Deus espera o mesmo de nós.

“NO MEIO DOS ANOS”

A Septuaginta traz nesse trecho a tradução “no meio das duas criaturas”. Trata-se de uma interpretação distorcida que se baseia em uma declaração de um evangelho apócrifo, atribuído falsamente a Mateus, que considerada essa trecho de Habacuque como uma profecia sobre o nascimento de Cristo. Segundo esse texto apócrifo, essas palavras do profeta explicariam “o boi e o asno nas gravuras convencionais natalinas, perto do Salvador infante”.² Tal interpretação é absolutamente forçada e absurda.

Porém, há também os que interpretam “no meio dos anos” como uma referência profética ao início da Era Cristã, encetada pelo nascimento de Cristo. A expressão diria respeito ao período da História que divide o Velho e o Novo Testamentos. Essa vertente é minoritária. Tal interpretação era muito comum nos antigos comentários bíblicos, mas hoje está praticamente descartada.

O que a maioria esmagadora dos expositores acredita é que aqui o profeta pede a Deus que Ele aja no decorrer dos anos, castigando e restaurando o seu povo, disciplinando-o e curando suas feridas.

Avivamento, portanto, é uma ação divina que pode ocorrer não apenas em um período estanque da História ou da nossa vida, mas constantemente. Claro que haverá momentos de nossa trajetória de vida cristã que serão mais ricos espiritualmente do que outros, todavia a vida do crente não precisa ser marcada por descidas abissais de profunda aridez pontuadas por alguns momentos de refrigério. Há momentos áridos, mas o orvalhar da graça de Deus pode ser mais constante do que se imagina.

O caudal do Espírito em nós pode ser muito mais comum do que se imagina. A Bíblia diz que o homem interior é renovado (ou deve ser renovado) de dia em dia (2Co 4.16). Diz Paulo que a vida do crente tem momentos difíceis que o abatem, mas a regra é a alegria (Fp 4.4 e 1Ts 5.16,19). Ele frisa que o Reino de Deus é justiça, paz e alegria no Espírito Santo (Rm 14.17).

Se você tem vivido até hoje uma vida cristã rarefeita, saiba que Deus não reservou para você essa qualidade de vida espiritual. Deus quer te dar vida, e vida em abundância (Jo 4.13-14; 7.37-38 e 10.10).

“NO MEIO DOS ANOS A NOTIFICA”

Essas palavras de Habacuque revelam o desejo do profeta de que a ação divina sobre seu povo se intensificasse com o passar dos anos, de tal forma que fosse evidenciada para todos. O intento do profeta é ver a mão de Deus agindo de novo poderosamente na vida dos judeus, fazendo conhecidas entre as nações as maravilhas do Senhor no meio do seu povo.

Assim como foram notórios os milagres no Egito e no deserto, despertando o temor das cidades ao redor, Habacuque esperava uma futura visitação contínua e crescente de Deus sobre os israelitas, ao ponto de equiparar-se àqueles dias memoráveis de vitória e glória.

Assim também devemos ser quando orarmos por avivamento. Quando um avivamento vem sobre a Igreja, todo o mundo volve seus

“Não há avivamento sem a consciência da ira divina, porque só há arrependimento com a conscientização da miserabilidade e abominação do pecado, que são percebidas quando olhamos o pecado com os olhos de Deus”

olhos para o povo de Deus e a mensagem divina. Multidões se convertem, milagres acontecem em profusão, espantando os incrédulos, e grandes são os sinais. Podemos ver isso na história da Igreja Primitiva em Atos dos Apóstolos e no decorrer da História.

Quem não se lembra da Reforma Protestante? Ou do avivamento inglês do século 18, com os irmãos João e Carlos Wesley, e George Whitefield, acontecimento também conhecido como “Despertamento

Evangélico”? E o Grande Despertamento do século 18 nos Estados Unidos? E o Avivamento de 1859 na Irlanda, que varreu parte da Europa e produziu grandes reflexos nos Estados Unidos? E o Movimento Pentecostal, encetado na virada do século 19 para o 20?

Precisamos em nossos dias de mais dessas visitas profundas de Deus, manifestações que não só renovam vidas e avivam igrejas, mas também despertam nações.

“NA IRA”

Ao mencionar a ira divina em sua oração, Habacuque nos ensina que não há avivamento sem a consciência do juízo divino, sem a percepção de que Deus julga e está julgando. Em outras palavras, não há reavivamento sem o reconhecimento da ira de Deus.

Não é à toa que em nossos dias pouco se fala da ira de Deus. Falar de Deus como Juiz não traz popularidade. É gostoso se referir a Deus como Pai, e tal coisa não deve nunca ser esquecida, mas igualmente importante é considerarmos o fato de que o Senhor também é fogo consumidor. Ele é amor, mas também é justiça.

Paulo instruiu-nos a considerarmos tanto a bondade quanto a severidade de Deus: “Considera, pois, a bondade e a severidade de Deus. Para os que caíram, severidade; mas para contigo, a benignida-

de de Deus. De outra maneira, também tu serás cortado. E também eles, se não permanecerem na incredulidade, serão enxertados, porque poderoso é Deus para os tornar a enxertar” (Rm 11.22-23).

O Grande Despertamento do século 18, que teve como grande nome, sem dúvida, o reverendo Jonathan Edwards, começou na Nova Inglaterra com um sermão sobre a ira divina pregado por este célebre líder. O título da mensagem era “Pecadores nas mãos de um Deus irado”. Foi essa dura (mas ungida) palavra que despertou os que encontravam-se imersos em letargia espiritual e provocou um incêndio espiritual que sacudiu os Estados Unidos na época.

O que leva as pessoas a negligenciarem a ira de Deus, ressaltando apenas seu amor, apesar de a Bíblia falar tanto de uma coisa quanto de outra como de suma importância? O teólogo James Packer responde com brilhantismo:

“A verdade, sem dúvida alguma, é que o assunto da ira divina no passado foi usado especulativa, irreverente e mesmo maldosamente. Não há dúvida que houve quem pregasse sobre a ira e a maldição com os olhos secos e sem nenhum sentimento em seu coração. O fato de pequenas seitas menores enviarem com alegria o mundo todo para o inferno, com exceção delas mesmo, com razão desagradou a muitos.”

“Entretanto, se queremos conhecer a Deus, é vital que enfrentemos a verdade a respeito de sua ira, não importa quanto fora de moda possa estar, ou quão forte tenha sido nosso preconceito contra ela. De outro modo, não entenderemos o Evangelho de salvação da ira, nem a realização propiciatória da cruz, nem a maravilha do amor redentor de Deus. Nem ainda entenderemos a mão de Deus na História e sua ação entre o nosso povo, nem saberemos o que pensar sobre o Apocalipse, nem o nosso evangelismo terá a urgência imposta por Judas: ‘Salvai alguns, arrebatando-os do fogo’ (v23). Nem ainda nosso conhecimento de Deus ou culto a Ele estará de acordo com sua Palavra.”

Na seqüência, Packer cita o teólogo A.W. Pink:

“A ira de Deus é a perfeição do caráter divino sobre o qual precisamos meditar frequentemente.”

“Primeiro, para que nossos corações possam ficar devidamente impressionados com o ódio de Deus pelo pecado. Temos a tendência

de dar pouca atenção ao pecado, encobrir sua hediondez, desculpá-lo; mas, quanto mais estudamos e pensamos no horror que Deus tem pelo pecado e sua terrível vingança sobre ele, estaremos mais aptos a compreender a sua infâmia.”

“Segundo, criar o verdadeiro temor a Deus em nossas almas para que ‘retenhamos a graça pela qual sirvamos a Deus com reverência e piedade, porque o nosso Deus é um fogo consumidor’ (Hb 12.28-29). Não podemos servi-LO ‘aceitavelmente’ a menos que haja *reverência* por sua impressionante majestade e *temor* por sua justa ira, e tudo fica mais fácil quando nos lembramos freqüentemente que ‘nosso Deus é um fogo consumidor.’”

“Terceiro, levar nossas almas a um fervente louvor (a Jesus Cristo) por Ter-nos livrado da ‘ira vindoura’ (1Ts 1.10). Nossa presteza ou relutância em meditar sobre a ira de Deus torna-se um teste seguro para saber se nossos corações estão realmente dedicados a Ele”.

Em seguida, Packer arremata: “Pink está certo. Se nós quisermos conhecer verdadeiramente a Deus e ser conhecidos por Ele devemos pedir-lhe que nos ensine a considerar a solene realidade de sua ira”.³

Faço coro às palavras do renomado doutrinador. Não poderemos ter uma visão correta do pecado, e assim conhecer a Deus mais perfeitamente, se não considerarmos Sua ira. E, por extensão, não há avivamento sem a consciência da ira divina, porque só há arrependimento com a conscientização da miserabilidade e abominação do pecado, que são percebidas quando olhamos o pecado com os olhos de Deus.

“LEMBRA-TE DA MISERICÓRDIA”

Assim como não há avivamento sem reconhecimento do juízo divino, não há avivamento sem a visão da misericórdia de Deus. A visão da ira de Deus deve ser seguida pela revelação da graça divina. Essa conexão é indispensável em um genuíno avivamento.

“Na ira, lembra-te da misericórdia”. Habacuque sabia que após fazer a ferida, Deus aplica a cura. Isso porque, para que o vaso de barro seja usado, primeiro tem que ser concertado; e para ser concertado, deve antes ser quebrado. E somente após ser amassado, ele é restaurado.

Um avivamento é uma demonstração tremenda da misericórdia de Deus.

Quando a terra está ferida pelo juízo divino, sem produzir; quando nossos pecados pesam sobre nós, esmagando-nos; quando não há esperança aos olhos humanos; quando tudo ao redor parece “sem forma e vazio”, morto e gélido, e então nos lançamos ao chão em clamor, liquefazendo-nos humildemente diante dos Céus, Deus ouve e atende. Ele abre as comportas celestiais e derrama sobre nossa vida catarata de gozo, chuva de misericórdia. Ele prometeu: “Se o meu povo, que se chama pelo meu nome, se humilhar, e orar, e se converter de seus maus caminhos; então, eu ouvirei dos céus, perdoarei os seus pecados e sararei a sua terra” (2Cr 7.14).

Talvez você se sinta assim, como uma terra árida. Sua vida espiritual nunca mais foi a mesma. Talvez foram as preocupações da existência ou o formalismo. Talvez foram seus pecados que destruíram sua vida espiritual, e o juízo de Deus pesou sobre seus ombros, fazendo você murchar. Seja como for, o solo de seu coração está muito seco e rachado.

Se essa é sua situação, saiba que é hora de experimentar mais uma nova revelação do amor de Deus, fluindo como caudal sobre sua vida.

Se você está mesmo disposto a ser restaurado, basta clamar sinceramente, jogar-se nos braços do Pai celestial, e Ele vai perdoar e restaurar você. Ele derramará o orvalhar de sua graça sobre sua vida. Mas isso é só o começo. Um rio de misericórdia invadirá sua alma, um dilúvio da graça de Deus vai purificar, fertilizar e abençoar o seu coração. Basta crer e aceitar.

Ele promete. Ele o fará.

“Um avivamento é uma demonstração tremenda da misericórdia de Deus”

15

A TEOFANIA (3.3-15)
(1^a PARTE)

O que você faria se seu filho estivesse sendo afligido, fustigado, perseguido, correndo perigo? Qual seria sua atitude? Com certeza, seria algo contundente. Agora, imagine o que Deus faria para socorrer seus filhos, a quem Ele comprou com seu próprio sangue, derramado na cruz do Calvário. E, indo um pouco mais adiante nesta reflexão, imagine o que Deus faria com aqueles que perseguem e maltratam seus filhos aqui na Terra.

É bem verdade que muitas vezes Deus permite que seus filhos passem por muitas aflições e até morram pelo Seu Nome. Inclusive, às vezes pode parecer até que Ele não se importa e ignora o perseguidor. Sabemos, porém, que aquilo que o homem semeia, um dia, certamente, colherá. “Não vos enganeis: de Deus não se zomba, pois aquilo que o homem semear, isso também ceifará” (Gl 6.7). Portanto, nunca lhe ocorreu descobrir exatamente o que Deus fará com os que hoje afligem o seu povo? Que recompensa terão?

Se você quer saber, prepare-se, pois o que você vai ver agora é a exposição forte e vívida do que Deus faz em favor dos seus filhos, e vista por um homem que estava ansioso em saber o que Ele iria fazer contra os opressores do seu povo. É a ira divina manifesta sobre aqueles que tocam na “menina do seu olho” (Zc 2.8).

“Habacuque está recebendo a revelação sobre uma repetição da operação divina que está para acontecer em favor do seu povo, como resposta à oração por avivamento”

UMA VISÃO EXTRAORDINÁRIA DO SALVAMENTO DIVINO

Por que chamamos essa passagem (Hc 3.3-15) de teofania? Teofania vem do grego e quer dizer “manifestação divina”, e é justamente o que é descrito por Habacuque aqui. Isso significa que o que o profeta passa a descrever trata-se de algo

extraordinário. E realmente é! Trata-se de Deus em ação, vingando e protegendo o seu povo. É o Senhor se levantando e marchando para salvamento dos seus.

Essa manifestação é tão marcante que sua descrição é marcada por três “Selá”, que aparecem nos versículos 3, 9 e 13. Até hoje não se sabe exatamente o que significa essa expressão, mas os comentaristas são unânimes em afirmar que com certeza trata-se de um comando litúrgico para determinados instrumentos de música entrarem em ação, provavelmente para levantar o tom musical. É que “Selá” aparece em profusão nos salmos e a raiz desse vocábulo hebraico indica a idéia de “exaltar”, “erguer”, “levantar”.

Assim, quando Habacuque começa a falar da teofania no verso 3, os instrumentos aumentam o tom musical, em reverência ao que é dito na descrição do profeta, imprimindo um tom de majestade ao que é declamado ou cantado. No verso 9, quando fala-se do juramento de Deus ao povo, vemos outro interlúdio musical. E, por fim, no versículo 13, quando fala-se do salvamento promovido pelo Senhor, novo interlúdio.

Os tempos dos verbos nessa passagem (3.3-15) não são claros. Habacuque pode tanto estar se referindo ao passado, quanto ao presente ou futuro. De forma geral, acredita-se, tendo como base a oração do versículo 2, que o profeta lembra (ou é lembrado por Deus através de uma visão) das antigas e gloriosas experiências de Israel como maneira de descrever a libertação ainda mais poderosa que o povo experimentará no futuro. Logo, apesar desse texto poético des-

crever manifestações antigas de Deus, há um pouco de originalidade nessa descrição, algo novo, que nos leva naturalmente a perceber que ele se relaciona tanto ao pretérito quanto ao futuro.

Provavelmente as referências de Habacuque são o relato do Êxodo e ainda, talvez, da vitória sobre os cananeus no Rio Quisom, narrada em Juízes 4 e 5.

Há características nessa descrição poética do profeta que nos fazem atinar para o fato de ele estar se referindo também a algo do futuro: “O profeta fala, por exemplo, de montanhas retorcendo-se e fragmentando-se, e também de uma exibição de brilhante resplendor que encheu a terra e o céu. É melhor considerar todo o panorama de perturbações cósmicas, que são o resultado da presença de Deus, como sendo parte da visão do profeta”.¹

Ou seja: por mais que cada detalhe descritivo tenha como ponto de partida operações divinas passadas, como veremos mais detidamente, devido à forma como esses detalhes são apresentados (com descrições que superam em grandiosidade a narrativa bíblica desses fatos históricos), percebe-se que eles também apontam para algo mais adiante, que está para acontecer.

Não há dúvidas, portanto, que estamos não só diante de uma lembrança gloriosamente reeditada por Deus para o profeta a fim de reanimar-lhe a esperança, mas também de uma revelação com conteúdo preditivo.

“DEUS VEM DE TEMÃ (...) DE PARÃ” (3.3)

Habacuque ainda estava orando, pedindo a manifestação divina, quando, de repente, algo de extraordinário lhe é revelado. Em suas palavras, são coisas que ele vê e ouve, e tão impressionantes que impactam sua vida. O profeta volve-se para ver o que é e, pelos olhos do espírito, avista luzes e sons terríficos. Uma apoteose de glória, uma marcha de majestade. Algo quase indescritível.

“Deus veio de Temã, e o Santo do monte de Parã (Selá). A Sua glória cobriu os céus, e a terra encheu-se do seu louvor”, Hc 3.3.

Você deve estar se perguntando: “Ora, é ‘Deus *veio*’ ou ‘Deus *vem*?’” É que adotei aqui a versão mais popular, a Revista e Corrigida de Almeida, que prefere o texto no passado. Como já dissemos, não se sabe ao certo se Habacuque está apenas descrevendo algo que já aconteceu ou alude a uma antevisão de uma operação futura, devido ao tempo dos verbos nessa passagem, porém a melhor interpretação, aceita por mim e a maioria dos expositores bíblicos, é a de que ele está vendo as duas coisas.

Habacuque está recebendo a revelação sobre uma repetição da operação divina que está para acontecer em favor do seu povo, como resposta à oração por avivamento – “Torna a realizar o que fizeste no passado, ó Senhor!”. Isso pode ser melhor compreendido se analisarmos as referências a “Temã” e “Parã”.

O que significa “Deus vem *de Temã (...)* do monte de Parã”? A mensagem dessa teofania é entendida quando atentamos para a importância de Temã e de Parã para o povo judeu.

Parã é uma região montanhosa situada no chamado Golfo de Aqabah, entre o Sinai (Dt 33.2) e Edom. Trata-se de uma região deserta a oeste do Arábá e próxima do tradicional sítio do Monte Sinai. Temã, por sua vez, era um distrito ao sul de Edom, e ao leste de Parã, onde encontrava-se a rochosa fortaleza edomita. Era uma espécie de capital-fortaleza de Edom, tão significativa que referir-se a Temã significava aludir à própria Edom como um todo, como pode-se ver em Amós 1.11,12.

Débora, em seu célebre cântico, refere-se à ação de Deus naquela mesma região por ocasião de uma grande vitória de Israel (Jz 5.4,5). Champlin esclarece a importância dessa informação geográfica: “Yahweh vinha de vários lugares (e até de todos os lugares) para ajudar o seu povo. Elias foi buscar ajuda divina nos locais citados, que eram o berço da fé religiosa de Israel (Dt 33.2). Poeticamente falando, o profeta falava da área geral do Monte Sinai, onde Israel havia sido dado à luz (mediante a Lei) como nação distintiva (Dt 4.4-8)”².

Portanto, esse advento da manifestação divina em socorro do seu povo, partindo da região do Sinai, é uma clara alusão a duas coisas: ao pacto que Deus fizera com seu povo e à operação divina manifesta tremendamente a Israel na região do Sinai. Quem não se lembra dos

relâmpagos e trovões que faziam estremecer o Sinai (Êx 19.1-3 e 20.18-21)? E do resplendor da glória de Deus, compartilhada com Moisés, cuja face ficou brilhando ao descer do monte depois de 40 dias na presença de Deus (Êx 34.29,30)?

O *Novo Comentário da Bíblia* frisa a importância dessa referência geográfica para a memória espiritual do povo judeu: “Deus é representado aproximando-se do Juízo vindo do distrito onde Israel não só experimentara sua graça redentora, mas também fizera aliança com Ele. Também foram os distritos nos quais algumas das gerações incrédulas pereceram”.³ O significado, então, é: “Assim como eu agi no passado, com poder e glória, no dia do nascimento de Israel, no dia do Pacto, e protegi o meu povo no deserto e em Canaã, Eu me manifestarei de novo, livrando meus filhos do mal”. Claro que essa promessa é para os fiéis, porque Deus só tem compromisso com aqueles que têm compromisso com Ele.

Um outro detalhe denota ainda mais a grandeza, majestade e importância dessa manifestação divina. Deus, aqui, é, no original hebraico, *Elohim*. Champlin destaca muito bem a importância dessa apresentação divina no contexto da passagem: “Note o nome divino aqui usado: *Elohim*, o Poder, capaz de ajudar seu povo em qualquer necessidade. Então, Ele é chamado de Aquele que preenche toda a terra e é louvado universalmente”.⁴

Sim, a majestade de *Elohim* é tão grandiosa, eloqüente e irresistível, que preenche toda a Terra. O vocábulo “louvor”, nesse versículo, não diz respeito à glorificação do povo de Deus ou dos povos em redor. É atinente à excelência e à majestade divinas, que despertam o louvor de toda a Criação.

Qual é, então, a primeira grande lição dessa passagem?

O primeiro grande ensinamento é que não importa quão tre-

“O advento da manifestação divina em socorro do seu povo, partindo da região do Sinai, é uma clara alusão a duas coisas: ao pacto que Deus fizera com seu povo e à operação divina manifesta tremendamente a Israel na região do Sinai”

“Uma aliança foi firmada desde o dia em que você se entregou a Deus, e o Senhor tem compromisso com aquele que tem compromisso com Ele”

mendo seja o caos estabelecido à sua volta, quão grande seja o estrago feito pelos teus inimigos, quão difíceis sejam os obstáculos construídos: *Se você for fiel, Deus virá te socorrer, porque Ele fez um pacto contigo.*

Uma aliança foi firmada desde o dia em que você se entregou a Ele, e o

Senhor tem compromisso com aquele que tem compromisso com Ele.

Deus virá em teu auxílio, porque Ele vela pela sua Palavra para a cumprir (Jr 1.12). O ponto de partida de Sua intervenção é justamente o pacto que Ele firmou com você. Deus garante que julgará os seus inimigos. Ele jurou isso diante do seu povo, Israel (Dt 32.39-43), e promete o mesmo a seus filhos hoje (Rm 12.17-19). Não se preocupe em vingar o mal. Ore pelos que perseguem você. Responda o mal com o bem, e deixe Deus julgar a sua causa. “A vingança é do Senhor”.

Quando entregamos a situação nas mãos do Senhor, Ele toma as rédeas e se levanta em nosso auxílio. E, quando Deus se levanta, a sua glória vai adiante de si, abrindo portas onde não existem portas, caminhos onde não há caminhos, despedaçando grilhões, expulsando as trevas, alagando os lugares secos, removendo o inamovível, criando o impossível, transformando o incrustado, dissolvendo o insolúvel. Ao nosso redor, tudo “se enche de louvor”, ou seja, se rende à operação divina. Porque não há nada, absolutamente nada, que resista à operação de Deus.

“Se Deus é por nós, quem será contra nós?” (Rm 8.31).

O AVANÇAR DE DEUS EM PROL DO SEU POVO (3.4,5)

Veja a tremenda manifestação divina, o seu poder em ação:

“E o seu resplendor era como a luz, raios brilhantes saíam da sua mão, e ali estava o esconderijo da sua força. Adiante dele ia a peste, e raios de fogo sob os seus pés. Parou, e mediu a terra; olhou, e separou as nações, e os montes foram esmiuçados, os outeiros eternos se

encurvaram; o andar eterno é seu. Vi as tendas de Cusã em aflição; as cortinas da terra de Midiã tremiam”, Hc 3.4-7.

Os “raios brilhantes” de que fala o versículo 4 talvez sejam uma alusão a Êxodo 20.18. Porém, deve-se frisar que a frase “o seu esplendor era como a luz”, conforme salienta Champlin, traz, no original hebraico, a idéia de sol nascente. “Esses raios emanavam de ambos os lados. O centro de onde vinha esse brilho, parecido com o sol, era o esconderijo do poder de Deus” (*Comentário Bíblico Moody*).

A *King James Version* traduz “raios brilhantes saíam de suas mãos” como “Ele tinha chifres saindo de suas mãos”. Segundo os especialistas, a razão dessa variação nas diversas traduções é que o vocábulo hebraico “chifres” também é utilizado para descrever raios de luz.

Explica Champlin: “O original hebraico é controvertido. Alguns estudiosos pensam que os ‘chifres’ são cachos de cabelos, os quais, como os cachos de Salomão, fazem alusão à Sua força. O mais provável, entretanto, é que devamos pensar nas trovoadas causadas pelos relâmpagos que saem das mãos de Deus (...) Quando o sol apareceu no horizonte, o profeta acompanhou os raios que ele viu sair da mão de Deus. Geralmente, pinta-se o sol nos desenhos com raios, como se formassem uma cabeleira, estendendo-se em todas as direções. Luz e calor, que sustentam a vida inteira, saem de uma grande bola de fogo, e aqui Deus aparece como o Sol espiritual”.⁵

É interessante notarmos isso. Quando Habacuque volta-se para ver a teofania, a primeira coisa que ele vê, além de impressionar-se com o som da presença divina se aproximando, é uma grande luz. Deus vem como o sol ao amanhecer.

Portanto, se a primeira lição dessa manifestação divina em prol do seu povo é que ela surge como reflexo do pacto de Deus com seus filhos, a segunda é que *Ele virá em nosso favor como o sol pela manhã*. Tal manifestação lembra-nos três passagens belíssimas do livro de Salmos.

“Porque a sua ira dura só um momento; no seu favor está a vida; o choro pode durar uma noite, mas a alegria vem pela manhã”, Sl 30.5.

“Há um rio cujas correntes alegram a cidade de Deus, o santuário das moradas do Altíssimo. Deus está no meio dela; não será aba-

***“Não se preocupe
em vingar o mal.
Ore pelos que
perseguem você.
Responda o mal
com o bem, e deixe
Deus julgar a sua
causa. ‘A vingança
é do Senhor’”***

lada; *Deus a ajudará ao romper da manhã*”, Sl 46.4,5.

Nesses salmos de Davi e dos filhos de Corá, respectivamente, é afirmado que não importa quão difícil seja a noite que nós, servos de Deus, estivermos atravessando: Quando amanhecer, o socorro virá! Quando surgirem os primeiros raios do sol, a luz de

Deus estará raiando sobre nossa vida, dissipando as densas trevas.

O Senhor virá a nós para nos socorrer tão certo quanto o sol pela manhã. Ou melhor: Ele virá como o sol nascente. Tão certo quanto amanhã será um novo dia, pode olhar para o horizonte da sua vida com esperança, porque o sol de Deus vai se levantar para alumiar completamente a sua vida.

Outra bela passagem está em Salmos 84.11,12: *“Porque o Senhor Deus é um sol e escudo: o Senhor dará graça e glória; não negará bem algum aos que andam na retidão. Senhor dos Exércitos, bem-aventurado o homem que em ti põe a sua confiança”*.

Nesse salmo para os filhos de Corá, lemos que aquele que confia no Senhor será protegido por Ele. Deus virá para o auxiliar como um sol e escudo. A luz de Deus em nossa vida nos protege e preserva. Todas que pelejarem contra ela perecerão.

Tal figura também nos lembra o Messias, Jesus Cristo, que na profecia de Malaquias é chamado de sol que vem em salvamento do povo de Deus e garantirá a vitória da justiça sobre a impiedade. *“Mas para vós, que temeis o meu nome, nascerá o sol da justiça, e salvação trará debaixo das suas asas; e saireis e crescereis como os bezeros do cevadouro. E pisareis os ímpios, porque se farão cinza debaixo da planta de vossos pés naquele dia que farei, diz o Senhor dos Exércitos”*, Ml 4.21,3.

É interessante que, tanto no texto de Salmos 84 quanto de Malaquias 4, Deus é chamado de “Senhor dos Exércitos”, e nessa teofania de Habacuque Ele aparece marchando sobre a terra para julgar os ímpios e livrar o seu povo. Nesse sentido, a marcha divina

também pode ser comparada a uma tempestade que se inicia no sul e cai sobre a Palestina e vizinhos. E aqui chegamos à terceira lição dessa teofania: *O que para o povo de Deus é uma mensagem de esperança é juízo divino sobre os inimigos do povo do Senhor.*

Nos versículos 5 a 7, sentimos como é tremendo o juízo divino. O verso 5 fala, por exemplo, de “peste”, que fala de destruição, e “raios de fogo”, que alude a algo devorador. “São fenômenos que acompanham o aproximar-se do Senhor, como os relâmpagos e os trovões acompanham o aproximar-se de uma tempestade. Talvez o profeta veja a criação animada murchando diante de Deus, como se fosse ferida por um vento pestilento. Deixa um caminho chamuscado, como se fosse cauterizado pelo fogo”.⁶

Assim, Aquele que alumia seu povo amaldiçoa e castiga a impiedade. Vemos um claro exemplo disso nas dez pragas do Egito (Êx 7-13). O mesmo Deus que estava no Egito protegendo seu povo castigava o opressor egípcio. Onde estava o povo de Deus, luz; onde estavam os egípcios, trevas. Onde estava o povo de Deus, saúde; onde estavam os ímpios, pestilência. Onde estava o povo de Deus, vida; onde estava o opressor, morte.

A INTERRUPÇÃO (3.6,7)

No versículo 6, lemos “Ele parou”. O que teria interrompido a marcha divina? O texto diz que Ele pára com o objetivo de “medir a terra”, examiná-la. Segundo alguns comentaristas, “para determinar a espécie e grau de juízo a ser administrado”. Mas há uma outra interpretação, que nos traz uma quarta lição sobre a ação de Deus em favor do seu povo.

Habacuque estaria, segundo um grupo de intérpretes, mencionando a divisão de Canaã, das terras conquistadas. Seria uma referência às divisões das tribos. Isso nos levaria a uma quarta lição: *a providência divina em nosso favor inclui não só a derrocada e o desterramento do mal, mas também a inclusão do seu povo.* Interpretando na perspectiva do futuro de Israel, estaríamos falando também da volta, do retorno e, por fim, da restauração completa.

“Deus leva muito a sério o que intentam e fazem contra seu povo. Portanto, apesar do caos à sua volta, permaneça fiel e descanse na providência divina, porque, no tempo certo, Ele se levantará com poder para julgar a sua causa”

É bem verdade que alguns preferem a tradução “e faz tremer a terra” a “mediu a terra”. A Septuaginta, por exemplo, prefere “tremar”, dando a entender que houve um terremoto após os trovões do versículo 5, o que também lembra muito o clangor estremecedor da trombeta em Êxodo 20.18. Porém, devemos frisar que, segundo os estudiosos, a idéia de “medir” também é possível, já que o vocábulo aqui, no original, leva às duas interpretações. É que as

raízes de “medir” e “tremar” no hebraico seriam extremamente parecidas, praticamente iguais, o que leva a duas traduções diferentes.

Os que preferem “tremar” reforçam-se ainda na continuação do versículo 6, onde lemos sobre “separar (no original, “sacudir”) as nações”, “esmiuçar os montes” e “encurvar os outeiros”. No entanto, os que sustentam que caberia “medir” nesse contexto lembram que essas expressões que se seguem apontam poética e claramente para os altos poderes humanos se submetendo ao juízo do Senhor.

O final do verso 6 enfatiza a beleza do andar divino: “O andar eterno é seu”. Ninguém age e opera como o nosso Deus. Seu jeito de fazer e agir é incomparavelmente incomparável. Ele é original e inigualável em tudo que faz, e tudo o que faz traz consigo valores e lições eternos, porque Ele é justo e a eternidade lhe é própria.

O versículo 7 revela com mais dramaticidade a aflição dos ímpios, ao falar da aflição das tendas de Cusã e o do tremor das cortinas em Midiã. Embora Cusã seja identificada geralmente como a Etiópia, é mais lógico vê-la como uma das regiões por onde os midianitas peregrinavam. Fortalece essa idéia o fato de Zípora, midianita e mulher de Moisés, ser chamada de cusita (Êx 2.15,16,21; Nm 12.1). A maioria acredita que Cusã seja referência a uma tribo midianita ou árabe. Porém, há ainda quem pensa que Habacuque tem em mente Cusã-Risataim, rei da

Mesopotâmia, na Síria, conhecido por ter sido o primeiro opressor de Israel em Canaã (Jz 3.8,10). Por fim, há quem veja aqui uma alusão ao ribeiro de Quisom (Jz 4.7), o que parece pouco provável.

Uma outra tradução do versículo 7 seria “As tendas de Cusã foram rasgadas em pedaços”. Seja como for, o texto mostra a ira de Deus em ação de uma forma espantosa, o que nos leva a exclamar: Ai de quem oprime o povo do Senhor! Quem faz isso, não sabe com quem está lidando.

Quem persegue o povo de Deus persegue o próprio Deus. Paulo descobriu isso logo, e só escapou porque aceitou a proposta divina (At 9.4-9,17,18).

Deus leva muito a sério o que intentam e fazem contra seu povo. Portanto, apesar do caos instalado à sua volta, permaneça fiel e descanse na providência divina, porque, no tempo certo, Ele se levantará com poder para julgar a sua causa.

“Por causa da opressão dos pobres e do gemido dos necessitados, me levantarei agora, diz o Senhor; porei a salvo a quem por isso suspira” (Sl 12.5).

16

A TEOFANIA (3.3-15)
(2^a PARTE)

É impressionante o que Deus faz em favor dos seus filhos. Que o diga o evangelista Carlos Inglis, notório pregador do século 19. É dele o relato que se segue.

“Quando vim pela primeira vez à América, faz trinta e um anos, o comandante do navio era devoto tal qual jamais conheci. Quando nos aproximamos da Terra Nova, ele me disse: ‘Senhor Inglis, a última vez que passei aqui, há cinco semanas, aconteceu uma coisa tão extraordinária que foi a causa da transformação de toda a minha vida de crente. Até aquele tempo eu era um crente comum. Havia a bordo um homem de Deus, o senhor George Müller, de Bristol. Eu tinha passado 22 horas sem me afastar da ponte de comando, nem por um momento, quando fui assustado por alguém que me tocou no ombro. Era o senhor George Müller. Houve, então, entre nós, o seguinte diálogo:

– Comandante – disse o senhor Müller –, vim dizer-lhe que tenho de estar em Quebec no sábado à tarde.

Era quarta-feira.

– Impossível – respondi.

– Pois bem, se seu navio não pode levar-me, Deus achará outro meio de transporte. Durante 57 anos, nunca deixei de estar no lugar à hora em que me achava comprometido.

– Teria muito prazer em ajudá-lo, mas o que posso fazer? Não há meios!

*“Deus é capaz
de usar e até
suspender os
fenômenos e as leis
da natureza, mudar
o curso das águas
e alterar os rumos
da História para
beneficiar o seu
povo, a mim
e a você”*

– Vamos aqui dentro para orar
– sugeriu Müller.

Olhei para aquele homem e disse a mim mesmo: ‘De qual casa de doidos escapou este?’ Nunca eu ouvira alguém falar desse modo.

– Senhor Müller, veja como é espessa essa neblina.

– Não – respondeu ele –, os meus olhos não estão na neblina, mas

no Deus vivo que governa todas as circunstâncias da minha vida.

O senhor Müller caiu de joelhos e orou da forma mais simples possível. Eu pensei: ‘É uma oração como a de uma criança de 8 ou 9 anos.’ Foi mais ou menos assim que ele orou: ‘Ó Senhor, se for da tua vontade, retira esta neblina dentro de cinco minutos. Sabes como me comprometi a estar em Quebec no sábado. Creio ser isso a tua vontade.’

Quando findou, eu queria orar também, mas o senhor Müller pôs a sua mão no meu ombro e pediu que não o fizesse, dizendo:

– Comandante, primeiro, o senhor não crê que Deus faça isso; e, em segundo lugar, eu creio que Ele já o fez. Não há, pois, qualquer necessidade de o senhor orar nesse sentido. Conheço, comandante, o meu Senhor há 57 anos e não há dia em que eu não tenha audiência com Ele. Levante-se, por favor, abra a porta e verá que a neblina já desapareceu.

Levantei-me e olhei, e a neblina havia desaparecido. No sábado, à tarde, George Müller estava em Quebec”.

Ainda hoje, Deus faz as mesmas coisas, e muito mais. Ele é capaz de mover o céu, a Terra e o mar em favor de seus filhos, para que se cumpra o Seu propósito. É isso que Habacuque vê claramente em seguida, e que Deus quer que saibamos.

DEUS MOVE A NATUREZA EM NOSSO FAVOR (3.8)

“Acaso é contra os rios, Senhor, que estás irado? É contra os ribeiros a tua ira ou contra o mar o teu furor, já que andas montado nos teus cavalos, nos teus carros de vitória?”, Hc 3.8.

“Acaso é contra os rios, Senhor?” Essa pergunta denota o espanto

provocado pela manifestação divina. Tudo indica que há aqui uma alusão aos episódios da abertura do Mar Vermelho e do Rio Jordão (Êx 14.15-18; Js 3.14-17), e até mesmo à praga das águas do Egito transformadas em sangue (Êx 7.20,21). Porém, o enfoque não está nesses fenômenos em si, promovidos pelo mover de Deus, mas no objetivo que levou o Senhor a realizá-los: a salvação do seu povo.

A grande lição que tiramos desse texto é que Deus é capaz de usar e até suspender os fenômenos e as leis da natureza, mudar o curso das águas e alterar os rumos da História para beneficiar o seu povo, a mim e a você. Porque todas as coisas concorrem, contribuem, conspiram, convergem, para o bem daqueles que amam a Deus (Rm 8.28). Você ama a Deus? Você guarda os seus mandamentos? Você está aliado com Ele? Se sim, pode ficar tranquilo. Ele vai agir por você. Ou melhor: Ele está agindo. Não importa quais sejam as circunstâncias.

Como escreveu James Packer, não poucas vezes o inimigo utiliza-se das circunstâncias para provocar em nós desgastes emocionais com o objetivo de tentar fragilizar a nossa fé; mas não devemos esmorecer, porque Deus tem tudo sob controle. “O cansaço emocional nos faz pensar, como um homem me disse certa vez, que nossa fé é tão frágil quanto um lenço de papel, e ter esperança por alguma coisa simplesmente está além de nossas forças. Satanás é mestre em usar essas condições e outras parecidas para nos afastar da prática da esperança”.²

Por mais terrível que seja o caos em que você está inserido, se você é fiel a Deus, não dê ouvidos ao discurso do caos. Descanse no Senhor, pois, no final, vai dar tudo certo. Aconteça o que acontecer, Deus tem tudo sob controle. “Mas os caldeus estão chegando e vencendo! Jerusalém será destruída!” Repito: Deus tem tudo sob controle. Nada escapa ao seu poder. Ele está assentado em carros de vitória.

A BATALHA É DO SENHOR (3.9)

“Descoberto se fez o teu arco: os juramentos feitos às tribos foram uma palavra segura (Selá). Tu fendeste a terra com rios”, Hc 3.9.

O versículo 9 é de difícil interpretação. Sua tradução é extremamente obscura e controversa. Delitzsch disse que mais de cem traduções dife-

rentes já foram feitas dessa frase. Só para se ter uma idéia, as traduções mais populares em português traduzem esse texto como "...os juramentos feitos às tribos foram uma palavra segura (Selá)..." (Almeida Revista e Corrigida) e "...e farta está a tua aljava de flechas (Selá)..." (Almeida Revista e Atualizada). Tirando as partes a e c do versículo, cuja única diferença nessas duas tradicionais traduções está no tempo adotado para os verbos ("Descoberto se fez" versus "Tiras a descoberto" e "Tu fendeste" versus "Tu fendes"), o problema está mesmo no miolo.

Há quem defenda a referência ao juramento de Deus às tribos: "De todas as cláusulas da profecia inteira, esta é provavelmente a mais difícil de explicar. Pode ser uma interpolação, significando que a única esperança de Judá é a promessa convencional de Deus, particularmente a Aliança do Sinai ou Mosaica. Em um pequeno grupo de manuscritos antigos esta frase diz: 'E farta está a tua aljava de flechas', que tem bom sentido, mas não tem o apoio dos melhores manuscritos hebraicos".³

Sendo mesmo uma referência ao juramento divino, reforça-se aqui a mensagem de que Deus garante proteção ao seu povo por causa do pacto que Ele firmou com seus servos.

No mais, a imagem do arco descoberto, vista logo no início do versículo, traz a mesma mensagem de uma espada desembainhada: Deus está entrando na guerra. Ele está guerreando pelo seu povo. O Senhor dos Exércitos compra a nossa briga. Aliás, Ele prometeu: "O Senhor pelejará por vós" (Êx 14.14).

DEUS CONTROLA O CAOS (3.10)

"Os montes te viram e tremeram: a inundação das águas passou; deu o abismo a sua voz, levantou as suas mãos ao alto", Hc 3.10.

Mais detalhes são apresentados sobre o poder de Deus sobre sua Criação. Vemos aqui os montes se contorcendo diante da presença

divina. E mais: as águas se agitam diante dEle. São uma citação clara do Sinai tremendo (Êx 19.18) e do Mar Vermelho e do Rio Jordão divididos pelo poder divino. O ruído do abismo – isto é, das profundezas das águas – e as “mãos” levantadas – que são as altas ondas embotadas – são as águas do Jordão e, especialmente, do Mar Vermelho, submissas à voz de comando de Jeová.

Mas há um outro detalhe aqui. É o vocábulo traduzido por “abismo” ou “profundezas do mar” nessa passagem. Trata-se de *tehom*, que, segundo Champlin, é o equivalente em hebraico do mitológico *Tiamate*, uma espécie de monstro marinho que representava o caos. “O significado disso é que Deus, o Criador, controla o caos, fazendo sua vontade prevalecer universalmente”, ressalta Champlin.⁴

Sim, até o caos está sob o controle divino!

“A lição aqui é que Deus tem controle sobre as nações e os reinos terrenos, e julgará a todos com poder”

DEUS CONTROLA O COSMOS (3.11,12)

“O sol e a lua pararam nas suas moradas; andaram à luz das tuas frechas, ao resplendor do relâmpago da tua lança. Com indignação marchaste pela terra, com ira trilhaste as nações”, Hc 3.11,12.

A declaração poética “O sol e a lua pararam” mostra que Deus tem controle sobre o cosmos, sobre o universo. Há ainda uma referência às flechas divinas, que ofuscam e paralisam até os grande luminares. Isso quer dizer que, devido à intervenção divina, até a ordem natural das coisas é suspensa para que o juízo do Senhor se estabeleça e a vontade divina para o seu povo se cumpra.

Sem dúvida, Habacuque está revendo o episódio de Josué 10.12-14, quando “o sol se deteve, e a lua parou” para que Israel tivesse vitória, “porque o Senhor pelejava por Israel”.

A “marcha” do versículo 12 apresenta dois quadros: Deus como um conquistador marchando em solo conquistado após a batalha e o Senhor esmagando as nações como um homem do campo que esmaga os grãos em sua atividade agrícola.

*“O nosso Deus
é o mesmo ontem,
e hoje e o será
eternamente. O que
Ele fez por você no
passado pode fazê-
lo de novo agora.
Muito mais até.
Basta você ser
fiel e crer”*

A lição aqui é que Deus tem controle sobre as nações e os reinos terrenos, e julgará a todos com poder.

O PROPÓSITO DA MARCHA DIVINA (3.13)

“Tu saíste para salvamento do teu povo, para salvamento do teu ungido; tu feriste a cabeça da casa

do ímpio, descobrindo os fundamentos até o pescoço”, Hc 3.13.

Aqui vemos explicitado o propósito da teofania: a salvação do povo de Deus. O detalhe é que o texto fala “para salvamento do teu ungido”, que alguns entendem como também podendo ser traduzido como “*com* o teu ungido”. Como ungido é, em hebraico, “messias”, alguns vêm nessa passagem uma menção ao Messias, Jesus Cristo, o rei ungido de Deus, da linhagem de Davi. Logo, haveria aqui uma mensagem profética sobre a obra salvífica de Cristo.

Há também o fato de que Habacuque estaria relembrando as grandes vitórias que Deus dera ao seu povo, inclusive a Davi, seu ungido. O ungido, por extensão, pode ser referir ainda ao remanescente fiel entre o povo. Seja como for, vemos nesse versículo mais uma afirmação de que Deus salva os seus.

Percebemos ainda nesse verso o esmagamento dos iníquos. À primeira vista, as expressões “cabeça” e “pescoço” dizem respeito à destruição total da dinastia babilônica e de todos os inimigos de Israel. Alguns preferem a tradução “até a rocha”, em vez de “até o pescoço”, argumentando que os dois vocábulos são muito parecidos no original hebraico, porém tal sugestão não se sustenta. Segundo os especialistas, no original fala-se mesmo de “pescoço”. Portanto, o quadro pintado é de um conquistador que demole a casa dos ímpios até os alicerces. Ou, o que é mais chocante, o de cabeça e pescoço sendo decepados pelo golpe único de um guerreiro.

Como podemos ver, o que Deus tem reservado para os que praticam e amam a iniquidade é assustador. A impiedade não subsistirá.

No final dos tempos, ela será arrancada do cosmos pelos alicerces. Toda a impiedade será lançada no Lago de Fogo (Ap 20.14,15), e não haverá mais vestígios dela no universo.

O CASTIGO DOS ÍMPIOS (3.14)

“Tu abriste com seus próprios cajados a cabeça dos seus guerreiros; eles me acometeram tempestuosos para me espalharem; alegravam-se, como se estivessem para devorar o pobre em segredo”, Hc 3.14.

O versículo 14 continua a descrição do final dos ímpios. A cena que se segue é muito forte: cabeças de guerreiros sendo fendidas pelo peso do cajado do Senhor acometido sobre eles. Há versões que preferem “a cabeça de suas vilas”, mas, ao que parece, trata-se de guerreiros mesmo.

Ora, a descrição do juízo divino sobre os iníquos pode ser forte, mas o que dizer da que Habacuque faz logo em seguida, lembrando o prazer esfuziante que os caldeus tinham de ver suas vítimas destruídas? Essa observação que o profeta faz parece querer dizer-nos que o juízo de Deus pode parecer contundente demais, mas na verdade é uma retribuição justa ao mal promovido pelos que estão sendo julgados. Estes vinham como tempestade sobre suas vítimas e as afligiam e destruíam com extremo prazer sádico: “alegravam-se (...) para devorar o pobre”.

DEUS FAZ O IMPOSSÍVEL PELOS SEUS (3.15)

“Tu com os teus cavalos marchaste pelo mar, pela massa de grandes águas”, Hc 3.15.

Via de regra, esse texto é interpretado como mais uma alusão à divisão do Mar Vermelho e à passagem a pé enxuto do povo de Israel, bem como à morte dos egípcios sob aquelas águas (Êx 14.15-18, 27-31; 15.8-10).

Há nesse verso uma clara afirmação do poder de Deus fazendo o impossível pelos seus. A imagem descrita é fantástica: cavalos marchando sobre o mar ou através do mar, conforme preferem outros

comentaristas. O quadro é milagroso, extraordinário, tanto que os judeus nunca se esqueceram desse acontecimento. Asafe que o diga:

“Pelo mar foi teu caminho, e tuas veredas pelas grandes águas; e as tuas pegadas não se conheceram. Guiaste o teu povo como a um rebanho, pela mão de Moisés e de Aarão” (Sl 77.19,20).

Concluamos esta primeira parte ouvindo George Müller: “Se andamos com Ele, olhamos para Ele e dEle esperamos socorro, podemos estar certos que Ele nunca nos desampará (...). Nas maiores dificuldades, nas provas mais difíceis, na maior pobreza e necessidade, Ele nunca me falhou. Por sua graça aprendi a confiar nEle, e Ele tem sempre vindo em meu socorro. Tenho prazer em falar bem do Seu nome”.⁵

O nosso Deus é o mesmo ontem, e hoje e o será eternamente. O que Ele fez por você no passado pode fazê-lo de novo agora. Muito mais até. Basta você ser fiel e crer. “Tudo é possível ao que crê” (Mc 9.23).

“TODAVIA, EU ME ALEGRAREI”
DA QUEIXA AO LOUVOR
(3.16-18)

O ano é 1873 e o mês, novembro. O navio Ville de Havre percorre o Oceano Atlântico com destino à França. A bordo, entre outros passageiros, estão a senhora Spafford e suas quatro filhas: Dorothy, Mary, Bunny e Baby May.

O principal motivo da viagem era a saúde instável da senhora Spafford, que, segundo o médico da família, poderia melhorar com novos ares. Além disso, havia anos que seu marido, o advogado Horatio Gates Spafford, sonhava em se mudar com a família para a Europa.

Na época, Horatio e a família moravam em Chicago, nos Estados Unidos, onde ele exercia brilhantemente sua profissão, tendo também servido como professor de Jurisprudência Médica na Universidade de Lind, hoje chamada Chicago Medical College. Os Spafford eram uma amável família evangélica. Congregavam na Igreja Presbiteriana de Chicago. Horatio, inclusive, servira como diretor de um seminário teológico presbiteriano, além de ser um entusiasmado professor de Escola Bíblica Dominical e dedicado obreiro da Associação Cristã de Moços, fundada no século 19 pelo grande evangelista Dwight Lyman Moody, amigo da família.

No terrível incêndio de Chicago em 1871, Horatio perdera praticamente todas as suas economias, porém, devido à sua intensa dedicação ao trabalho, conseguiu reequilibrar sua vida financeira e planejar a desejada viagem à Europa. No dia da partida, não pôde ir com a família, que partiu na frente para se encontrar depois com ele na Europa, já

***“Como certa vez
escreveu a
missionária
Lettie B. Cowman,
‘os melhores
estimulantes
divinos são
reservados para
os nossos mais
profundos
desmaios”***

que precisara concluir alguns acertos de última hora antes de viajar.

Tudo parecia bem. O planejado corria maravilhosamente, até que algo terrível aconteceu.

Quando todos os passageiros do Ville de Havre dormiam, apareceu da escuridão da noite o navio inglês Lochearn, que chocou-se fortemente com ele. O choque despertou a todos nos navios e logo perceberam que o es-

trago era maior do que o imaginado. O Ville de Havre estava indo a pique.

Prontamente, vendo que o fim se aproximava, a senhora Spafford reuniu suas quatro filhas e as cinco dobraram seus joelhos na presença de Deus. A oração era para que o Senhor as salvasse, mas, se não fosse da Sua vontade, que as preparasse para a morte.

Trinta minutos após o acidente, o Ville de Havre afundou, levando consigo a maioria dos seus passageiros. Um dos tripulantes que sobreviveu resgatou a senhora Spafford, que milagrosamente escapara e flutuava nas águas. As meninas, porém, haviam sumido.

Dez dias depois da tragédia, os poucos sobreviventes chegaram a Cardiff, no País de Gales, de onde a esposa de Horatio enviou-lhe esta pequena mensagem: “Salva sozinha”. Ao lê-la, Horatio largou tudo e foi para a Inglaterra encontrar-se com sua esposa.

Enquanto isso, em Edimburgh, Escócia, Moody e Ira D. Sankey, célebre músico companheiro do evangelista em suas cruzadas, souberam do ocorrido e partiram à Inglaterra para consolar o casal. No entanto, não sabiam eles que o Espírito Santo já se adiantara nessa missão.

Enquanto viajava em alto mar para se encontrar com a esposa, Horatio, inspirado pelo Espírito de Deus, que o consolara no trajeto em meio às suas orações, compôs a letra de um hino que ficaria impresso para sempre na história da Igreja. Trata-se do hino conhecido no Brasil como *Sou Feliz*, publicado no hinário batista brasileiro.

Foi só em 1876 que Horatio, já de volta a Chicago com a esposa, apresentou o hino a Sankey, quando este passava um tempo com os Spafford. No mesmo ano, a letra chegaria às mãos do batista Philip

Paul Bliss, que naquele mesmo ano comporia a melodia e cantaria pela primeira vez o hino, em uma cruzada evangelística em Farwell Hall. Bliss morreu dias depois e Horatio, em 1888, em Jerusalém, mas sem ter deixado de marcar o mundo cristão com esta bela poesia:

Se paz a mais doce me deres gozar,
Se dor a mais forte sofrer;
Oh, seja o que for, Tu me fazes saber
Que feliz com Jesus sempre sou.

Sou feliz com Jesus;
Sou feliz com Jesus, meu Senhor.

Meu triste pecado por meu Salvador
Foi pago de um modo cabal.
Valeu-me o Senhor, ó mercê sem igual,
Sou feliz, graças dou a Jesus.

Embora me assalte o cruel Satanás
E ataque com vis tentações;
Oh, certo eu estou, apesar de aflições,
Que feliz com Jesus sempre sou.

A Vinda eu anseio do meu Salvador,
Que em breve virá me levar
Ao Céu, onde vou para sempre morar
Com remidos na luz do Senhor.

Esta bela história, contada por Bill H. Ichter², demonstra-nos algo que só entende quem conhece a Deus e tem comunhão com Ele: a possibilidade concreta de ser feliz e alegrar-se mesmo nas situações mais aterradoras. Como escreveu um dia a missionária Lettie B. Cowman, “os melhores estimulantes divinos são reservados para os nossos mais profundos desmaios”.³

É justamente essa experiência singular que Habacuque experimenta e narra aos seus leitores nesses três versículos em foco.

“Somente quando vivemos pela fé, quando nossos sentimentos e vontade repousam sobre o fundamento sólido e inamovível da Palavra do Senhor, podemos, como Habacuque, descansar no dia da angústia”

A REAÇÃO DE HABACUQUE À TEOFANIA (3.16)

“Ouvindo-o eu, o meu ventre se comoveu, à sua voz tremeram os meus lábios; entrou a podridão nos meus ossos, e estremei dentro de mim; descanse eu no dia da angústia, quando ele vier contra o povo que nos destruirá”, Hc 3.16.

Esse versículo em tela marca o início do desfecho desse belíssimo salmo de Habacuque. Nele, o profeta conta a reação que teve após receber essa tremenda revelação divina sobre a manifestação do juízo divino com nuances do passado e desvelamento do futuro.

Apesar de a narrativa descritiva do profeta nos versículos de 3 a 15 demonstrar uma experiência mais do que auditiva, Habacuque, ao falar da sua reação à teofania, se expressa dizendo “ouvindo-o eu”, e não “vendo-o eu”. Isso ocorre porque o profeta está, na verdade, enfatizando não a teofania em si, mas a mensagem da teofania. Não que ela não o tenha impactado. Muito pelo contrário! Inclusive veremos isso daqui a pouco. O que ocorre é que o homem de Deus queria que ficasse bem claro aos seus leitores a importância, para ele, do significado da revelação. Habacuque entendera muito bem o significado do julgamento de Deus e sabia qual seria sua repercussão.

É interessante notar que conquanto os juízos de Deus sejam necessários e perfeitos, eles despertaram no profeta profundo temor. É verdade que, com certeza, o profeta não considera apenas o julgamento divino sobre os caldeus e o sobre os ímpios no Fim dos Tempos (embora seja um dos assuntos dessa teofania). Ele também tem em mente a destruição de Jerusalém pela mão dos babilônios, isto é, o juízo de Deus sobre o seu povo. Por isso o pânico.

Sob o efeito do que vira e ouvira, terrificado pelo peso da revelação divina, o homem de Deus, numa primeira reação, se desmonta. Ele se comove, tremula os lábios, sente suas estruturas abaladas e estremece interiormente. O julgamento divino é chocante para Habacuque.

No entanto, não se deve olvidar que a própria revelação em si, não só sua mensagem, mexeu também com as estruturas do profeta. Nenhum homem que tenha visto teofanias na Bíblia passou por essa experiência sem sair impactado. Se até a aparição de anjos de Deus nas Escrituras despertava profundo temor e reflexos físicos acaçapantes nas pessoas, quanto mais uma manifestação divina desse porte?

É comum vermos, nas narrativas bíblicas sobre servos do Senhor que receberam grandes revelações divinas, essa sensação física de cambaleio, desfalecimento, algo como uma extinção momentânea da força muscular, que leva o servo de Deus até a cair genuflexo e, não poucas vezes, prostrado. Foi assim com Ezequiel (Ez 1.28-2.2), Daniel (Dn 10.7-11), Paulo (At 9.3-9) e João (Ap 1.10,17). Por isso, é estranho que algumas pessoas hoje afirmem estar tendo visões como as desses homens e, ao contrário, agirem naturalmente, como se nada estivesse acontecendo.

Alguém pode evocar que parece haver casos em que as revelações não causam esses efeitos no crente, como talvez na experiência de Pedro em Atos 10. Mesmo assim, devido à grandiosidade das histórias que muitos “videntes” de hoje contam, deveríamos esperar uma reação mais aterradora deles, e não uma atitude de absoluta naturalidade, como se ver anjos e teofanias fosse a coisa mais natural do mundo. Pelo menos não parecia ser para o profeta Daniel ou para o apóstolo João, e nem para Habacuque.

Deus é soberano. Ele é o mesmo. Visões ainda podem acontecer hoje (e acontecem, sem dúvida alguma), mas boa parte do que se vê hodiernamente parece ou sugestão mental ou fumaça, invenção, um artifício para impressionar, auto-promoção ou manipulação de incautos. Via de regra, quem tem verdadeiras experiências desse tipo com Deus não vive alardeando-as por aí.

Mas voltemos ao temente Habacuque.

A reação do homem de Deus não se resumiu ao espanto. Se sua primeira reação à teofania foi paralisante, quase sufocante, a segunda foi de extremo alívio. Ele diz: “Descanse eu no dia da angústia”.

Alguns estudiosos, como o controverso Welhausen, sugerem a tradução “consolar-me-ei no dia da angústia”. Seja como for, a idéia é a mesma, e nos leva ao seguinte questionamento: O que será que muda o ânimo de Habacuque de um instante para outro? Ele não

estava momentos antes se desfazendo, conturbado, aflito? Como agora consegue consolar-se, “descansar no dia da angústia”?

Os versículos 17 e 18 nos mostram como. “Porquanto, ainda que a figueira não floresça... todavia, eu me alegrarei no Senhor”. Esses versículos apontam para a lembrança das palavras do Senhor proferidas no capítulo 2 – “O justo viverá da fé”.

Somente quando vivemos pela fé, quando nossas convicções encontram-se cimentadas em Deus, quando nossos sentimentos e vontade repousam sobre o fundamento sólido e inamovível da Palavra do Senhor, podemos, como Habacuque, descansar no dia da angústia.

Ao redor pode haver tragédia, loucura, correria, desespero, explosões, dor, mas se o Senhor é o nosso Pastor, nossa alma estará repousando em verdes pastos, em refrigério, e será guiada a águas tranquilas (Sl 23.1-3). Como afirmou Davi, “ainda que eu andasse pelo vale da sombra da morte, não temeria mal algum, *porque Tu estás comigo*; a tua vara e o teu cajado *me consolam*” (Sl 23.4).

O fato de Deus estar presente já é um consolo incomensurável para o crente fiel. É como a bela e comovente história sobre dois amigos que serviram juntos durante a Segunda Guerra Mundial. A história é narrada por Stephen Brown.

Conta-nos Brown que, durante a Segunda Guerra, dois jovens que cresceram juntos e entraram juntos nas Forças Armadas dos Estados Unidos tiveram a oportunidade de prestar serviço militar lado a lado. Em uma das intensas batalhas em solo estrangeiro, um deles foi atingido e ficou agonizando bem na frente de combate. Seus gritos de dor podiam ser ouvidos das trincheiras.

Vendo o amigo sofrer, o outro jovem correu até o sargento e perguntou se poderia socorrer o rapaz. O sargento, porém, rejeitou a proposta, dizendo: “Filho, sei que vocês eram muito amigos, mas não quero perder os dois. Seu companheiro morrerá; não adianta você morrer também”.

O soldado, entretanto, insistiu com o sargento, que, finalmente, contrariando sua prudência, permitiu que ele fosse resgatar o jovem. Uma hora depois, ele voltou rastejando e trazendo o corpo de seu amigo, que estava morto, como já era previsto. O sargento, então, comentou: “Eu disse que você não deveria ter ido. Ele está morto e acabou

não valendo a pena”. Mas o rapaz respondeu: “Ah, sim, valeu a pena. Quando o alcancei, ele ainda vivia e, ao agachar-me ao seu lado, ele me disse: ‘Jim, eu sabia que você viria’. Valeu a pena, sim”.

Se a simples presença de um amigo em meio à tribulação já é confortante, imagine a consciência da presença divina! “Respondeu-lhe o Senhor: A minha presença irá contigo, e eu te darei descanso” (Êx 33.14). Só a presença do Senhor nos faz descansar em meio à dor!

Só é possível descansar em meio à tempestade, à tormenta e ao caos, quando nossa fé está firmada em Deus. É isso que transforma nosso espanto em alívio, nosso medo em esperança, nossa dúvida em certeza e nossa tristeza em alegria, profunda e irresistível alegria, por mais incoerente e absurdo que ela seja aos olhos humanos.

“Tu conservarás em paz aquele *cujas mente está firme em ti*, porque *ele confia em ti*. Confiai no Senhor perpetuamente, porque *o Senhor Deus é uma rocha eterna*” (Is 26.3-4). Essa é a paz que as Escrituras chamam de “paz que excede todo o entendimento”, pois vai além do que a razão meramente humana pode compreender. É dessa paz, desse descanso e consolo perfeitos em meio às aflições mais lancinantes, que escreveu Horatio Gates Spafford em sua imortal poesia.

Você não consegue resistir à adversidade? Suas forças se escoam rapidamente? Lembre-se do seu fundamento, da Rocha. Se a sua vida está abalizada em Deus, em sua Palavra, podem vir “rios” (ataque por baixo), “chuva” (ataque por cima) e “ventos” (ataque pelos lados); você pode ser atacado por todos os lados, mas sua “casa” (vida) não vai cair, porque ela está “edificada sobre a Rocha” (Mt 7.24-25).

O apóstolo Paulo afirmou: “Temos, porém, esse tesouro em vasos de barro, para que a excelência do poder seja de Deus e não de nós. Em tudo somos atribulados, mas não angustiados; perplexos, mas não desanimados; perseguidos, mas não desamparados; abatidos, mas não destruídos” (2Co 4.7-9).

O salmista declarou: “Aquele que habita no esconderijo do Altíssimo, à sombra do Onipotente descansará” (Sl 91.1).

Mais uma vez, Paulo: “Não andeis ansiosos por coisa alguma; em tudo, porém, sejam conhecidas diante de Deus as vossas petições, pela oração e pela súplica, com ações de graça. E a paz de Deus, que excede todo o entendimento, *guardará os vossos corações e as vossas*

“Se alguém não é feliz, isso se deve à forma como a pessoa está procurando a felicidade. A pergunta que necessita ser feita é: Em que se baseia a sua felicidade? Em Deus ou em ‘areias movediças’?”

mentes em Cristo Jesus” (Fp 4.6-7).

Descanse em Deus. Deixe que a paz do Senhor o guarde e preserve. Repouse sob o poder divino. E, em seguida, passe para o próximo estágio: do alívio à alegria trasbordante no Senhor. É o que vamos ver agora.

FÉ QUE SE SOBREPÕE AO CAOS (3.17)

“Porquanto, ainda que a figueira não floresça, nem haja fruto na vide; o produto da oliveira minta, e os campos não produzam mantimento; as ovelhas da malhada sejam arrebatadas, e nos currais não haja vacas...”, Hc 3.17.

Acredita-se que o versículo 17 traz, resumidamente, uma antevisão dos resultados da destruidora invasão babilônica, que afetou toda a terra dos judeus.

“A menção da figueira, da videira, da oliveira, dos cereais e dos rebanhos abrange toda a linha dos produtos agrícolas dos quais a nação dependia. Presumivelmente, a razão do fracasso das colheitas fosse a invasão caldéia. As tropas inimigas não só acabavam com a terra mas com frequência e deliberadamente destruíam árvores e colheitas. Uma antiga crônica egípcia gaba-se de que os soldados egípcios arruinaram árvores frutíferas de uma planície costeira da Palestina”.⁵

Toda a produção de Israel haveria de ser transformada, como foi, em nada. A fome iria castigar os sobreviventes. Contudo, toda essa situação não seria eficiente o suficiente para impedir que Habacuque se alegresse. Como? Por quê?

UMA ALEGRIA SOBRENATURAL (3.18)

“...todavia eu me alegrarei no Senhor, exultarei no Deus da minha salvação”, Hc 3.18.

Veja como Habacuque, que começou seu livro com queixas, termina-o com grande alegria. Antes queixoso e angustiado, o profeta agora afirma que o caos não poderia destruir sua alma, apagar sua felicidade, arruinar suas interioridades, porque “o justo viverá da fé”. Isso porque a sua fé estava no Senhor: “...eu me alegrarei *no Senhor... no Deus da minha salvação*”.

Por isso, o caos, tão fortemente descrito por ele, não o poderia lançar no desespero. Por isso Habacuque poderia se alegrar, e se alegrar profundamente (sic)!

Sim, alegrar-se profundamente, porque é essa a idéia que o texto nos dá. Jack P. Lewis, professor de Bíblia do Harding Graduate School of Religion, em Mephis, Tenessi (EUA), esclarece que *gîl*, que é o vocábulo hebraico usado em Habacuque 3.18 para “alegria”, tem um sentido enfático.

Segundo Lewis, *gîl* significa “regozijo, satisfação, alegria”, mas a raiz dessa palavra dá uma idéia mais efusiva. “O significado da raiz”, afirma o professor, “é ‘dar voltas’, a partir do qual idéias como a de ‘rodear de alegria’ derivam diretamente. O significado da raiz é mais aplicável a expressões vibrantes de júbilo”. O estudioso declara também que “*gîl*, na maioria das vezes, refere-se ao regozijar-se com as obras e atributos de Deus” (1Cr 16.31; Sl 9.14-15; 31.7-8; 97.8; 118.24; Is 49.13).⁶

Lewis cita ainda o caso de Salmos 2.11, onde o vocábulo é traduzido como “alegrar-se com tremor”. Segundo ele, “pode ser uma alusão ao movimento físico associado com o significado da raiz da palavra”. Não há dúvidas para o estudioso de que *gîl* diz respeito a uma alegria extraordinária. Strong traduzo-o como “rodopiar em redor com movimentos intensos”. Portanto, *gîl* é muito mais do que uma simples sensação de bem-estar.

Reverendo esse versículo agora, tendo em perspectiva essas informações, pelo menos quatro lições podem ser extraídas desse texto bíblico.

A primeira é que a fonte de alegria do crente está em Deus, e não nas circunstâncias.

Se alguém não é feliz, isso se deve à forma como a pessoa está procurando a felicidade. A pergunta que necessita ser feita é: “Em

***“O servo de Deus
não tem prazer em
sofrer. Ele se alegra
apesar do e no
sofrimento,
e não por causa
do sofrimento.
A alegria da
salvação, o gozo
do Espírito Santo
na vida do crente,
supera e cura
qualquer ferroadada
da existência”***

que se baseia a sua felicidade? Em Deus ou em ‘areias movediças’, isto é, coisas passageiras?”

A segunda lição é que essa fonte é inesgotável, pois o texto bíblico fala de uma alegria profunda, efusiva, marcante. É o que Jesus falou em João 7.37-38: rios de água viva fluindo do interior, do coração. Algo transbordante, extraordinário.

A terceira lição é que a verdadeira fé faz com que nenhuma tribulação, por mais intensa que seja, consiga mudar nossa impressão de

Deus ou afetar negativamente nossa comunhão com Ele.

Escreveu o teólogo judeu pentecostal Myer Pearlman: “Habacuque aprendeu a sua lição de fé. Sejam quais forem as circunstâncias dele ou de seu povo, por mais tenebroso e sem esperanças que seja o futuro, ele regozijar-se-á no Senhor, no Deus da sua salvação”.

Paulo recomendou aos crentes em Tessalônica: “Regozijai-vos *sempre*” (1Ts 5.16). Com os cristãos filipenses, ele insistiu: “Alegrai-vos *sempre* no Senhor; outra vez digo, alegrai-vos” (Fp 4.4).

Nenhuma aflição deve mudar nossa visão de Deus. É a fé genuína, bíblica, que faz com que o cristão, apesar da tormenta, olhe para cima, desate os seus lábios e diga: “Senhor, eu creio em ti. Eu ainda te amo. Tu és tudo para mim! Quem tem a ti tem tudo, mesmo não tendo nada”.

Por isso Jeremias pôde dizer em Lamentações, apesar dos escombros de Jerusalém: “*A minha porção é o Senhor*, diz a minha alma; portanto *esperarei nEle*. *Bom é o Senhor* para os que se atêm a ele, para a alma que o busca” (Lm 3.24-25).

Por isso Jó, depois de receber em um só dia a notícia da morte de seus filhos e a da perda de todos os seus bens, não blasfemou, não mudou sua visão acerca de Deus, mas “lançou-se em terra e adorou”, dizendo: “Nu saí do ventre de minha mãe, e nu tornarei para lá; o Senhor o deu e o Senhor o tomou; bendito seja o nome do Senhor!”

(Jó 1.20-21). Mais à frente, ele ainda diria: “Ainda que Ele me mate, nEle esperarei” (Jó 13.15).

Há pessoas que confundem essa reação do crente à adversidade com masoquismo. Não é nada disso. O servo de Deus não tem prazer em sofrer. Ele se alegra *apesar do e no* sofrimento, e não *por causa do* sofrimento. A “alegria da salvação”, o gozo do Espírito Santo na vida do crente, supera e cura qualquer ferroadada da existência.

Por fim, a quarta lição é que a paz que vem de Deus não depende da prosperidade externa.

Estamos vivendo uma época em que, infelizmente, muitos crentes têm confundido prosperidade material com qualidade de vida espiritual do cristão, como se aquela fosse medidor desta. Lamentavelmente, a bênção de Deus tem sido mais valorizada do que o Deus da bênção. A Bíblia nos diz que não devemos colocar o carro na frente dos bois. Primeiro vem o Reino de Deus (Deus reinando em nós), depois, como “sobremesa”, vêm “as demais coisas”. Não devemos seguir a Deus por causa das bênçãos, como se Deus fosse apenas um meio para um fim. Deus deve ser o nosso começo, meio e fim. Ele é “o autor e consumidor da nossa fé” (Hb 12.2).

“Habacuque testifica que servia a Deus não por causa das suas dádivas, mas porque o Senhor é Deus”⁸.

Se você deixar de queixar-se de Deus por causa da situação e começar a buscar a Sua presença, lançando sobre Ele toda a sua ansiedade, Ele vai cuidar de você, consolá-lo e fazer com que transborde de alegria mesmo em meio ao caos, e você vencerá as dificuldades em nome de Jesus.

Faça coro com o apóstolo aos gentios: “Quem nos separará do amor de Cristo? A tribulação, ou a angústia, ou a perseguição, ou a fome, ou a nudez, ou o perigo, ou a espada?”

Não, Paulo; com certeza, não. Pois “*em todas essas coisas somos mais do que vencedores por Aquele que nos amou.*” Aleluia!

“Porque estou certo (Você também está?) de que nem a morte, nem a vida, nem os anjos, nem os principados, nem as potestades, nem o presente, nem o porvir, nem a altura, nem a profundidade, nem alguma outra criatura nos poderá separar do amor de Deus que está em Cristo Jesus, nosso Senhor” (Rm 8.35,37-39).

“Eu sei em quem tenho crido” (2Tm 1.12).

18

PÉS COMO OS DA CORÇA
(3.19)

É um dia quente. Um certo mormaço faz-se sentir naquela região montanhosa. Para aliviar o calor e se hidratar, só um riacho que passa timidamente por ali. À beira dele, vem se aproximando uma corça sôfrega, sedenta. Sem cerimônias, o caprino montesino abebera-se avidamente daquelas águas.

Enquanto se sacia, a corça não percebe que à sua espreita está uma fera. O animal viera espionando-a à distância já havia algum tempo. Agora, depois da parada providencial, se achegara mais, pois sentia diante de si a oportunidade tão almejada de atacá-la em plena distração.

Quando apenas poucos metros separavam a corça da fera, a virtual vítima percebe o perigo. Ela vira-se para encarar o inimigo, que também pára, esperando a próxima reação da corça. O coração do animal começa a bater mais forte. A morte parece certa. Porém, em meio à adrenalina, a caça apercebe-se que está em uma região montanhosa e vê a possibilidade de fugir. Pressentindo a fuga, a fera toma a iniciativa e salta, lançando-se ferozmente ao encalço do seu “almoço”. Porém, é surpreendida pela agilidade da corça.

Rapidamente, com uma habilidade impressionante, a corça escala as primeiras rochas à sua frente. Como uma raio, salta de uma pedra à outra, surpreendendo seu algoz, que se atrapalha no percurso, escorregando algumas vezes entre um salto e outro sobre as pedras. Em pou-

“A fé em Deus pode até não nos livrar do caos, mas sem dúvida nos livrará em meio ao caos”

cos segundos, a corça amplia a distância entre ela e seu perseguidor.

Não demora para a fera desistir. Ao longe, a corça observa seu oponente desalentado encará-la e, logo em seguida, dar meia-volta e partir. Mais uma vez o inimigo perdera.

Enquanto isso, uma brisa sopra no cume do monte, refrescando o vencedor ofegante.

“Jeová, o Senhor, é a minha força, e fará os meus pés como os das cervas, e me fará andar sobre as minhas alturas (Para o cantor-mor sobre os meus instrumentos de música)”, Hc 3.19.

O SIGNIFICADO DA PASSAGEM

Talvez você se sinta como a corça da nossa história: perseguida, encurralada. Que fazer para não ser vitimado pela tristeza, o desânimo e o desespero? Como não sucumbir às pressões do caos, que são como algozes ao nosso encalço, fustigando-nos dia após dia?

Dessa marcante ilustração de Habacuque sobre a bênção divina na vida de seus filhos durante a aflição, podemos obter lições maravilhosas para escapar desses vilões e vencermos as adversidades.

A mensagem dessa passagem de Habacuque é rica e extremamente edificante. É uma mensagem de esperança em meio à adversidade, de vitória da fé sobre o caos instalado. “A corça é veloz e não pisa em falso, por isso escapa rapidamente do perseguidor. O quadro é o de alguém supremamente confiante em que Aquele que leva o seu povo a passar por provações é fiel e fornecerá em cada provação um caminho de escape, para que o povo seja capaz de enfrentá-la.”¹

A abordagem de Champlin é ainda mais completa: “A força que Deus outorga é revigorante, como o poder que a gazela tem em suas patas. A corça podia percorrer a escura floresta com pés ligeiros, e outro tanto podia fazer o profeta nas escuras experiências da vida. As pernas do profeta tremeram (v.16), mas agora se fortaleceram e se tornaram ligeiras. O animal de patas ligeiras pode subir aos mais ele-

vados picos montanhosos para percorrer os cumes dos montes. A corça torna-se, assim, o símbolo da força, da firmeza dos passos, da beleza e da alegria de viver”².

A primeira lição que tiramos desse texto é que a fé em Deus pode até não nos livrar *do* caos, mas sem dúvida nos livrará *no* caos.

A verdadeira fé em Deus pode até não evitar que passemos pelo deserto, mas providenciará durante o nosso percurso chuva de maná e fontes a jorrar do solo seco. Ela pode até não evitar que sejamos lançados na fornalha de fogo ardente, mas nos preservará milagrosamente dentro do fogo. Ela pode até não impedir que sejamos jogados na cova dos leões, mas fechará a boca das feras.

A verdadeira fé pode até não impedir que inimigos e problemas se apresentem em nosso caminho, mas nos fortalecerá, fazendo com que escapemos das garras das feras. Disse Jesus: “No mundo tereis aflições, *mas tende bôem animo*” (Jo 16.33). A fé faz com que superemos o caos, como uma corça que escala os montes deixando para trás aquele que o quer destruir.

Paulo disse que Deus pode até não nos livrar *de* todas as coisas, mas, com certeza, nos livrará “*em* todas as coisas”, fazendo-nos “mais do que vencedores *por aquele que nos amou*” (Rm 8.37). Por isso que Jesus terminou a frase mencionada por João e citada no parágrafo anterior dizendo “eu venci o mundo”. DEle vem a nossa força. NEle está a vitória. E aqui chegamos à segunda lição dessa ilustração do profeta.

O ESCAPE ESTÁ NO ALTO

A segunda lição é que o escape está no alto. Se você quer sobreviver ao caos, deve buscar o alto, olhar para cima, porque o socorro e a vitória vêm de cima. A segurança está no alto.

Não é à toa que o salmista diz que devemos nos abrigar “no esconderijo do Altíssimo” (Sl 91.1). Salmos 121 diz que o nosso socorro vem do Senhor, que fez os céus e a Terra. É Ele quem nos guarda, e nos guarda em um “alto retiro”: “Pois que tão encarecidamente me amou, também *eu o livrarei; pô-lo-ei num alto retiro*, porque conheceu o meu nome” (Sl 91.14).

DEUS NOS QUER DAR EXPERIÊNCIAS TREMENDAS COM ELE EM MEIO AO CAOS

A terceira lição é que Deus nos quer levar a experiências “altas”, extraordinárias, tremendas, inesquecíveis, durante o caos. São experiências que nos farão sobreviver à adversidade e sairmos dela mais fortalecidos.

“Dizem que uma das primeiras regras que um piloto aprende é pôr o avião de encontro ao vento e voar contra ele. O vento o eleva a maiores alturas. Onde foi que aprenderam isso? Foi com as aves. Se um pássaro está voando por prazer, ele vai ao sabor do vento. Mas se enfrenta algum perigo, faz meia-volta e voa contra o vento, a fim de ir mais para cima; e sobe cada vez mais alto. Os sofrimentos são os ventos de Deus, ventos contrários, às vezes ventos fortes. São os furacões de Deus, mas tomam a nossa vida e a elevam a alturas maiores e em direção aos Céus de Deus”.³

QUANTO MAIS ALTO, MAIS PODER

A quarta lição é que quanto mais alto for o lugar onde tenho que subir para escapar do perigo, mas capacitação e fortalecimento receberei do Senhor. O texto diz que é Ele quem faz nossos pés “como os da corça”. Ou seja: só escalamos as alturas por causa da ação dEle em nós, o que logicamente nos mostra que, quanto mais precisarmos subir, mais habilitados Ele nos fará para isso.

Habacuque diz que *Adonai-Yahweh* – “Jeová, o Senhor” – é a sua força. *Adonai* fala-nos de Deus como Senhor. *Yahweh*, como o Onipotente, Eterno, o “Eu Sou o Que Sou”. Logo, se queremos subir às alturas, ficar acima das adversidades, caminhar sobre as águas como Pedro, devemos fixar nossos olhos no Criador, reconhecendo-o como nosso Senhor (*Adonai*) e Deus (*Yahweh*). Precisamos orar a Ele, dizendo: “Manda-me ir ter *contigo por cima* das águas (aquilo que hoje nos assusta, a tribulação)” (Mt 14.28). Ou como o salmista Davi: “Leva-me para a rocha que é mais alta do que eu, pois tens sido o meu refúgio e uma torre forte contra o inimigo” (Sl 61.2b-3).

Deus só nos fará estar seguros, acima da tempestade, como a águia, que consegue escapar da chuva voando acima das nuvens

tempestivas, quando (1^o) permitirmos que Ele nos guie, oriente, reine em nossa vida (*Adonai*); e (2^o) desistirmos de lutar contra o caos com nossos próprias forças, optando por nos fortalecer nEle (*Yahweh*, o Senhor do Pacto, da Aliança, que promete proteger o Seu povo). Paulo orienta-nos: “Fortalecei-vos no Senhor e na força do seu poder” (Ef 6.10).

Quando você tenta escalar uma montanha sem ajuda ou equipamento, a tarefa torna-se em determinados pontos impossível. Da mesma forma, sem o auxílio divino, não alcançaremos os lugares altos, não conseguiremos estar em segurança. Ele é quem nos leva ao lugar alto e seguro. “Porque no dia da adversidade *me esconderá* no seu pavilhão; no oculto do seu tabernáculo *me esconderá; por-me-á* sobre uma rocha” (Sl 27.5). É impossível alcançarmos às alturas sem o auxílio divino.

Talvez até hoje você tem tentado vencer sozinho, subir à rocha mais alta que você por si mesmo, por isso está tão cansado e fatigado, uma presa fácil para o inimigo.

Se essa é a sua situação, ouça e receba as palavras divinas proferidas pelo profeta Isaías: “Dá esforço ao cansado, e multiplica as forças ao que não tem nenhum vigor. Os jovens se cansarão e se fatigarão, e os mancebos certamente cairão, mas os que esperam no Senhor renovarão as suas forças, subirão com asas como águias; correrão e não se cansarão, caminharão e não se fatigarão” (Is 40.29-31).

O caos não vai te destruir; você não vai ficar no meio do caminho; os inimigos não vão te alcançar; porque você vai subir na força do Senhor!

“Deus quer nos levar a experiências ‘altas’, extraordinárias, tremendas, inesquecíveis, durante o caos. São experiências que nos farão sobreviver à adversidade e sairmos dela mais fortalecidos”

COMO SUBIR

A quinta e última lição que extraímos desse texto (há outras, mas essas cinco são as fundamentais) diz respeito a como subir para estar seguro.

*“Embale sua vida
não com o som da
destruição ou com
o lamento da ruína,
mas com o louvor
de Deus. Suba!
Saia do poço.
Escale a montanha,
alcance as alturas,
vença o inimigo,
veja de novo a luz,
o horizonte”*

Basicamente, são três coisas que garantem ao crente “subir”: a Palavra, a oração e o louvor. Sobre os dois primeiros já falamos bastante durante nossa exposição.

A Palavra de Deus (Hc 2) foi o que despertou a fé em Habacuque, o que culminou nessa oração-louvor (Hc 3).

A oração foi o expediente do profeta tanto no momento de dúvida (Hc 2.1) quanto no de certeza (Hc 3.1), levando-o a essa declaração de fé, “às alturas”. Quando subimos ao “monte da oração”, como Jesus (Mc 6.46), estamos seguros. Não caímos em tentação (Mt 26.41); não cedemos à tentação do caos, do desespero.

O louvor, por sua vez, é uma consequência dos dois primeiros, e também caracteriza o estar nas “alturas”, em segurança com Deus. Se não, vejamos.

É interessante notar que, como já afirmamos, o capítulo 3 de Habacuque é um salmo-oração provavelmente destinado ao coro dos levitas, pois se faz referência no final ao cantor-mor, que era mestre da música no Templo. Logo, estamos aqui diante de uma vitória embalada com louvor. Portanto, uma das mensagens desse versículo 19 é que devemos embalar a vitória com louvor, cantar o que Deus vai fazer, subir às alturas com adoração.

Curioso que essa última frase do versículo 19 está escrita na Septuaginta da seguinte forma: “Para que eu possa conquistar por seu cântico”. Na verdade, *neginoth*, que é a expressão que aparece aqui no original, segundo Champlin, é mesmo interpretada geralmente como “instrumento de corda”, porque “a idéia de ‘tanger’ é inerente ao vocábulo”.⁴ Porém, embora “conquistar por seu cântico” não seja a melhor tradução, também não foge da idéia de que a vitória será (ou deve ser) embalada com louvor.

Quando você embala sua vida, em meio ao turbilhão, com oração e louvor (química de Habacuque 3), como Paulo e Silas no cárcere (“E perto da meia noite, Paulo e Silas *oravam e cantavam hinos a Deus*”, At 16.25), você “sobe às regiões celestiais”. Em outras palavras, “o Céu desce até tocar a terra” onde você está. Você encontra-se nas alturas. O inimigo não poderá te destruir. E, lá do alto, você verá o cumprimento da promessa de Deus na tua vida, conforme o louvor do salmista:

“Porque *Ele te livrará do laço do passarinho e da peste perniciosa*. Ele te cobrirá com as suas penas, e debaixo das suas asas *estardá seguro*; a sua verdade é escudo e broquel.”

“Não temerás espanto noturno, nem seta que voe de dia, nem peste que ande na escuridão, nem mortandade que assole ao meio-dia. Mil cairão ao teu lado, e dez mil à tuda direita, mas *tu não serás atingido*.”

“*Somente com os teus olhos olharás e verás a recompensa dos ímpios*. Porque Tu, ó Senhor, *és o meu refúgio!* O altíssimo é a tua habitação.”

“*Nenhum mal te sucederá*, nem praga alguma chegará à tua tenda (...) Ele me invocará e Eu lhe responderei; *estarei com Ele na angústia; livrá-lo-ei e o glorificarei*. Dar-lhe-ei abundância de dias e *lhe mostrarei a minha salvação*” (Sl 91.3-10,15-16).

Levante-se das cinzas. Deixe de ficar prostrado no pó desse poço abissal em que você se meteu. Ore! Absorva a Palavra de Deus; firme-se nela. Embale sua vida não com o som da destruição ou com o lamento da ruína, mas com o louvor de Deus.

Suba. Suba! Saia do poço. Escale a montanha, alcance as alturas, vença o inimigo, veja de novo a luz, o horizonte. Sinta a brisa do Espírito refrescar o teu coração.

Suba na força do Senhor!

Notas bibliográficas

Capítulo 1

- (1) CESARÉIA, Eusébio de, *História Eclesiástica*, CPAD

Capítulo 2

- (1) O Novo Dicionário da Bíblia, *Edições Vida Nova*, 1979
(2) Harpa Cristã, *hino 126*, CPAD

Capítulo 3

- (1) Dicionário Internacional de Teologia do Antigo Testamento, *Editora Vida Nova*
(2) Ibidem

Capítulo 5

- (1) Dicionário Internacional de Teologia do Antigo Testamento, *Editora Vida Nova*
(2) Ibidem
(3) CHAMPLIN, Russel Norman, Velho Testamento Interpretado Versículo por Versículo, CPAD
(4) WIERSEBE, Warren, Preaching & Teaching with Imagination, *Baker Books*, 2ª edição, EUA, 1997
(5) CHAMPLIN, Russel Norman, Velho Testamento Interpretado Versículo por Versículo, CPAD

Capítulo 6

- (1) CHAMPLIN, Russel Norman, Velho Testamento Interpretado Versículo por Versículo, CPAD
- (2) Dicionário Internacional de Teologia do Antigo Testamento, Editora Vida Nova
- (3) COWMAN, Lettie B., Mananciais no Deserto, Editora Betânia, 1975
- (4) Ibidem

Capítulo 7

- (1) Dicionário Internacional de Teologia do Antigo Testamento, Editora Vida Nova
- (2) CHAMPLIN, Russel Norman, Velho Testamento Interpretado Versículo por Versículo, CPAD
- (3) Ibidem

Capítulo 8

- (1) BOYER, Orlando Spencer, Heróis da Fé, CPAD
- (2) Ibidem
- (3) LLOYD-JONES, Martin, Avivamento, Publicações Evangélicas Seleccionadas, 1992
- (4) Dicionário Internacional de Teologia do Antigo Testamento, Editora Vida Nova
- (5) Comentário Bíblico Moody, Editora Batista Regular
- (6) O Novo Dicionário da Bíblia, Edições Vida Nova, 1979
- (7) Ibidem
- (8) LEWIS, C.S., Cristianismo Puro e Simples, ABU Editora
- (9) Comentário Bíblico Moody, Editora Batista Regular

Capítulo 9

- (1) Comentário Bíblico Moody, Editora Batista Regular
- (2) CHAMPLIN, Russel Norman, Velho Testamento Interpretado Versículo por Versículo, CPAD
- (3) BONHOEFFER, Dietrich, Ética, Editora Sinodal
- (4) TOZER, A.W., A Raiz dos Justos, Mundo Cristão
- (5) Dicionário Internacional de Teologia do Antigo Testamento, Editora Vida Nova

(6) *BONHOEFFER, Dietrich, Ética, Editora Sinodal*

Capítulo 10

(1) *O Novo Dicionário da Bíblia, Edições Vida Nova, 1979*

(2) *Comentário Bíblico Moody, Editora Batista Regular*

(3) *Ibidem*

(4) *CHAMPLIN, Russel Norman, Velho Testamento Interpretado Versículo por Versículo, CPAD*

(5) *Ibidem*

(6) *Comentário Bíblico Moody, Editora Batista Regular*

Capítulo 11

(1) *CHAMPLIN, Russel Norman, Velho Testamento Interpretado Versículo por Versículo, CPAD*

(2) *Comentário Bíblico Moody, Editora Batista Regular*

(3) *CHAMPLIN, Russel Norman, Velho Testamento Interpretado Versículo por Versículo, CPAD*

(4) *Commentaries on the Twelve Minor Prophets by John Calvin, Volume 4, traduzido direto do original em latim para o inglês pelo reverendo John Owen, Grand Rapids, EUA, 1950*

Capítulo 12

(1) *BOYER, Orlando Spencer, Heróis da Fé, CPAD*

(2) *Dicionário Vine, CPAD*

(3) *Comentário Bíblico Moody, Editora Batista Regular*

(4) *Commentaries on the Twelve Minor Prophets by John Calvin, volume IV, Grand Rapids, 1950, EUA*

Capítulo 13

(1) *TOZER, A. W., A Raiz dos Justos, Mundo Cristão*

(2) *WILKERSON, David, David Wilkerson exorta a igreja, Editora Vida*

(3) *LLOYD-JONES, Martin, Avivamento, Publicações Evangélicas Seleccionadas, 1992*

(4) *Ibidem*

(5) *Ibidem*

Capítulo 14

- (1) *BOYER, Orlando Spencer*, Heróis da Fé, *CPAD*
- (2) O Novo Comentário da Bíblia, *Edições Vida Nova, Volume II*, 1983
- (3) *PACKER, James Iann*, O Conhecimento de Deus, *Mundo Cristão*

Capítulo 15

- (1) Comentário Bíblico Moody, *Editora Batista Regular*
- (2) *CHAMPLIN, Russel Norman*, Velho Testamento Interpretado Versículo por Versículo, *CPAD*
- (3) O Novo Comentário da Bíblia, *Edições Vida Nova, Volume II*, 1983
- (4) *CHAMPLIN, Russel Norman*, Velho Testamento Interpretado Versículo por Versículo, *CPAD*
- (5) *Ibidem*
- (6) Comentário Bíblico Moody, *Editora Batista Regular*

Capítulo 16

- (1) *BOYER, Orlando Spencer*, Heróis da Fé, *CPAD*
- (2) *PACKER, J. I. e NYSTROM, Carolyn*, Nunca perca a esperança, *Editora Fiel*
- (3) Comentário Bíblico Moody, *Editora Batista Regular*
- (4) *CHAMPLIN, Russel Norman*, Velho Testamento Interpretado Versículo por Versículo, *CPAD*
- (5) *COWMAN, Lettie B.*, Mananciais no Deserto, *Editora Betânia*, 1975

Capítulo 17

- (1) Cantor Cristão, *hino 398*, *JuERP*
- (2) *ICHTER, Bill H.*, Se os hinos falassem..., *volume III, 3ª edição*, *JuERP*, 1987
- (3) *COWMAN, Lettie B.*, Mananciais no Deserto, *Editora Betânia*, 1975
- (4) *BROWN, Stephen*, Quando a corda se rompe, *Editora Vida*, 1990
- (5) Comentário Bíblico Moody, *Editora Batista Regular*
- (6) Dicionário Internacional de Teologia do Antigo Testamento, *Editora Vida Nova*

(7) *PEARLMAN, Myer*, Através da Bíblia livro por livro, *Editora Vida*, 1978

(8) Bíblia de Estudo Pentecostal, *CPAD*

Capítulo 18

(1) Comentário Bíblico Moody, *Editora Batista Regular*

(2) *CHAMPLIN, Russel Norman*, Velho Testamento Interpretado Versículo por Versículo, *CPAD*

(3) *COWMAN, Lettie B.*, Mananciais no Deserto, *Editora Betânia*, 1975

(4) *CHAMPLIN, Russel Norman*, Velho Testamento Interpretado Versículo por Versículo, *CPAD*

SILAS DANIEL

HABACUQUE

*A vitória da fé
em meio ao caos*

Dois grandes enigmas afligiram Habacuque, duas questões que perturbam todos que se vêem repentinamente engolfados pelo caos:

- Se Deus é santo, por que parece silenciar diante do pecado que avança?
- E por que sofre o justo enquanto o ímpio prospera?

Os enigmas que afligiram Jó e Asafe são os mesmos que atormentaram o profeta e hoje perturbam milhares de cristãos sinceros afligidos pela reviravolta repentina do mal. Diante deles, uma teologia simplista e a mera concepção de bem e mal não funcionam.

Ao confrontar-se com esses enigmas, Habacuque procurou respostas a questões que o judaísmo de sua época ainda não pudera solucionar de modo perfeito. Por isso, buscou a Deus intensamente e recebeu uma das lições espirituais mais extraordinárias de todos os tempos.

As perguntas do profeta não permaneceram sem resposta. Se os seus questionamentos são os mesmos, também não. A lição que Habacuque aprendeu provocou uma mudança sensível em seu coração. Ele nunca mais viu a Deus e a vida de fé do mesmo jeito. Deus quer fazer essa mesma revolução em sua vida!



Silas Daniel é ministro do evangelho, jornalista e editor-chefe de *Jornalismo da CPAD*. É autor dos livros *Reflexão sobre a alma e o tempo*, *Como Vencer a Frustração Espiritual* e *A Sedução das Novas Teologias*, todos editados pela CPAD.

ISBN 85-263-0759-2

